



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

**UIA - International Student Competition in Architecture Design
Unexpected City. Intervenção no Edifício Silo Auto Porto**

Fábio Silva Santos

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Arqº Jorge Humberto Canastra Marum

Covilhã, Outubro de 2014

Agradecimentos

À minha mãe, pelos longos, conturbados e intensos anos do curso, que ora se traduziram em momentos de aflição e desespero, ora em momentos de pura satisfação e realização.

A todos os amigos que conheci na UBI, em especial ao Fábio Ferreira, Elin Tang, Andreia Enes, Ricardo Teles, Diogo Couto Carolina Monteiro, Catarina Gavina, Diana Gonzalez, Joana da Silva, Teresa Carvalho, Luciano Figueiredo, Hélio Cardoso, Daniel Domingos e Margarida Tavares.

Em especial à Teresa, pela dedicação e companheirismo.

Por fim, ao meu orientador, o Professor Doutor Jorge Humberto Canastra Marum por todas as conversas, dúvidas e reuniões onde o seu contributo tornou possível a realização desta dissertação bem como o enriquecimento do meu conhecimento.

Resumo

A cidade actual assume-se cada vez mais incerta pelas suas práticas, costumes e públicos, em particular, pelo enquadramento contemporâneo das suas vivências.

Cremos que entender a cidade, na ocasião que envolve um projecto de arquitectura, implica pensar a cidade estabelecendo uma reflexão sobre três paradigmas que consideramos incontornáveis: A cidade como contexto, o lugar da experiência e o edifício como concretização do corpo da cidade. Esta investigação teve como princípio o desafio de pensar a "Cidade Inesperada", tema do concurso "*Unexpected City*", organizado pelo *Union Internationale des Architectes* com o "*international student competition in architecture design*"

Partindo de uma leitura multifacetada da cidade, este estudo reflecte sobre a cidade contemporânea e as suas múltiplas características sociais e culturais, linhas orientadoras de uma relação indissociável entre o Homem e o espaço, que abre o horizonte a inúmeras possibilidades na construção de ambientes e de lugares. Sob esta relação desenvolve-se uma investigação sobre o *Genius Loci* ou espírito do lugar, sobre a identidade e a compreensão que temos com o lugar.

Abordamos o tema da cidade, os seus "bons" e "maus" lugares, no sentido de uma visão sobre o território e sobre as necessidades do seu tempo.

Reabilitar as infraestruturas urbanas assume-se como tarefa principal desta investigação. Assim como sustentação desta reflexão teórica, propomos uma releitura do edifício Silo Auto no Porto que dá lugar a um silo empresarial, através de um projecto de arquitectura em todas as suas fases, que se traduz na adaptação deste edifício a uma incubadora de empresas. Entendemos que o processo de incubação pode funcionar como um motor impulsionador do sistema económico local, bem como garantia do reforço da imagem criativa e empreendedora da cidade do Porto.

Palavras-chave

Cidade; Lugar; Edifício; Identidade; Reconversão;

Abstract

The city of today is deemed more uncertain every day, due to the practices, customs, its audience, and particularly, the context of today's lifestyle.

We believe that understanding the city, while inserted in an architecture project, implies conceiving the city by establishing a reflection about three paradigms that we deem unavoidable: the city as context, the place of experience and the building as concretization of the body of the city. This investigation took as its principle the challenge of reflecting on the theme of the contest "Unexpected City", organized by the *Union Internationale des Architectes* working with the "*international student competition in architecture design*".

With a multifaceted reading of the city as starting point, this study reflects about the contemporary city and its many social and cultural characteristics, guiding lines of an unbreakable connection between Man and the surrounding space, which brings up a world of possibilities for constructing ambiance and location. Keeping this relationship in mind, an investigation was developed, focusing on the *Genius Loci*, or the spirit of the place, an investigation that focuses on the identity and our reading of the location.

We approach the theme of the city, the "good" and "bad" locations, to build a vision of the definition of territory when related to the necessities of its time.

The rehabilitation of urban infrastructures is the main task of this investigation. To support this theoretic reflection, we propose a reading of the Silo Auto building, at Oporto, which serves the purpose of a corporate silos, through a multiphasic architectural project which translates to the adaptation of this building as a multi company incubator. We believe the incubation process would work as a driving force to the local economic system, as well as a warranty of reinforcement of the creative image and the entrepreneurship of Oporto city.

Key Words

City; Location; Building; Identity; Reconversion;

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Índice	ix
Lista de Figuras	xi
Lista de Acrónimos	xv
Introdução	1
Considerações iniciais	1
O problema	2
Os objectivos	3
Hipótese	4
A metodologia	4
A normalização	5
Definições	6
Capítulo 1 A cidade (o contexto)	9
1. A construção da Cidade contemporânea - o legado funcionalista do movimento moderno	11
1.1 A forma e ideologia. Em busca da “nova cidade”	14
1.1.1 A Cidade “mutante”, Archigram (1961-1969)	15
1.1.2 A cidade da memória, Aldo Rossi	17
1.1.3 A cidade “comunicativa”, Robert Venturi	18
2 O papel das cidades. Um século em constante mudança	19
2.1 A cidade vista como um sistema	22
2.2 Do sistema ao espaço urbano	26
3 Após a cidade moderna	29
3.1 Representações da contemporaneidade	31
3.1.1 Cidade Virtual	31
3.1.2 A cidade ecológica	34
3.1.3 Jacinto Rodrigues “que alternativas para a cidade do Porto (por um manifesto de um outro Porto 2000 e tal)”	37
3.1.4 A cidade cultural	39
Caso de Estudo - a cidade Porto	42
4 Antecedentes históricos	42
4.1 A produção do espaço urbano, uma viagem pelo tempo	45
5 Olhar sobre a cidade	48
5.1 A cidade incerta	50
5.2 Políticas Urbanas	51

5.3	A cidade criativa	53
5.4	As Capitais Europeias da Cultura	54
6	Pressupostos de Projecto. A estratégia	56
Capítulo 2 O lugar (a experiência)		57
1	Definir o “lugar”	59
2	Espírito do lugar	61
2.1	O “espaço existencial”	65
2.2	“Genius Loci”	66
3	Identidade do lugar	67
4	Carácter do lugar	69
5	Lugares e não lugares. Diferentes perspectivas	70
Caso de Estudo		73
6	O lugar dos lugares	73
7	O sentido “Genius Loci” aplicado ao lugar São Gonçalo Cristóvão	75
7.1	O reconhecimento do lugar	76
7.1.1	Área de intervenção	77
7.1.2	O lugar de Encontro dos hábitos. A rua como ponto de partida	79
8	Pressupostos de Projecto . A relação	81
Capítulo 3 O edifício (o Corpo)		83
1	A arquitectura face à história	85
1.1	O encontro com o edifício	86
2	Em busca da cidade criativa, diversidade, práticas e direcções	88
3	O Edifício na cidade. Intervir na cidade criativa	92
4	Silo Auto Porto	95
5	Pressupostos de Projecto	102
Capítulo 4 A Proposta		103
1	Memória descritiva e Justificativa	105
1.1	Ideia e conceito	106
Bibliografia		115
Anexos		121

Lista de Figuras

Figura 1 Fritz Lang, com seu filme "Metrópolis", 1926 Fonte: http://3.bp.blogspot.com/-xK4D1wv-_vA/T8PJLBB91-I/AAAAAAAAA63E/xZAUxjniCXg/s400/Metropolis+1926.jpg	9
Figura 2 Cidade Empilhada, 2008 Fonte: http://espaco-devir-lugar.blogspot.pt/2008_11_01_archive.html	11
Figura 3 Acta do 1º Congresso Nacional de Arquitectura Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/I_Congresso_Nacional_de_Arquitectura	12
Figura 4 Le Corbusier, <i>Plan Voisin</i> , Paris, 1925 Fonte: alternativeagendas.blogspot.pt/2011/06/big-plans.html	14
Figura 5 <i>Walking City</i> , 1963 Fonte: http://www.solsken.com/blog/tag/architecture/	15
Figura 1 Peter Cook, <i>Plug-In City</i> , 1964 Fonte: http://www.plataformaarquitectura.cl/2009/02/12/utopias-reloaded/	16
Figura 2 Alfama, cidade histórica de Lisboa Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfama	17
Figura 8 Duck e Decorated Shed Fonte: http://www.guindo.com/blog/category/books/	18
Figura 9 Cidade de Buenos Aires, 2013 Fonte : Fábio Santos	21
Figura 10 Fotograma de Navid Baraty, outra perspectiva de Nova York Fonte: http://www.pavablog.com/2012/08/28/nova-york-fotografada-de-cima/	23
Figura 11 Fotograma de Navid Baraty, outra perspectiva de Nova York Fonte: http://www.pavablog.com/2012/08/28/nova-york-fotografada-de-cima/	24
Figura 12 The Naked City Fonte: http://www.ryanraffa.com/parsons/blog/urban-drifts/	27
Figura 13 Mapa turístico da cidade do Porto Fonte: http://visitporto.travel/Paginas/GaleriaDocumentos.aspx	27
Figura 14 Cidades de baixa densidade, como Milton Keynes, no Reino Unido, consomem muita energia, tornando-se insustentável a longo prazo Fonte: <i>Guia Básico para a sustentabilidade</i> , Brian Edwards, Gustavo Gili, p.6	34
Figura 15 Diagrama, Richard Rogers Fonte: http://www.richardrogers.co.uk/render.aspx?siteID=1&navIDs=1,4,25,691&showImages=detail&sortBy=&sortDir=&imageID=804	36

Figura 16 Planta geral de Postdamer Platz, Berlim, Richard Rogers, 1991 Fonte: http://www.richardrogers.co.uk/render.aspx?siteID=1&navIDs=1,4,25,691&showImages=detail&sortBy=&sortDir=&imageID=804	36
Figura 17 Beco do Batmam, São Paulo, 2013 Fonte: Fábio Santos	39
Figura 18 La boca, Buenos Aires, 2013 Fonte: Fábio Santos	39
Figura 19 Performance do grupo La Fura dels Baus no âmbito da abertura de Guimarães Capital Europeia da Cultura, 2012 Fonte: http://www.theartnewspaper.com/articles/Portugal-celebrates-its-history-on-a-budget/25497	41
Figura 20 Palácio de Cristal do Porto de Thomas Dillen Jones Fonte: http://portoarc.blogspot.pt/2013/09/divertimentos-dos-portuenses-iv.html	43
Figura 21 Palácio de Cristal de Londres Joseph Paxton Fonte: http://www.pinterest.com/pin/73746512621117064/	43
Figura 22 Cidade do Porto Fonte: http://www.portopatrimoniomundial.com/o-porto-visto-de-gaia.html	48
Figura 23 Casa da Música, Porto Fonte: http://sosaudemoimentabeira.comunidades.net/index.php?pagina=1397974844	55
Figura 24 Rio de Janeiro, 2013 Fonte: Fábio Santos	57
Figura 25 Bairro Alto Lisboa Fonte: http://www.hostelba-bairroalto.com/guide_night_pt.html	60
Figura 26 Perspetiva da sua sobre o Silo Auto Fonte: Fábio Santos	76
Figura 27 Localização da área de estudo (folha01-anexos) Fonte: Fábio Santos	77
Figura 28 Vistas aéreas da área de estudo Fonte: https://www.google.com/earth/	78
Figura 29 Conjunto de imagens, Edificações da área de estudo. Fonte: http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/04/os-planos-para-o-portodos-almadas-aos_7351.html	78
Figura 30 Serviços turísticos, culturais e comerciais no centro da cidade do Porto (folha 02-anexo) Fonte: Fábio Santos	80
Figura 31 Perfis da rua Gonçalo Cristóvão e da Rua Sá da Bandeira Fonte: Fábio Santos	81
Figura 32 Silo auto Fonte: Fábio Santos	83

Figura 33 Parque Expo da cidade de Lisboa	92
Fonte: http://www.inta-aivn.org/en/activities/exchange/roundtables/2011-lisbon	
Figura 34 Antiga estação ferroviária de Orsay, Paris	94
Fonte: http://viverarquitetando.blogspot.pt/2010/05/reutilizacao-de-edificios.html	
Figura 35 Museu de Orsay	94
Fonte: http://paris-fotos.blogspot.pt/2013/07/museu-dorsay.html	
Figura 36 Silo Auto perspectiva da praça	95
Fonte: Fábio Santos	
Figura 37 Fachada do Silo auto	95
Fonte: Fábio Santos	
Figura 38 Canivete suíço	96
Fonte: http://jorieos.blog.com/2009/01/28/canivete-suico/	
Figura 39 Abordagem arquitectos Cristina Guedes, Francisco Vieira e o geógrafo Álvaro Domingues para o Silo Auto	97
Fonte: expresso edição do dia 28 de Dezembro de 2013	
Figura 40 O “mono”	97
Fonte: http://www.ehow.com/info_12134631_mono-tv.html	
Figura 41 Levantamento dos parques de estacionamento na área circunscrita pelo Silo Auto (Folha 3 do anexo)	98
Fonte :Fábio Santos	
Figura 42 Planta de Implantação do Projecto original	99
Fonte: Câmara Municipal do Porto	
Figura 43 Planta do rés-do-chão do projecto inicial	99
Fonte: Câmara Municipal do Porto	
Figura 44 Planta tipo dos pisos 2,3,4,5,6 e 7 do projecto inicial	100
Fonte: Câmara Municipal do Porto	
Figura 45 Planta do Piso 8, estádio de Hóquei proposta inicial	100
Fonte: Câmara Municipal do Porto	
Figura 46 Corte 1 do projecto inicial	101
Fonte: Câmara Municipal do Porto	
Figura 47 Corte 2 do Projecto inicial	101
Fonte: Câmara Municipal do Porto	
Figura 48 Alcado sul do projecto inicial	101
Fonte: Câmara Municipal do Porto	
Figura 49 Proposta final para os módulos	103
Fonte: Fábio Santos	
Figura 50 Conjunto de imagens do Silo Auto	106
Fonte: Fábio Santos	

Figura 51 Conceito/ideia para projecto Fonte: Fábio Santos	108
Figura 52 Processo de incubação Fonte: http://uptec.up.pt/incubacao	108
Figura 53 O sistema Fonte: Fábio Santos	109
Figura 53 O módulo Fonte: Fábio Santos	110
Figura 54 Maquete do Módulo Fonte: Fábio Santos	110
Figura 55 Soluções e possíveis organizações (folha 30- anexo) Fonte: Fábio Santos	111
Figura 56 Construção do sistema modelar(folha 29-anexos) Fonte: Fábio Santos	112
Figura 57 Madeira de Pinho, estrutura principal do módulo Fonte: http://www.majodir.com/index.php?id=00322005%23&idp=420&tbl=registos	113
Figura 58 MDF no qual ser-se-á aplicado o acabamento em tinta para conferir-lhe o aspecto final idêntico ao gesso cartonado Fonte: covema.pt/produtos/mdf/mdf-hidrofugo-resistente-a-humidade	113
Figura 59 Placas de contraplacado revestido com polipropileno o que já lhe confere um acabamento final e resistente à humidade Fonte: http://www.multiplacas.pt/contraplacados/revestidos/koskifutura-smooth	113
Figura 60 Acabamento em Policarbonato Fonte: http://www.materialidade.com.br/blog/materiais/plastico/um-pouco-sobre-policarbonato/attachment/fachada-policarbonato/	113
Figura 61 Proposta final para os modulos(folha31-anexos) Fonte: Fábio Santos	114

Lista de Acrónimos

EU	União Europeia
PDM	Plano Director Municipal
BI	Bilhete Identidade
CEC	Capitais Europeias da Cultura
UIA	Union Internationale des Architectes

Introdução

Considerações iniciais

A presente dissertação centra-se na relação entre a cidade, o lugar e o edifício, como produto das demais especificidades que constituem a estrutura da cidade contemporânea. Esta aborda vários momentos históricos porém, a sua investigação está definida entre movimento moderno e a actualidade.

Neste estudo abordar-se-á a cidade como um todo, que através de estratégias estruturais se vão readaptando aos novos tempos, conjugando o seu passado histórico com o seu presente. Das estratégias estruturais adoptadas destacam-se o espaço urbano e a fragmentação dos lugares. Lugares esses que são vistos como uma aproximação do pensar a cidade nos dias de hoje recorrendo ao uso de práticas e tradições, que traduzem a parte viva do espaço da cidade. Assim poderá estabelecer-se uma ponte entre o conteúdo da cidade, do lugar e do edifício estabelecendo-se pressupostos de projecto na concepção de uma proposta de arquitectura que aborde o conceito do que se pode entender como “*Unexpected City*”.

Segundo o concurso organizado pela UIA (*Union Internationale des Architectes*) a “*Unexpected City*” consiste numa cidade onde a imaginação e a criatividade propõem uma nova visão da mesma. Na abordagem deste conceito é necessário ter presente que o mundo é repleto de expectativas e incertezas, que representam a busca de novos contornos e percursos nos múltiplos espaços gerados pela arquitectura da cidade.

Entendemos que a estrutura do Silo-Auto, na cidade do Porto, ao longo dos anos tem vindo a sofrer os efeitos da globalização. Compreendido numa vertente modernista, a sua presença caracteriza um lugar único na cidade. Os seus círculos enquadram uma paisagem singular da cidade que não é avistada por muitos, porém nem isso o impede de se fechar dentro de si, ao abandono. Assim premeditando o que se poderá esperar da cidade, este estudo tomará a cidade do Porto e o Silo-Auto como objectos de estudo. Define-se um período histórico de estudo compreendido entre o início do séc. XX e o séc. XXI, mais concretamente de 1911 até à actualidade. O ano de 1911 é o ano da criação da Universidade do Porto, que marcou um dos importantes avanços sociais da cidade da época. Nesta época a cidade do Porto também já se aproximara de alguns dos ideais do movimento moderno e das novidades que a emoção do digital e do tecnológico. Ideais e emoções que mergulhavam a cidade num constante espectáculo. Estes factos fizeram com que a cidade ganhasse novos ritmos e novas perspectivas, levando a cidade do Porto nos conturbados anos 60 a culminar num dos momentos mais importantes da sua história. Verificou-se um processo de modernização e crescimento da cidade

com a aplicação do Plano Director Municipal 1962, conhecido como o plano Auzelle, no qual a cidade do Porto se comprometia a crescer estrategicamente e competitivamente, desde a renovação das suas estruturas urbanas bem como a construção da ponte da Arrábida, da Ponte do Freixo e a construção de vias rápidas, que representavam uma maior afluência à cidade do Porto. Nessa época o PDM de 1962 revelou-se fundamental para a estruturação do esquema urbano da cidade, na resolução dos problemas que as cidades estavam a enfrentar, como por exemplo o aumento do tráfego automóvel, tornando necessária a construção do silo auto.

O problema

A questão inicial que esta dissertação propõe a investigar, resulta do desafio lançado pela *Union Internationale des Architectes* com o “*international student competition in architecture design*”. Do desafio acima referido, surge a questão: o que será “*Unexpected City*” ou cidade inesperada? Assim esta dissertação centra-se na noção e conceito de “*Unexpected City*”.

A cidade contemporânea revê-se hoje nos seus múltiplos espaços e sob as suas diversas formas de apropriação. Mais que um espaço físico dos aglomerados, a cidade é o reflexo da combinação dos inúmeros factores que determinam a sua estrutura. Viver a cidade obriga a uma constante adaptação do homem aos diferentes momentos dos espaços sociais, desde o passado, o presente e ao futuro. O progresso, a evolução e o desenvolvimento da cidade constituem assim um sistema integrante de representações, em que as suas características, os seus limites e as suas possibilidades sustentam um mundo criativo de novos desafios correspondentes aos desejos da da sociedade.

Em suma, a dissertação centra-se na definição do conceito de cidade inesperada, na busca de representações que respondam às necessidades da cidade dos nossos dias e nos desafios a que ela se propõe, nomeadamente na arquitectura, no silo-auto e na cidade do Porto. A imagem da cidade resulta das múltiplas interações do espaço sustentado pela visão contemporânea como visão experimental. Na tentativa de resolução das suas problemáticas, as novas formas de abordagem dos espaços da cidade responderão com novas potencialidades do que poderá vir a ser o futuro das estruturas da cidade, não permitindo que estas sejam ocupadas pelo vazio. É nesta segunda abordagem do edifício silo auto que se estuda a cidade do Porto e que se encontra respostas para a reocupação dos vazios urbanos, resolvendo a questão da cidade ter muitos lugares e edifícios que não são aproveitados pelos que nela vivem.

Os objectivos

Pretende-se com a presente dissertação investigar o conceito “*Unexpected City*” proposto a concurso pela UIA, com o “international student competition in architecture design”. Dessa forma, o desenvolvimento desta dissertação busca nesse mesmo conceito teórico e prática a resposta para os objectivos propostos pelo concurso. Segundo esses mesmos objectivos a cidade de hoje é marcada pelas suas mais diversas vertentes: a cidade virtual, a cidade sustentável e a cidade cultural. Estas têm-se representado nos dias que correm pelo seu grau de incerteza no mundo social e nos seus encontros no espaço público e na arte. Tudo isto revela a cidade como um processo de transição, no qual os jurados do concurso descrevem na realidade próxima da cidade o futuro de uma cidade cada vez mais incerta.

Com o estudo do enquadramento estratégico da cidade do Porto procura-se responder aos objectivos propostos no concurso, teorizar novas perspectivas através da valorização do traçado da estrutura urbana, bem como de espaços representativos de actividades do passado. Assim ao intervir no Silo Auto Porto pretende-se abordar o constante e exagerado problema do abandono de estruturas políticas e estratégias urbanas da cidade. Desta forma promove-se e propõe-se uma ligação do passado com o futuro da cidade, traçando novas linhas na abordagem da forma e do pensar os seus espaços.

Pretende-se ainda explorar a relevância do Lugar (*genius loci*) e do edifício, com o objectivo de confrontar o processo projectual de transformação e intervenção dos espaços com o contributo para um novo imaginário associado à recriação de espaços e de uma “nova história para os espaços”. Assim poderá entender-se a relevância histórica, social e identitária para a manutenção e atribuição de novos usos às pré-existências do edificado, compreendendo e analisando formas hipotéticas a usar na recriação da cidade para que esta se possa adaptar a novos desafios. Deste modo, apoiar-se-ia a criatividade e consequentemente as indústrias criativas no desenvolvimento de postos de trabalho e de novos empreendedores, respondendo ao desenvolvimento urbano e sectorial da cidade do Porto, nomeadamente do silo auto Porto na conclusão prática das estratégias teóricas abordadas para a concretização da proposta de um centro empresarial/incubadora de empresas. Esta solução estratégica permitiria combater a desertificação que os centros urbanos vivem nos dias que correm, adaptando o presente ao futuro contemporâneo, ou seja, propondo a adaptação de um espaço adaptado às necessidades de outrora para um espaço que se adapte às necessidades do presente.

Hipótese

Perante as constantes transformações que a cidade nos oferece e atendendo aos objectivos a que esta dissertação se propõe, a cidade apresenta-se como um confronto de ideias do seu tempo, que levanta questões entre a morfologia que se desenvolve nas nossas cidades e a hipotética insuficiência que o actual espaço urbano apresenta no abandono de estruturas.

Assim face a este problema, formulamos a seguinte questão: será que a actual identidade que as cidades desenvolveram sustentada na criatividade, corresponderá à “*Unexpected City*” ou cidade inesperada?. Na actual oferta que a cidade nos propõe em termos de mobilidade, de mercados e de oportunidades, parece legítimo formular a seguinte hipótese: será que no contexto do abandono de determinadas, estruturas urbanas, poderemos encontrar novas propostas para cidade consolidada que reforcem uma identidade urbana?

A metodologia

A presente dissertação divide-se por duas fases distintas: uma primeira fase de análise teórica e a segunda de execução prática.

Na primeira fase faz um enquadramento teórico do tema a abordar na dissertação, com o objectivo de definir e fundamentar o conceito de “*Unexpected City*”. Para a sua concretização foi necessária uma recolha e análise bibliográfica com recurso a artigos, livros, teses, internet.

Assim , esta dissertação divide-se em 4 partes, dos quais 3 primeiros capítulos desenvolvem os temas que consideramos basilares para o desenvolvimento teórico:

- Capítulo 1: A cidade (o contexto)
- Capítulo 2: O lugar (a experiência)
- Capítulo3: O edifício (o corpo)

O desenvolvimento prático consta no capítulo 4 e dividir-se em dois momentos distintos: num primeiro momento abordar-se o programa do edifício e num segundo momento na elaboração de um sistema modular a ser aplicado no edifício do Silo Auto. Para a realização deste projecto de arquitectura será tido em consideração todos os conceitos e temas abordados nas fases anteriores.

A normalização

A estruturação desta dissertação foi definida segundo as Normas de formatação de teses de mestrado da Universidade da Beira Interior, segundo despacho Nº 49/R/2010, seguindo a sequência de apresentação por este determinada.

No corpo de texto, foram estabelecidas as mesma regras de formatação que o referido despacho (Nº 49-7R/2010), tendo sido acrescentado o nome de cada título ou subtítulo sob a forma de nota de cabeçalho.

Nas notas de rodapé, citações e bibliografia, optou-se pela utilização das normas internacionais do Harvard System of Referencing Guide. Todas as obras referenciadas foram consultadas e constam da bibliografia, pelo que, quando indicadas no corpo de texto com nota numerada, as suas referências encontram-se abreviadas em nota de rodapé e por extenso na bibliografia geral.

As citações utilizadas ao longo desta dissertação aparecem em itálico e entre aspas (“texto”). As restantes palavras que se encontram em itálico mas sem aspas (texto) ao longo do texto, referem-se a títulos, marcas ou palavras que entendemos importante de salientar.

Para o desenvolvimento desta dissertação foi utilizado o pré-acordo ortográfico.

Definições

Cidade. “1 Aglomerado humana de certa importância, localizada numa área geográfica circunscrita e tem numerosas casas, próximas entre si, destinadas à moradia e/ou a actividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e a outras não relacionadas com a exploração directa do solo.”¹

Sistema- “1 conjunto de elementos concretos ou abstratos intelectualmente organizado 1.1 conjunto concebido pelo espírito(como hipóteses, crenças, etc.)de objecto de reflexão, ou convicção, unidos por um fundamento;doutrina;ideologia;teoria;tese.”“2. estrutura que se organiza com base em conjuntos de unidades inter-relacionáveis.”²

Lugar “1.1 área de limites definidos ou indefinidos. 1.2 Parte do espaço que ocupa ou poderia ocupar uma, coisa um ser animado. 1.3 Área apropriada para ser ocupada por pessoas ou coisas”³

Intervenção “1.acção de intervir 2. Acção de tomar parte num processo, de interpor a sua influência, autoridade ou qualquer acção com vista à obtenção de um fim; acção de interferir.”⁴

Incubação “1.4 fig. Período durante o qual um acontecimento, uma criação etc. Se elabora à surdina antes de assumir existência efectiva; preparação, elaboração.”⁵

Urbano - “1. Dotado de urbanidade; afável, civilizado, cortês <modus u.> 2. (1702) relativo ou pertencente à cidade, ou que lhe é próprio <política u.> <paisagem u.> <transporte u.> 3 que tem carácter de cidade <ajuntamento u.> 4 que ou o que vive na cidade, tem ocupação e hábitos típicos da vida da cidade <população u.>”⁶

Cultura “2 pej. Conjunto de actitudes, linguagens, conhecimentos e costumes assim induzidos, que tendem freq. À estereotipagem e à simplificação e procura m satisfazer indirectamente interesses de determinados grupos sociais; indústria cultural”⁷

¹ Dicionário Houaiss da língua Portuguesa , Tomo I A-Cza, Lisboa, 2003, p. 926

² Ibidem, p. 926

³ Dicionário Houaiss da língua Portuguesa , Tomo II D-MER, Lisboa, 2003, p. 2319

⁴ Definição in Dicionário da língua Portuguesa Contemporânea. G-Z. Academia das ciências de Lisboa, 2001

⁵ Dicionário Houaiss da língua Portuguesa , Tomo II D-MER, Lisboa, 2003, p. Pág.2075

⁶ Dicionário Houaiss da língua Portuguesa , Tomo III Mer-Zzz, Lisboa, 2003, pág.3638

⁷ Dicionário Houaiss da língua Portuguesa , Tomo III Mer-Zzz, Lisboa, 2003, p.1152

Identidade “ 4. Conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa e graças às quais é possível individualizá-la “⁸

Edifício “1.obra arquitectónica, de certa importância, destinada a abrigar os diversos tipos de actividades humanas; edificação, casa, prédio, imóvel”⁹

⁸ Dicionário Houaiss da língua Portuguesa , Tomo II D-MER, lisboa, 2003, p. 2029

⁹ Dicionário Houaiss da língua Portuguesa , Tomo I1 D-Mer, lisboa, 2003 P. 1425



Figura1 Fritz Lang, com seu filme "Metrópolis" , 1926, retrata a grandiosidade da cidade construída, uma vez que no futuro apenas a elite habitaria a superfície, enquanto os pobres trabalharam no subsolo.

Capítulo 1 | A cidade (o contexto)

A cidade (o contexto)

1. A construção da Cidade contemporânea - o legado funcionalista do movimento moderno

Na actualidade é mais do que evidente que as cidades que conhecíamos mudaram. Cresceram nos seus limites, expandiram os seus centros e aumentaram as suas infraestruturas. Mais, com o aparecimento da sociedade de informação, as mudanças dos padrões económicos e tecnológicos vieram reflectir profundas modificações na abordagem à cidade.

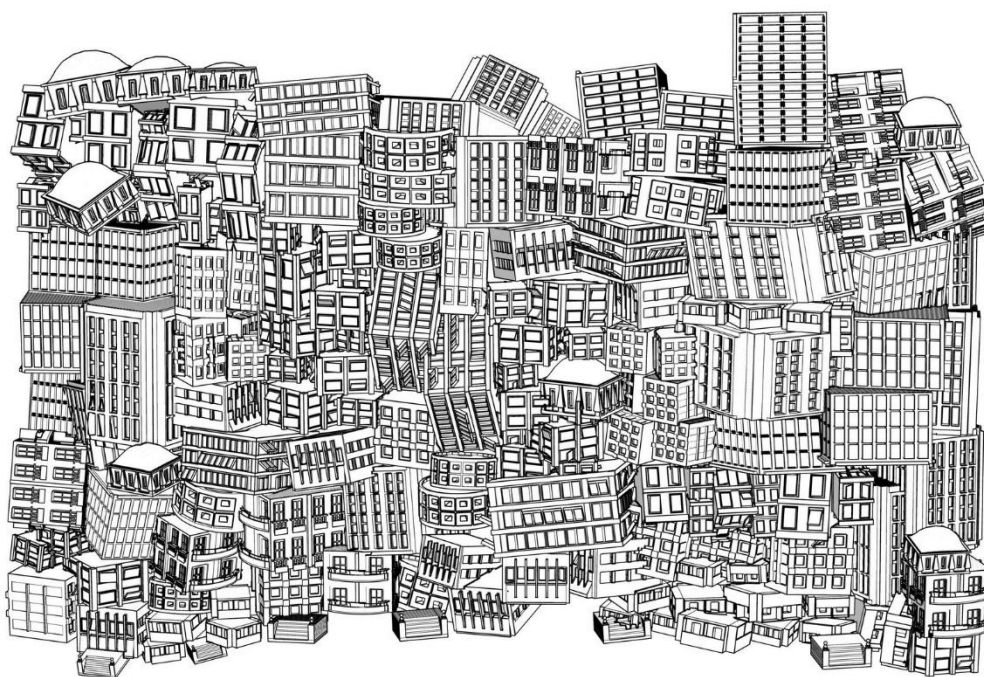


Figura 2 Cidade Empilhada, 2008

A arquitectura e a cidade vivem hoje fortemente condicionadas pelas diversas maneiras de ver e de compreender o tempo¹⁰, onde particularmente Nuno Portas distingue o choque entre arquitectura e urbanismo, não pela sua escala, nem pelo objectivo, mas sim pelo objecto, no grau de certeza ou incerteza no qual o conceito de tempo confere as estruturas da cidade. A “cidade” passa, assim, a ser a resultante da evolução do planeamento dedutivo entre o plano e o projecto.

O sentido do tempo compõe-se assim de distintas temporalidades no ponto de vista contemporâneo. Por um lado é-lhe necessário projectar futuro, por razões de sobrevivência e de prioridade, por outro as exigências do contexto de globalização e da proliferação de tecnologias, impõem a lógica do “tempo real”, que impede a criação de projectos para o futuro,

¹⁰ o tempo se refere é um tempo não referencial.

onde envolveram as cidades dos anos 60, num processo de reinvenção dos modelos de planeamento propostos desde essa altura.

Este envolvimento repensava-se de uma dupla crise identitária, nomeadamente no social e na cultura modernista. A sociedade é resultado de intensas transformações da cidade. Em particular, a sociedade Portuguesa dos anos 40, que ainda dava lugar a uma sociedade tradicional e predominantemente rural, baseada numa economia de subsistência e fechada, na qual, num curto período histórico, teve que adotar uma sociedade predominantemente urbana permeável ao exterior, baseada numa economia de mercado.

A estratificação social e o aparecimento de grupos sociais na altura traduziam fortes alterações nos aglomerados urbanos e a produção do espaço urbano não obedecia a uma visão estratégica integrada, o que se revelou na incapacidade de fixar populações ligadas a uma actividade económica dinâmica, produzindo na cidade novos sectores populacionais. Na dificuldade da continuidade cultural, a cidade confronta-se cada vez mais com uma situação amorfa, por vezes não conseguindo assumir uma malha estruturante e incapaz de conservar a continuidade urbana.

Os tecidos urbanos assumiram assim novos padrões na cidade histórica com o crescimento das suas infraestruturas (autoestradas, centros comerciais, unidades de alojamento entre outros serviços), que compreendiam uma vida cidadina, no mínimo diferente da que se vivia anteriormente. Estas dominaram as frentes urbanas, nomeadamente os loteamentos e as zonas industriais, perpetuando-se até aos dias de hoje. Essa segregação e descontinuidade mexeram forçosamente com a essência do ambiente urbano, que passa a reflectir a abordagem da cultura Moderna vivida na actualidade.

O fenómeno da modernização da cidade teve repercussões positivas no melhor acesso da população, aos padrões de vida e consumo modernos, mas de facto o percurso do ambiente urbano manifestou-se como um impacto negativo como fora representativo na maior parte das cidades europeias. A ausência de uma proposta urbana moderna, fazia reflectir à cidade dos anos 40 e neste caso em Portugal, a ausência de uma ideologia, ou mesmo ausência de um projecto concreto das necessidades de um “Movimento Moderno”, o que representara que muitas das propostas na cidade deste movimento surgissem fora de contexto, da era normal de cidade.



Figura 3 Acta do 1º Congresso Nacional de Arquitectura

Simbolicamente, podemos dizer que o movimento moderno deu entrada em Portugal à data do 1º Congresso Nacional de Arquitectos¹¹ em Maio/Junho de 1948, consagrando a voz a uma nova geração, socialmente e culturalmente consciente. À data, reclamavam uma nova abordagem sobre a arquitectura, na discussão da questão da cidade e do alojamento na produção arquitectónica das décadas seguintes, defendendo um corte à impugnação da arquitectura de carácter tradicionalista fomentada pelo Estado Novo, exprimindo assim novas possibilidades, de vida urbana.

Os anos que decorream logo após, foram assumidamente em busca de uma política de concertação na vida das populações da cidade, de modo a convergir a cultura, na qualidade e no interesse público. Os planos de crescimento que reincidiriam à data, surgem da crítica à cidade do século XIX.

As ideologias do Movimento Moderno revelam uma certa fragilidade pela ausência da sua teorização no âmbito da arquitectura, que tradicionalmente vive da construção do espaço urbano. Poderá deduzir-se que a arquitectura das cidades portuguesas tiveram uma relação com este período moderno, muito embora estas não o tenham vivido em plenitude.

A aparente ausência de suporte ideológico no exercício de desenho da cidade levará à inclusão das novas ciências nos anos 60, nomeadamente a geografia e a sociologia introduzem a nova visão do território físico e humano. Visão essa, que veio potenciar, em grande parte, o ritmo contemporâneo. Em certo sentido, este desvirtuamento sentido na cidade, representara de algum modo, um período de declínio da arquitectura, mas fora ao mesmo tempo, um impulso para assumir o modo como pensar a arquitectura contemporânea em Portugal, bem como na busca maior na implementação de políticas urbanas¹². Desta forma, o início da década de 1980 e deslumbrados com a aliança prometida à Europa, as cidades assumem um plano integrado, de forma a atrair grupos económicos a promover estabilidade política e social de cidades e a promover o ambiente, a cultura e o lazer.

¹¹ Organizado pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos o congresso decorreu na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, de 28 de Maio a 4 de Junho de 1948. Tinha como temas programados: "*A arquitetura no plano nacional*" e "*O problema português da habitação*".

¹² Leonardo Benévolo in *História da la Arquitectura Moderna*. Barcelona, 1977, p.12.

1.1 A forma e ideologia. Em busca da “nova cidade”

Sempre exposta a novos contextos, a cidade é o resultado da forma integrada de pensamento e ideologias. A sua caminhada até ao contemporâneo é resultado de inúmeros problemas e soluções urbanas, da teorização de muitos dos modelos, que surgem na constatação do que hoje procuramos e desejamos na cidade. O pensamento paradigmático associa-se a um discurso teórico, no movimento moderno, onde ganhará novos contornos. Na certeza que nunca a cidade vivera a era das máquinas como agora, muitos pensadores temiam os contornos que esta pudesse assumir, e os críticos argumentavam sobre o período moderno, novas formas/ideais de “construir”.

Desse ponto de partida, o movimento moderno manifesta-se também pelas novas abordagens de pensar a cidade. Reacções ao modelo padronizado, e ao modo como se pensava a cidade, marcava-se agora de diferentes ideologias em torno d pensamento da época, destacando alguns aspectos do modelo moderno no seu contraste com o temporalidade vivida, pertinentes para a transformação da sociedade, a partir dos quais podemos compreender alguns dos percursos que a cidade e a especificidade do fenómeno urbano assumira.

Na óptica moderna, a cidade antiga é incapaz de servir as funções da modernidade, não tendo sentido de existir. Assim a cidade moderna impunha-se como uma cidade nova, assumindo-se como a “utopia” que gira em torno da concepção do Homem moderno.

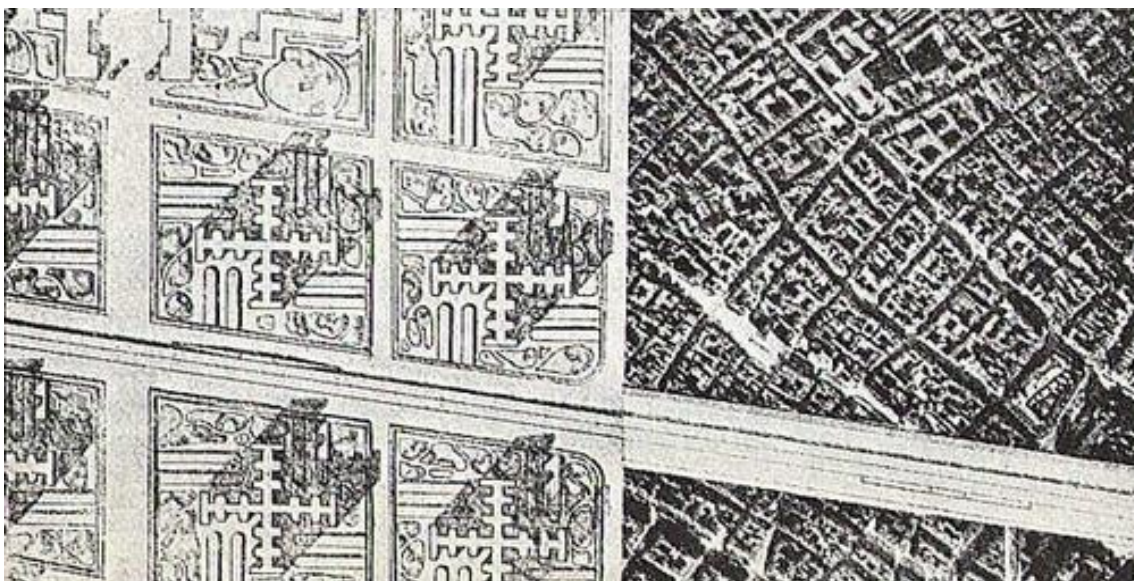


Figura 4 Le Corbusier, *Plan Voisin*, Paris, 1925

Perante esta realidade fictícia, o movimento moderno iniciara uma nova abertura ao espaço utópico, no qual se podia pensar em outra História, outra cidade ou outra forma de habitar. Sonhos que resultaram do desejo, mas que ao mesmo tempo animaram a ideia de uma sociedade. Desta forma, o sentido de cidade assumir-se-ia num espaço, por excelência, de representação e expressão de um modelo da própria “cidade ideal”

A “cidade real” ou a cidade que temos como nossa, é o resultado extraordinário da criação do homem, mas apesar do seu tempo, lugar ou ambição, todas as cidades continuam, incessantemente, em busca da “cidade ideal”, em busca da sua própria identidade, ou seja, em busca da sua própria “utopia”.

1.1.1 A Cidade "mutante"¹³, Archigram (1961-1969)

A ideia do experimental e da liberdade social, à década de 1950, o questionamento de muitas das práticas tradicionais da cidade. Aficionados pela geração do cinema, o pensamento alargado às utopias e à teorização da resolução do “lugar” dos conflitos sociopolíticos através de ideias e projectos nómadas que permitisse uma vida sempre transitória, tal como sugere a *Walking City* em 1963 proposta pelo grupo Archigram ¹⁴.

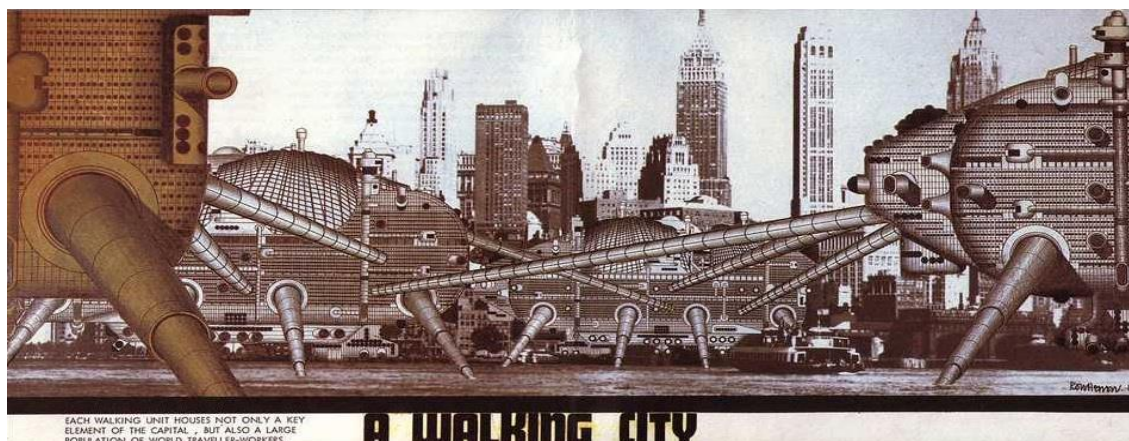


Figura 5 *Walking City*, 1963

Este radicalismo questionava o modelo de sociedade industrial e os projectos urbanos que se iam desenvolvendo em 1960 “[...]um movimento mais amplo de libertação do homem das

¹³ Paul Sigel in *Teoria da Arquitectura do Renascimento aos nossos dias*. Köln, 2003, p. 370

¹⁴ Archigram (architectural + telegram) era um grupo quase um grupo pop de jovens arquitetos criativos que se reuniram. Formado por Peter Cook(1936), Michael Webb(1937), David Green(1937) , Warren Chalk(1927-1987), Ron Herron(1930-1994) e Dennis Crompton (1935). Suas propostas buscavam um diálogo mais próximo com o contexto cultural da época, inspirados pela tecnologia como forma de expressão. Os projetos hipotéticos, eram assim a tentativa de resgatar as premissas fundamentais para a arquitetura moderna

*tendências da cultura contemporânea, uma libertação individual entendida como rejeição a todos os parâmetros formais e morais[...]*¹⁵. O lugar no qual o indivíduo se propõe colocar culmina assim, na apropriação da crítica ideológica de forma a resolver os “vazios” entre o público e o privado, entre o indivíduo e a sociedade, voltando-se com novos argumentos e novos projectos, enquadrado num novo contexto cultural e político.

As suas propostas viviam num domínio entre o real e o imaginário, explorando as potencialidades que a era tecnológica proporcionava, defendiam uma abordagem *high tech*, com infra-estruturas leves, num universo das estruturas insufláveis, computadorizadas, ambientes descartáveis, cápsulas espaciais e imagens baseadas nos consumos de massa.

A cidade compreendida por este grupo é vista como um local des-hierarquizado, vista como uma rede.¹⁶ A nova vida urbana e a sua mobilidade ou metamorfose, a necessidade de adaptar a cada nova situação, conferia à data, o aparecimento de uma arquitectura descartável, móvel, mutável e aberta.¹⁷



Figura 6 Peter Cook, Plug-In City, 1964

Exemplo, o projeto de Peter Cook (1936), a *Plug-in City* em 1964, propunha uma cidade "tentacular", construída com base na rede e nas vias de comunicação, na estratégia computadorizada, onde a estrutura fixa.

A cidade é o *hardware* onde os suportes de apoio são conectados pelos *softwares* as unidades arquitetónicas, móveis e mutáveis. A base de planeamento da *Plug-in-City* é inspirado na computação e na sua possibilidade de re-programação, no qual era possível uma constante readaptação ao longo do tempo e do espaço.

¹⁵ Andrea Branzi *apud* Francisco Jarauta "Construir a cidade genérica", Revista da UFMG V. 20, N.1 P. 24-35. Jan/jun.2013

¹⁶ Ao qual Manuel Castells (1942) viria a chamar a sociedade em rede

¹⁷ Entre os principais trabalhos de Archigram estão "Walking City" de Ron Herron (1964), "Plug-in-City" de Peter Cook, (1962-1964) e "Instant City" de Cook, Crompton e Herron, (1969-1970)

1.1.2 A cidade da memória, Aldo Rossi

Numa postura totalmente oposta, a concepção ideológica¹⁸ de Aldo Rossi (1931- 1997), reage como crítica ao funcionalismo do séc. XX. Rossi defensor das permanências dos valores arquitectónicos, recusa a ideia de cidade ergonómica, onde a forma segue à função, ou seja, a arquitectura decorre da definição das funções, o que conduziria na sua óptica à perda do valor arquitectónico e onde a sua relação com o passado e o presente, estabelece uma barreira na continuidade história da cidade. O autor tem uma posição mais conservadora e, portanto, menos radical. Para Rossi a cidade só se pode desenvolver a partir das referências e não, na maneira Corbusiana, a partir de um ideal.

A cidade é assim valorizada como uma construção ao longo do tempo: o que a enriquece é a sua constante transformação, ou seja, os diferentes tempos presentes num mesmo núcleo urbano, demonstrativos duma cultura em transformação. Uma cidade dinâmica compreende a continuidade e o desenvolvimento tanto da cidade histórica como da cidade “nova”.



Figura 7 Alfama, cidade histórica de Lisboa

¹⁸ Gilbert Lupfer in *Teoria da Arquitectura do Renascimento aos nossos dias*. Köln, 2003 , p. 782.

1.1.3 A cidade "comunicativa", Robert Venturi¹⁹

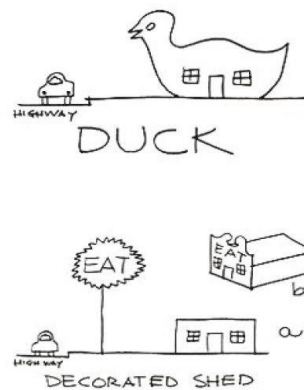


Figura 8 Duck e Decorated Shed

A obra teórica de Robert Venturi (1966-1972) apresenta o movimento moderno na sua complexa sociedade. Compreendido pelas experiências da vida quotidiana, a sua lógica de pensamento é estabelecida através da relação do espaço urbano com a arquitectura. O problema da arquitectura e do urbanismo modernos, diz Venturi, é serem “excessivamente reducionistas”. Na sua perspectiva, a arquitectura ergue à cidade uma relação de vivacidade e estímulos para os seus habitantes. As cidades vivas são aquelas capazes de se regenerar, ao contrário das cidades monótonas, referidas por este, como as cidades modernas que estariam condenadas à própria destruição.

A crítica de Venturi ao reducionismo moderno resulta nos novos propósitos de união espaço-homem, valendo-se dos símbolos e significado, capazes de possibilitar interações múltiplas de como experienciar os novos contextos e vias de comunicação.

Assim, em *Learning from Las Vegas*, Venturi dedica-se à análise de “Main Street”, numa perspectiva da comunicação arquitectónica em detrimento da análise das formas arquitectónicas. Para Venturi, em *Las Vegas* não é a arquitectura que domina o espaço, mas é o signo, a sua forma escultural, a sua silhueta e os seus efeitos de luz, que cria uma cidade “transbordante de vida” de significações e de contradições. A ideia de cidade é tida como uma sequência de imagens em movimento acelerado e a arquitectura como o suporte da informação.

Uma das ideias mais sugestivas é a respeito das duas modalidades de arquitectura comercial: o *hangar* decorado (*decorated shed*) e o pato (*duck*). O “pato” representa a apropriação da arquitectura pela forma simbólica, a construção comercial torna-se escultura, enquanto o *hangar* decorado representa uma construção funcional onde a decoração e indicação de função, se apresentam pela forma de um cartaz publicitário, de forma a destacar a arquitectura.

¹⁹ Gilbert Lupfer in *Teoria da Arquitectura do Renascimento aos nossos dias*. Köln, 2003, p.790.

2 O papel das cidades. Um século em constante mudança

A história das cidades sobrepõe-se em muito ao que podemos determinar com a existência da humanidade. A sua história dá-nos conta que, ao longo do seu percurso, as ideias de civilização e humanidade sempre evoluíram a par do espaço urbano. Compreendido em diferentes momentos, expressa com protagonismo as capacidades locais de uma determinada sociedade em exercer e tomar decisões fundamentadas à vida quotidiana de seus cidadãos e de igual modo na direcção ao qual a cidade se move. Mais do que um aglomerado ou uma evidência numérica, a cidade expressa em si a cultura, valores, desejos, disputas em torno do uso e apropriação do espaço, que contribui para a cidade uma centralidade e significado, vivido actualmente.

O espaço que atribuímos à cidade é desta forma o produto entre conteúdo social, que a particulariza, e as formas no qual a cidade se assume, formando assim a ideia de sociedade. As cidades na ordem do dia, ocuparam ou ocuparão questões preponderantes para a afirmação da estrutura que domina o contemporâneo. Estima-se que a passagem do período moderno, na aproximação ao contemporâneo, se afirmou na segunda metade do século XX, marcado pela estruturação Europeia, necessária pós 2ª Guerra Mundial, ao mediatismo da bomba atómica, no início da produção de bens de consumo e na consequente deterioração ambiental, no qual colocaram na ordem de discussão a cidade, enquanto organismo vivo. Marcado pelos avanços e recuos da humanidade, esta, indirectamente, desenvolve novas correntes do mundo moderno, nomeadamente as ciências sociais, como a sociologia, no qual o seu discurso dos públicos é incontornável à evidente oferta cultural que se desenvolve nas grandes cidades.

O século XX apresentara-se numa nova perspectiva de sociedade, sobretudo na segunda metade do século, com o auge do movimento demográfico. Observa-se, então, a um crescimento das cidades e à conquista da velocidade, tanto na mobilidade como da comunicação. Com o decorrer do tempo, esse sentido de cidade como portadora de liberdade, veio afirmar à cidade o seu longo percurso decorrente pela “aventura moderna”, com uma sociedade sob princípios na origem da produção baseada na revolução industrial e na integração de um processo de globalização, num discurso preocupante para a cidade, segundo o ponto de vista dos sociólogos.

*“ [...] no sentido em que o urbano caminha para uma totalidade sem jamais atingi-la, em que ele se revela o totalizador por essência (a centralidade), [...] nenhum saber parcelar, o esgota; ele é, ao mesmo tempo, histórico, demográfico, geográfico, económico, sociológico, psicológico, semiológico etc. Ele é isso e ainda outra (coisa ou coisa não-coisa!), por exemplo, forma. Isto é, vazio, que exige, porém, um conteúdo: evocação do conteúdo.”*²⁰

²⁰ Henri Lefebvre in *Revolution urbaine*, Paris, 1970 p.156

O espaço urbano não existe por si só. Este é um elemento dinâmico que potencia o processo das cidades na sua realização expressa da ligação indissociável entre Homem e o espaço, abrindo um campo de possibilidades na construção dos ambientes, de lugares e espaços. Neste estudo, inspirado pela percepção que temos das cidades, é incontornável não compreender a dimensão entre a cidade e indivíduo e de igual forma do indivíduo para a cidade.

A cidade assume-se num espaço por excelência de representação, na linha de pensamento do sociólogo Max Weber (1864-1920) o termo “cidade” expressa-se no sentido da relação com os próprios habitantes que se propõem a viver a cidade. Dessa forma a sua compreensão passa por um bem comum, no qual o seu funcionamento subsiste de acordo com regras, no qual ao longo da sua massificação até à actualidade é o resultado de um processo evolutivo do habitante com a cidade.

Deste modo, a cidade é apresentada pelas suas diferentes perspectivas sendo que o seu organismo sustenta a sua materialidade (aspecto físico), a sociabilidade verifica os direitos do cidadão no papel urbano e a sensibilidade no entendimento de apropriação destes cidadãos à cidade. Envolvendo assim a cidade, bem como o homem, a cada geração que esta passa, deixando as suas marcas na história.

“[...] não há cidadania sem democracia, não pode haver cidadania sem espaços públicos, e o espaço público não pode existir sem uma dimensão física”²¹

Desta forma entendemos que a cidade é o espaço onde emergem as necessidades por meio do conhecimento do cidadão. A sua produção urbana é um fenómeno contínuo do desenvolvimento entre a cidade e a sociedade, caracterizado por “ *O espaço estruturado, quer dizer, ele não está organizado ao acaso e os processos sociais que se ligam a ele exprimem, ao especificá-los, o determinismo de cada tipo e de cada período de organização social*”²² resultado da produção social num espaço, por meio das suas realizações e aspirações na busca da melhor “aparência”, o que explica determinados padrões da sociedade, eventos espaciais e produções locais, onde Lewis Mumford (1895-1990) acrescenta que, para compreendermos determinada área urbana, implica nos inteirarmos da sua produção e das suas origens, dado que só estas nos permitem a verdadeira relação identitária que procuramos com a cidade.

“Se quisermos lançar novos alicerces para a vida urbana, cumpre-nos compreender a natureza histórica da cidade e distinguir, entre as suas funções originais, aquelas que dela emergiram e aquelas que podem ser ainda invocadas. [...] Se quisermos identificar a cidade, devemos seguir a trilha para trás, partindo das mais completas estruturas e funções urbanas conhecidas, para os seus componentes originários, por mais remotos que se apresentem no tempo, no espaço e na cultura, em relação aos primeiros tells [sic] que já foram abertos. Antes da cidade, houve

²¹ Fernando Alves in *Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano*, Lisboa p. 316

²² Manuel Castells in *A questão Urbana*, São Paulo, 2000, p.182

*a pequena povoação, o santuário e a aldeia; antes da aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras; e antes de tudo isso, houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente, com diversas outras espécies animais.”*²³

Este organismo funcional reavido como cidade, é entendido como trabalho corporizado da acção humana. Portanto, a sua origem ou o seu alicerce, encontra-se na sua formação de um sistema marcado de oportunidades e ao mesmo tempo de desafios, que agem sob a inércia das tradições, constituindo um movimento cooperativo das suas múltiplas estruturas que constituem a cidade e comportamentos, dominados de *cultura urbana*.



Figura 9 Cidade de Buenos Aires, 2013

²³ Lewis Mumford in *The city in history : its origins, its transformations, and its prospects*, London, p.11

2.1 A cidade vista como um sistema

A cidade é um sistema complexo no qual o Homem encontra atractivos e oportunidades, mas também caos e confusão. Esta dualidade compõe a estrutura da cidade com os mais diversos acontecimentos e acções, os quais Richard Rogers (1933) descreve como “organismos” que “[...] *absorvem recursos e emitem resíduos. Quanto maiores e mais complexas forem as cidades, maior também será sua dependência das áreas circundantes, e maior sua vulnerabilidade em relação às mudanças em seu entorno*”²⁴. Rogers destaca a dependência que as grandes cidades exercem nos seus territórios, como se de uma rede se tratasse ou até mesmo de um complexo sistema de interligações que comprometem as classes intervenientes do urbano.

Lewis Thomas (1913- 1993), de igual forma, refere as formigas como desenvolvedoras de um sistema cooperativo, no qual a organização e ordenação do habitar é a garantia da sua estrutura. O mesmo acontece no habitat humano quando não é respeitado, atacam e defendem a sua posição. O autor refere ainda: “*Elas são tão parecidas com os seres humanos que nos constroem. Elas cultivam cogumelos, criam pulgões como rebanho, lançam exércitos em guerras, utilizam sprays químicos para dar o alarme e confundir seus inimigos, capturam escravos... E trocam informações sem parar... Fazem de tudo, excepto ver televisão.*”²⁵. Neste discurso, utilizado por Rogers, é ainda evidente uma afronta aos comportamentos do Homem. A personificação do Homem com a formiga afirma a exiguidade do Homem entre as suas estruturas urbanas no confronto da globalização. Lewis Mumford (1895- 1990) já se mostrara apreensivo quando refere que “[...] *As origens da cidade são obscuras, enterrada ou irre recuperavelmente apagada uma parte de seu passado, e são difíceis de pesar as suas perspectivas futuras.*

Desaparecerá a cidade ou - o que seria outro modo de desaparecimento - Transformar-se-á todo o planeta numa enorme colmeia urbana?”²⁶ A imagem humana das formigas e das abelhas representa a posição dos autores face à globalização. Preocupa-os a questão do crescimento das cidades se começar a interpor ao ritmo, ao declínio ambiental, cultural e social das cidades.

O modelo urbano oferece às cidades a ideia de uma metrópole consolidada e madura, expectante da ideia do progresso, num espírito contemporâneo face às suas mais variadas épocas. Nos seus fragmentos que caracterizam uma cidade que hoje tem se visto de uma

²⁴ Richard Rogers in *Cidades para um pequeno planeta*, Barcelona, 2001, p. II

²⁵ Lewis Thomas apud Richard Rogers, in *Cidades para um pequeno planeta*, Barcelona, 2001, p. II.

²⁶ Lewis Mumford apud Richard Rogers, in *Cidades para um pequeno planeta*, Barcelona, 2001, p. II

A cidade (o contexto)



Figura 10 Fotografia de Navid Baraty, outra perspectiva de Nova York

A cidade (o contexto)

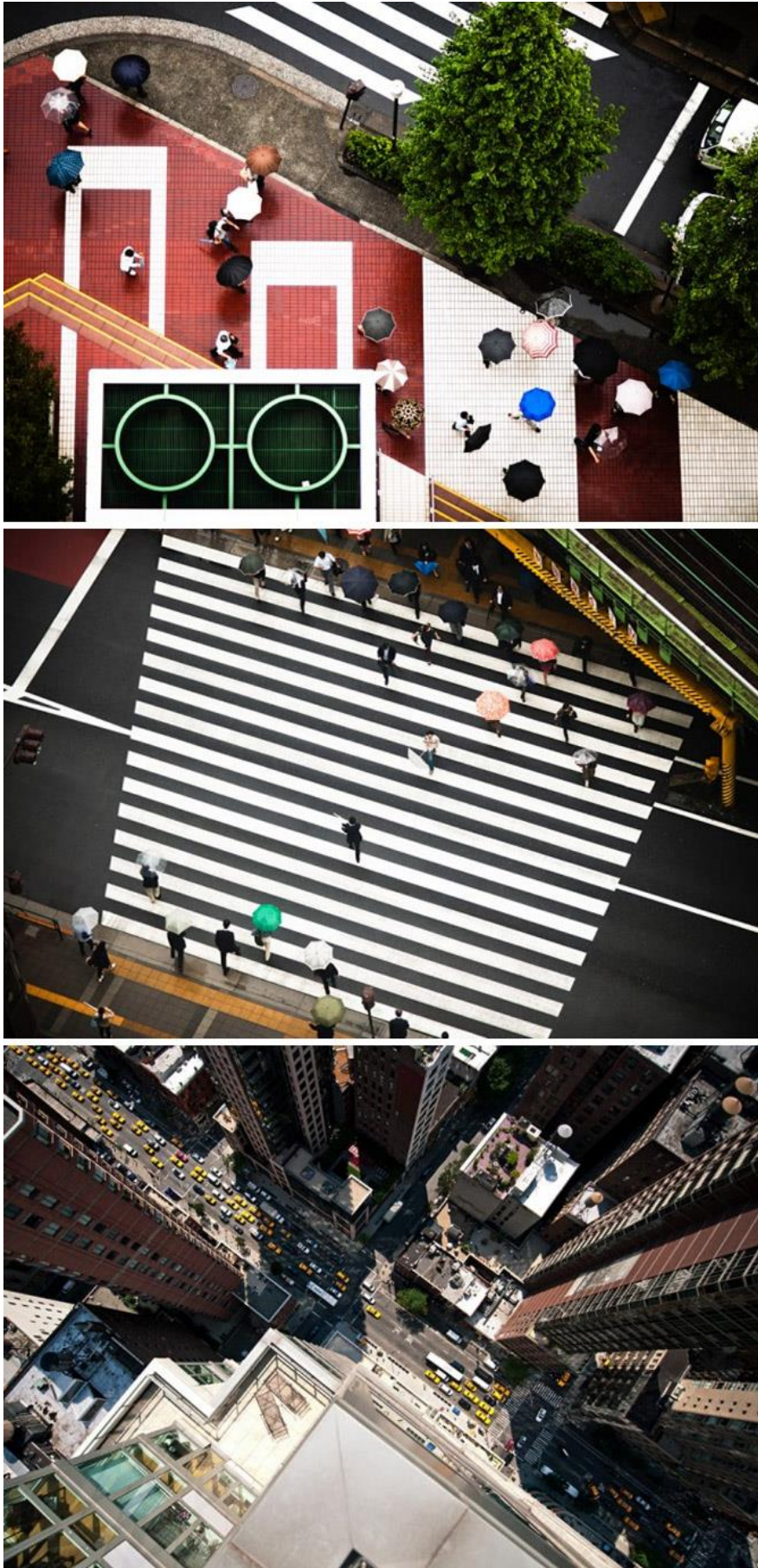


Figura 11 Fotograma de Navid Baraty, outra perspectiva a Nova York

estrutura compósita²⁷ emaranhada, unificando o território numa só rede.

Rede esta que numa sociedade necessariamente unificada e dependente, tal como as abelhas e formigas, a estrutura citadina só subsiste do conjunto de trabalho, tal como acontece na estrutura da cidade. A qualidade individual dos seus fragmentos influenciam o conjunto urbano no seu todo, e consequentemente, a qualidade de vida dos seus habitantes.

O que nos conduz ao modelo citadino, influenciado pela forma como Henry Ford (1863-1947)²⁸ expôs o sistema de produção em série.

A diferença que existe entre um sistema formado pela rede e pelas abelhas e formigas, é a sua condição dinâmica. A rede é um ser não vivo e as abelhas e formigas, são seres vivos. O sistema pode assim ser visto como uma hierarquia no qual, quanto mais elevada é a posição de um indivíduo nessa mesma hierarquia, maior é o seu domínio sobre os outros intervenientes. Neste caso, no sistema principal, a hierarquia tem como topo o Homem, todavia, com o tempo, a máquina tem vindo a tomar o lugar do Homem no topo da hierarquia.

O exemplo do corpo humano é o topo da constituição de todo o sistema do corpo humano, a seguir seguem-se os órgãos, os tecidos e as células. Estes subsistemas enumerados anteriormente formam um só sistema. Quanto mais subsistemas um sistema abranger, mais complexo este será. O mesmo acontece com o sistema citadino, onde se podem determinar como subsistemas: a sociedade, a estrutura urbana, os lugares, os edifícios, entre outros. Qualquer interferência neste conjunto de subsistemas, representará a decadência de qualquer uma das suas partes integrantes.

No caso do Homem, os problemas do seu sistema crescem de forma exponencial quando a sua dimensão não garante a viabilidade do sistema. Exemplo disso são os tumores, que quando atingem os órgãos, as células fazem proliferar o problema, fazendo com que estes se apropriem do corpo, levando-o à exaustão e muitas das vezes havendo a necessidade de extrair algum órgão para que se possa eliminar o problema do sistema. O mesmo ocorre com as cidades, que quando algum ou alguns dos seus múltiplos fragmentos estão infectados, caso não se proceda à sua cura ou à sua contenção, a infecção propaga-se aos tecidos e às células da cidade, apoderando-se de todo o seu sistema.

Os sistemas organizam-se entre si segundo uma forte relação dependência e, é nesta relação que se geram dinâmicas mútuas entre os diferentes sistemas. Compreendendo a importância que os elementos não-vivos representam sobre os vivos. Estes têm uma relação de dependência

²⁷ Nuno Portas et al. in *Políticas Urbanas. Tendências, estratégias e oportunidades*, Lisboa, 2003, p. 16

²⁸ Henry Ford nasceu em Detroit, no ano de 1863, nos Estados Unidos. Fundou a *Ford Motor Company* é conhecido mundialmente pelo facto da Ford ter sido uma empresa de extrema importância para a história da indústria. Ford foi o inventor do chamado Fordismo - montagem em série de produção de automóveis. O modelo, implementado por Ford trouxe grandes modificações do comportamento social da época. A questão da produção em massa e a mecanização do trabalho representou na história do homem e da indústria uma revolução importante para a ideia do mundo contemporâneo.

um para com o outro. Os elementos não-vivos são como uma máquina urbana sistematizada que o Homem manipula de forma a melhor satisfazer os seus caprichos. É por isto que os autores evidenciam o Homem, as abelhas e as formigas como organismos vivos no qual as cidades, o formigueiro e a colmeia representam as suas máquinas e os seus ecossistemas.

As cidades nunca acomodaram tanta população como actualmente. Hoje em dia perto de 3,2 bilhões de pessoas habitam o mundo, onde três terços dessa população representam o consumo energético das cidades. Sobre este ponto de vista, a cidade terá que repensar o modo como gere os seus recursos, uma vez que tudo aponta rumo a uma cidade mais próxima do virtual, dirigida para um sistema de cidade em rede, ameaçada pela tecnologia que pode representar a perda de identidade e perspectivas futuras de consequentes acções de abandono do passado.

2.2 Do sistema ao espaço urbano

Quanto à organização da cidade, a natureza humana demonstrou a habilidade adquirida em produzir e construir o conforto do seu habitat planeado (ou não) ao longo da história. As suas evoluções vêm dirigindo o sistema da cidade às necessidades do comunitarismo e da organização em grupo, o que permitiu a cada indivíduo estabelecer contacto com outros. Os conceitos de Cidade e de Civilização fundiram-se na estrutura social de múltiplas formas de habitar a cidade, primeiramente por questões territoriais e posteriormente pela capacidade de desenvolvimento comunitário, suplantada por políticas de sistemas económicos e culturais.

Esta noção de estrutura social configurou na natureza humana a participação desde as origens da urbe, tomando o espaço público como seu lugar de representação e de encontro entre o diálogo e a cultura, determinando e especificando comportamentos da população no seu território. Aí subsiste o espaço comunitário destinado a servir um propósito social que espelhe bem a imagem da cidade. Este confronto do espaço público transportar-nos-á para uma dialéctica dos sistemas sociais, estabelecida uma definição da relação entre o público e o privado. Avalia-se desta forma que o espaço privado funciona como limite ao espaço livre e acessível a qualquer pessoa (o espaço público). As ruas, avenidas, praças, largos, jardins e parques, fazem parte do “negativo” da cidade, permitindo a conexão dos espaços privados e da sua experiência com o espaço público. Segundo a metodologia descrita por Kevin Lynch (1918-1984) na “*A Imagem da Cidade*”, só através da estrutura do espaço público é possível

A cidade (o contexto)

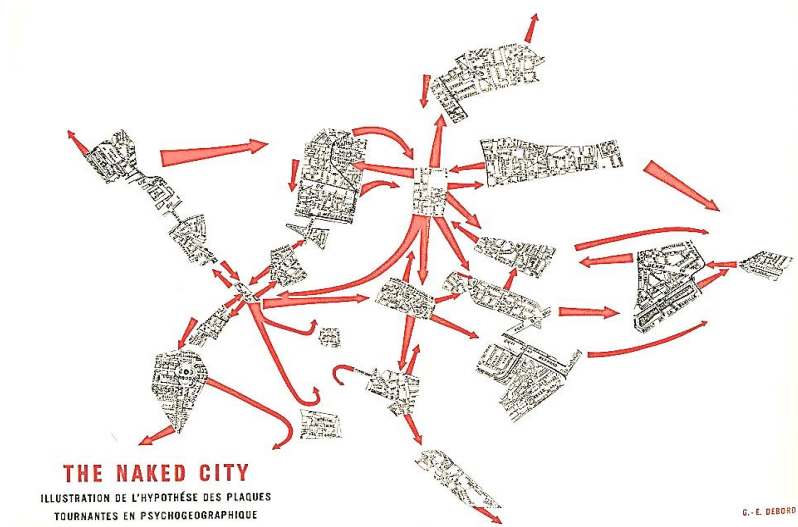


Figura 12 The Naked City



Figura 13 Mapa turístico da cidade do Porto

criar uma imagem mental de um determinado ambiente, passível de ser relacionada com o todo que é essa cidade. Esta relação de reciprocidade entre os espaços públicos é vital no que diz respeito à “actividade física” da cidade. Estes espaços promovem a interação interpessoal e promovem uma dinâmica do ambiente social da cidade actual. Desta forma, a dimensão social do espaço público tem que assimilar um conjunto de princípios estéticos e formais da cidade histórica e incorporá-los na perspectiva do pensamento contemporâneo. Aposta-se na arte e no comércio como promotores do envolvimento com o espaço público, transversais às demais culturas urbanas, formando pequenos fragmentos e unidades de ambiente que particularizam a cidade nos seus diversos espaços de lazer.

Particularizar o espaço urbano requer um reconhecimento pessoal da autenticidade do lugar, capaz de atrair o transeunte a envolver-se com as características do local. Posteriormente, o transeunte terá de ser surpreendido e “barrado” com outras actividades de lazer ou até gastronómicas, deixando o indivíduo levar-se pelo espaço, entramos desta forma na lógica de deriva de Guy Debord (1931-1994).

Conceito que o autor destacava como uma acção psicológica com momentos e componentes que preenchem o nosso dia-a-dia e que nos coagem a percorrer esses espaços, que Kevin Lynch na sua estrutura ideológica formada sobre a cidade, observa como os cinco elementos da imagem da cidade (pontos marcantes, vias, cruzamentos, limites e bairros), o que lhe permitia realizar mapas mentais.

Esta construção mental de percepção do espaço proposto no meio geográfico é consciente do comportamento afectivo dos indivíduos. A ideia de deriva e de psicogeografia²⁹ do urbanismo expressa por Guy Debord, nos mapas “Inúteis” e “The Naked City” em 1957, consiste na ilustração de como se compreende o envolvimento do fluxo urbano e como se articulam e manipulam os mais variados espaços da cidade. Conectadas por setas vermelhas que indicam os fluxos “psicogeográficos”, estas assemelham-se às rotas turísticas dos guias de papel das cidades, formando uma concepção e uma leitura diferenciada dos espaços, valorizando a sua exposição cultural. O metro, de igual forma, controla este sistema de rotas, limitando ou favorecendo os vários núcleos da cidade. Assim, é possível perceber os tipos de utilizadores do metro e que determinações é que estes têm em relação à cidade, o que nos permite compreender quanto a interesses sociais e urbanos, bem como as transformações sociais que têm vindo a atrair esses usos.

²⁹ A psicogeografia é o estudo dos efeitos precisos do meio geográfico, conscientemente dispostos ou não, no qual age diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos. Desse modo, esta relação acresce no sentido em que o ambiente é considerado no modo como Homem vive com a arquitetura.

3 Após a cidade moderna

O funcionalismo procurava incessantemente a construção de um mundo e de um lugar seguro, que mais tarde resultou no contemporâneo. Um mundo mais livre que ao mesmo tempo se revela mais confuso, dominado pelo caos, desprovido de formas, assim originando um novo e difuso conceito de “colectivo”. Dessa forma, enquanto a cidade moderna se ocupava com problemáticas transcendentais a qualquer lugar e objectiva nas suas reflexões, a cidade contemporânea assume uma postura própria, debatendo-se sobre os mais variados assuntos e questões particulares de um carácter universal³⁰.

O tempo e espaço assumem na actualidade uma postura veloz no que antecede os acontecimentos, atribuindo a instantaneidade e a simultaneidade do momento. Amplo, o seu sentido do tempo comporta à contemporaneidade distintas temporalidades, no qual a sociedade contemporânea vive em contradição, relação e manifestação com tempo.

Dessa lógica de pensamento, o Espaço que prevalece na cultura arquitectónica da cidade poder-se-á dizer que é fortemente condicionado pela maneira como vivemos o tempo. Assim, a “produção do espaço urbano” depende em muito da forma como as concepções temporais influenciam a acção do desenho da cidade, colocando hoje, as cidades, à mercê das constantes transformações sociais que se justapõem à coexistência de uma forma urbana existente de forma inesperada. Não é apenas o futuro da cidade que se apresenta difícil de prever, ela própria é resultado de um sistema complexo difícil de compreender, descrito pela sua particularidade, complexa nos seus comportamentos sociais, no qual compreende na escala urbana suas dinâmicas, nas quais os seus efeitos produzem acções nos espaços da cidade. Imperceptíveis ou mesmo “diluídas” ao alcance da legibilidade humana, essas acções resultam em políticas de importante interesse público, que permitem a ampliação da inconstante noção de cidade. Estamos, desta forma, a compreender o exemplo da cidade em se estabelecer em políticas activas perante os factores como a ecologia e sustentabilidade, entre outras que atribuem um comportamento à forma urbana. Desse modo, a urbe contemporânea é determinada muitas vezes, pela dispersão e pela proliferação de práticas à escala do espaço urbano, social, económico, institucional, político e cultural, assumindo-se como um produto de algo que não está ao nosso alcance, à nossa racionalidade, mas assumimos tais comportamentos. A inovação e o incompreensível legitimam a novidade do mundo contemporâneo.

Muitas das vezes aliada ao “medo da cidade” motivado pela degradação ou mesmo no desaparecimento dos lugares descritos da cidade, nascendo aí novas potencialidades para a

³⁰ Ana Luísa Brandão in *PENSAR A CIDADE, no TEMPO da Incerteza. Sobre modelos e paradigmas da cidade contemporânea*, Lisboa, 2009, p.35

cidade, hotelaria, comércio, áreas de terciário de excelência, de forma a precaver a dissipação de determinadas actividades próprios da cidade. É de igual forma que Nuno Portas (1934) sobre a linha de pensamento de Bernardo Secchi³¹, afirma que a cidade contemporânea se estabelece como um lugar privilegiado, pela sua diversidade de actividades e de simultaneidade de acontecimentos.

A construção da cidade contemporânea debate-se entre as suas mais variadas cenografias urbanas, a diversidade cultural, a densidade morfológica e a tecnologia, que se confrontam com o modelo de metropolitano. Os espaços colectivos da cidade contemporânea são os que melhor traduzem a estratégia de agregação das diferentes culturas presentes.

A paisagem urbana justapõe-se e coexiste com outras formas urbanas. A cidade contemporânea evidencia claramente a distância temporal entre as estruturas históricas da cidade e o contemporâneo. Claramente, a cidade torna-se como que uma montagem de duas imagens numa só realidade, cuja forma expõe a compatibilidade numa só imagem. Uma imagem que resolve questões ambíguas do espaço social, arquitectónico e urbano. Uma imagem multifacetada, nas suas novas experiências urbanas, de modo a colmatar a crise identitária dos espaços, criada pela sociedade criativa.

Este é um resultado pelo qual a maioria das cidade europeias passou, por um longo percurso de políticas de conservação e revitalização destes centros, valorizando-os com a crescente oferta da museologia e das actividades terciárias, provocando a aceleração de um processo cultural, que hoje se vive nas cidades. *“Um passado vivido num lugar circunscrito e estável, numa cultura construída localmente, com um fluxo regular de tempo e um núcleo de relações permanentes.”*³²

³¹ Os "Discursos (Re)visitados", no qual Nuno Portas apresentou uma sessão dedicada a Bernardo Secchi, (Fonte: <http://tv.up.pt/videos/HE9yeqL0> (consultado em Abril de 2014))

³² Ana Luísa Brandão in *PENSAR A CIDADE, no TEMPO da Incerteza. Sobre modelos e paradigmas da cidade contemporânea*, Lisboa, 2009, p. 34

3.1 Representações da contemporaneidade

3.1.1 Cidade Virtual

Das formas mais antigas de aglomeração espacial e manifestação cultural, a cidade, como já foi referido, constitui o parecer mais leal da sociedade. A escala global que é atingida, representa a fiel capacidade cognitiva do Homem em assimilar, relacionar e conectar-se com todo o universo. Tal como qualquer outro instrumento que o Homem detém conhecimento, as suas características são representativas de escolhas, conceitos, estilos e culturas fundamentadas por um sistema.

O tempo já esse, surge com o declínio das suas capacidades. Tal como o Homem, a cidade não consegue contornar as mazelas da temporalidade. A cidade quando sujeita a tal doença, circunscrita pelo esquecimento, envelhecimento e perda de memória, a eficácia do seu tratamento, depende sempre do começo para mudar essa trajectória.

A fotografia funciona como um gesto progressivo das evoluções da cidade, sendo esta capaz de captar a temporalidade. A imagem que regista, indissociavelmente constitui a cidade: a Cultura, o Corpo e a Experiência que são elementos resultantes da percepção temporal da experimentação que o Homem tem do mundo. A imagem, por outros fundamentos, constitui história, ideologia e grandeza.

Actualmente, a contemporaneidade é representada pelos seus edifícios e espaços públicos que geram uma visão estruturante de uma multiplicidade e heterogeneidade de intensas concepções. Na sua imagem reflectem as virtudes e vícios do homem.

A verdade é que se não fossem esses vícios, as cidades nunca teriam crescido tanto como no último século. A arquitectura e a sua estrutura física, envolve cada vez mais mecanismos de modernização que evidenciam a ideia de “cidade virtual”, negando por vezes a continuidade do tecido urbano e a própria capacidade descritiva da forma urbana, privilegiando sobretudo o global. Deste modo, acentua-se a sua importância e cosmopolitismo. Por outro lado, esta universalidade trata-se de um espaço de acesso restrito a determinadas classes sociais, nomeadamente as mais desfavorecidas. O espaço público na cidade contemporânea está ligado a um certo conceito de instabilidade, autonomia e singularidade formal, que atribui ao tecido urbano, características próprias de um lugar sujeito à progressiva substituição pelas novas tecnologias e meios de comunicação. Estes meios por sua vez, remetem-nos para uma aceleração e para uma transição temporal que nos impede de alcançar a realidade, de tal forma, que a realidade passa a protagonizar um papel fictício, não nos deixando perceber a realidade onde nos encontramos.

A cidade virtual é seguramente atingida pela velocidade. A manipulação da máquina e o uso da tecnologia levam à decadência do homem, ao sedentarismo e ao abrandamento. Paul Virílio(1932), arquitecto e filósofo urbanista, na sua linha de pensamento, descreve com um certo “desprezo” a questão dos avanços tecnológicos. Do ponto de vista do autor, após a introdução da máquina, o mundo deparou-se irreversivelmente com novos acontecimentos e acidentes especialmente associados a catástrofes artificiais, evidenciadas pelo autor como “*as dimensões tecnológicas do acidente*”³³ - *o comboio descarrilado, o crash, Chernobyl, o Titanic e assim por diante. O século XX interessa acima de tudo enquanto século dos acidentes. [...] É-nos impossível compreender verdadeiramente o século XX a menos que compreendamos as dimensões das suas revelações acidentais*”³⁴ . Segundo a sua construção ideológica, o crescimento tecnológico permite-nos assistir em tempo real e em imagens imediatas, ao cruzamento de informação, que poderá culminar num acidente à escala global. As sociedades contemporâneas e a acção crescente da máquina, têm vindo a roubar ao homem as suas capacidades, incluindo até mesmo o seu espírito crítico, espelhando um conjunto de perdas de interacção entre indivíduos.

A cidade à qual hoje em dia o homem se submete é uma cidade desligada, onde o “*lugar dos trajectos*”³⁵ e a questão do *próximo* ou *longe*, já perdeu a sua autenticidade. Se o *distante* é preferencial em relação ao *próximo*, se a intervenção da tecnologia e da velocidade deixa de fazer sentido no *próximo*, ocorre uma desvalorização do espaço, substituindo a imagem pública do *aqui e agora* por uma imagem virtual desprovida de identidade em prol de uma realidade virtual que nega o *aqui* em proveito da distância do *agora*.

A virtualidade da contemporaneidade tem vindo a revelar as cidades como novas referências culturais, nas quais se evidenciam os seus ritmos, transições e fluxos e as acções sociais, políticas e económicas dos cidadãos da cidade. No entanto, a arquitectura representa a excepção dado que esta possui um carácter estático.

A busca da inovação e da criatividade trouxeram o que podemos denominar de revoluções tecnológicas, que na última década têm representado uma causa/efeito da agregação ou fragmentação do campo social e urbano. Pode dar-se o exemplo das redes sociais que hoje espelham o espaço público, as ruas e praças, através dos demais meios e canais de comunicação que representam um “espaço extra”, no qual a população pode usufruir e assimilar tendências e grupos. O problema com que se deparam as cidades de hoje, é a reprodução do que vulgarmente chamamos de sistema capitalista globalizado desligado de referências e

³³ Após 11 de Setembro, Paul Virilio acrescenta um terceiro tipo de acidente ao seu vocabulário, designadamente o “acidente voluntário” referindo-se aos ataques terroristas ocorridos contra o *World Trade Centre* com efeito, não utilizar mais armas, instrumentos militares, mas simples veículos de transporte aéreo, para destruir edifícios [...] implica o instaurar de uma confusão fatal entre o atentado e o acidente e socorrer-se da “propriedade” do acidente voluntário em detrimento da propriedade do avião”

³⁴ Paul Virilio APUD Manuel Menezes in *Velocidade, Acidente e Memória*. Viseu, 2008, p. 74

³⁵ Idem ibidem p. 76

identidades que colidem com a substituição de um espaço de lugares, por um espaço de fluxos e informação.

Nos nossos dias, quando se pensa nas cidades e no seu espaço público, pensa-se em maneiras de integrar e unir os cidadãos ao lugar e à cidade. O ideal seria desassociar todos estes espaços do mundo tecnológico e perceber as inter-relações entre os espaços públicos e pensar nos contributos que isto traria para uma crescente melhoria da vida social. Todavia, a virtualidade apresenta novos desafios à cidade e à sua arquitectura. Segundo as ideias de Saskia Sassen(1949), é na imagem que se constrói da cidade que o Homem se revê como um ser ambicioso e, por vezes, é nessa ambição que o Homem se perde, dando à tecnologia a capacidade de se tornar autónoma. O automatismo conferido hoje aos edifícios e à cidade são verdadeiras “aberrações” que retiram ao Homem a capacidade decisiva, que leva a autora a questionar: *“São os edifícios “inteligentes” que celebramos hoje, realmente tão inteligentes quanto nós pensamos que eles são?”*³⁶. O trecho anteriormente referido foi retirado do congresso dado pela autora numa iniciativa organizada pela *Ted Ideas worth spreading*³⁷, que teve por tema *“Can a city be too technological?”*³⁸. Neste congresso, a autora questionou o deslumbramento do Homem pelos avanços tecnológicos. Esses seriam os verdadeiros preceitos que determinariam a viabilidade das estruturas da cidade contemporânea, em que a sua preocupação com as cidades se tornariam “obsoletas”, visto que facilmente esta abordagem do mundo tecnológico, seria ultrapassado e esquecido. No seguimento da ideia de “cidade tecnológica”, Saskia mostra-se apreensiva quanto à questão *onde terá lugar o diálogo?* Se esta não dialogar entre si, é porque os métodos utilizados não estão a trabalhar em prol da mesma.

Num campo oposto às ideias de Paul Virilio, Saskia defende que o uso da tecnologia é uma mais valia no fortalecimento das regiões, de forma mais ampla, na ocupação do “ciberespaço” pelos cidadãos em projectos coletivos e pessoais. Representa uma nova e eficiente opção nos activos culturais, sociais e políticos, na qual a *web* assume um promotor de ocupação semelhante ao físico, uma ocupação planeada que antecipa e simula os problemas futuros, intrínsecos à ocupação e ao uso do espaço. Nessa medida, a intervenção no espaço público pode ser manipulada com recurso às redes virtuais, podendo estas preparar as cidades para uma estrutura global ou “cidade global”. Saskia Sassen defende que muitas das teorias que se formulam em torno da cidade, devem-se sobretudo à maneira como vivemos e exploramos a cidade. Na sua obra *“Global City”*³⁹ este termo é utilizado quando se faz uma análise qualitativa da cidade, referindo-se a um grau de influência sobre outros centros urbanos. Em diferentes partes do globo, a sua influência regional, nacional ou mundial permite-nos compreender o rumo que as cidades estão a alcançar.

³⁶ Fonte: <http://blog.ted.com/2013/02/26/can-a-city-be-too-technological-saskia-sassen-at-ted2013/> (consultado em Abril de 2014)

³⁷ Ted Ideas worth spreading, conferência *“Can a city be too technological?”* de Saskia Sassen, Fevereiro de 2013

³⁸ Tradução pessoal “Pode uma cidade ser muito tecnológica?”

³⁹ Saskia Sassen in *Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton, 2001

3.1.2 A cidade ecológica

Nos últimos séculos, a ciência e a tecnologia não têm dispensado do uso de recursos naturais, o que se reflecte num universo cada vez mais instável no equilíbrio natural dos ecossistemas. O Homem pensava que o que a Terra lhe oferecia era inesgotável e geriu estes recursos de forma irresponsável. Actualmente, os danos ambientais decorrentes dessas práticas inconscientes manifestam-se sobretudo, nas nossas cidades, na relação do território colectivo que as cidades representam no ecossistema global. A falta de matéria-prima trazia assim com ela o discurso da ecologia, que carecia de alternativas a estes recursos.

Com o reconhecimento da palavra “alternativa” por este mundo contemporâneo, começam-se assim a discutir alguns padrões viciados da cultura urbana. Frente a esta realidade, a preservação do que a terra nos oferece passa a ser fundamental no equilíbrio das variáveis populacionais, no qual a exposição da actualidade tem que se assumir de forma igualitária, apelando a um comportamento auto consciencializado de forma a construir uma imagem sã e sustentável da cidade. A cidade agora passa a desempenhar mais do que um aglomerado populacional e passa a ter um papel crucial na educação e construção da ecologia. Um êxito que depende das novas maneiras com as quais o cidadão e a cidade lidam com o ambiente e das novas perspectivas que estes adoptam.

A perspectiva que se tem colocado à cidade do futuro passa agora, pela busca pelo conforto ambiental que tem envolvido em muito o discurso da necessidade humana em recorrer a alternativas para se assegurar a ideia de susceptível. No entanto, a tensão que envolve o desafio da sustentabilidade não decorre unicamente de vontades. Compreendemos que o conceito de ecologia e sustentabilidade, não será uma problemática unicamente da cidade, mas é nela que concentram energia física, intelectual e criativa, que abrigam grande concentração de famílias e que facilitam o trabalho e o desenvolvimento cultural. Por esse mesmo motivo, facilmente se adapta ao discurso de políticas que se tem vindo a adoptar.

“A mente dos cidadãos e a tecnologia sofisticada estão substituindo matéria-prima e força muscular. A rede de criatividade está agora dirigindo a nova economia criativa. As trocas entre

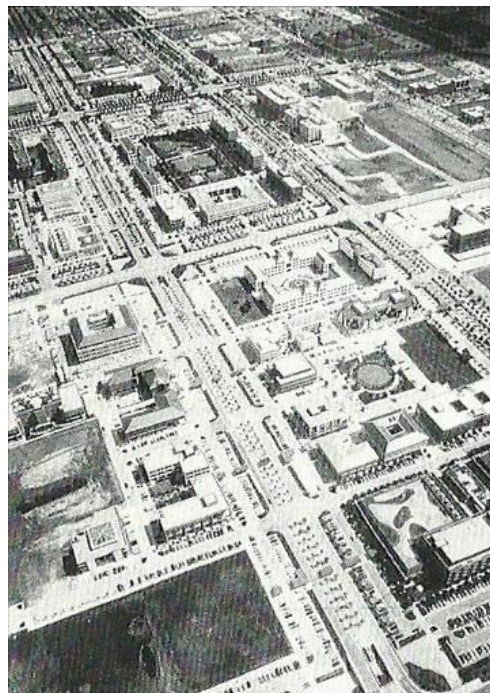


Figura 14 Cidades de baixa densidade, como Milton Keynes, no Reino Unido, consomem muita energia, tornando-se insustentável a longo prazo

*arte e tecnologia - troca de idéias em vez de troca de produtos - estão se tornando a seiva vital da nova economia e de nossa prosperidade futura.”*⁴⁰

A cidade representa-se na sua máxima expressão através do Homem, motivo pelo qual não podemos falar de ecologia e questões ambientais sem considerar a acção humana na construção deste ambiente. Aliás, no decorrer deste estudo, a interpretação do crescimento das cidades, descreve-se na sua maioria pelo vínculo à imagem deixada do “moderno” que a cidade contemporânea apresenta especial preocupação com o crescimento social.

As cidades, consideradas por Richard Rogers (1933) como “*habitat da humanidade*”, na sua perspectiva, são a ameaça à sobrevivência da própria humanidade. Sobre a cidade, ele reconhece que as pessoas só se lembram desta, mais num cenário de automóveis e de edifícios do que das suas ruas e praças, muito mais pelo isolamento social, poluição, medo da violência, local de consumo e busca insaciável de lucro, do que da comunidade, participação, espírito cooperativo, beleza e prazer. No qual Rogers defende que a cidade está a ser vítima de desproporções para o futuro.

*O futuro da civilização será determinado pelas cidades e dentro das cidades. Hoje, elas consomem três quartos de toda a energia do mundo e causam pelo menos três quartos da poluição global”*⁴¹

Rogers, figura que o espaço público tem vindo continuamente a perder o domínio e os vínculos com aquelas que eram as suas dinâmicas. O uso das ruas para “brincadeiras e encontros” é substituído por estacionamento e congestionamento de veículos, afectando diretamente o nível de interacção social da comunidade. Como tal, a sociedade deve participar activamente na construção da cidade. Para isso, os cidadãos têm que saber qual a sua responsabilidade ética a desempenhar na definição destes ambientes e ter a consciência de responsabilidade social para assegurar as suas políticas de concertação da cidade. A sociedade é determinada pelo autor como um papel essencial nas políticas ambientais e urbanas da cidade.

*“Os cidadãos têm o direito de esperar que seus governos proporcionem edifícios públicos da melhor qualidade arquitetônica possível, já que estes são edifícios cruciais na nossa vida cotidiana: arquitetura é a expressão física do desenvolvimento cultural e das preocupações sociais de uma sociedade urbana”.*⁴²

O papel que estas políticas têm não consiste unicamente em políticas sociais, consiste também em políticas urbanas, com o propósito de aplicar à cidade conceitos de sustentabilidade, mas de certa forma também um papel de exemplo com a cidade, apostando assim na renovação urbana e na recuperação de áreas degradadas da cidade que passaram por um processo de mau

⁴⁰ Richard Rogers in *Cidades para um pequeno planeta*. Barcelona, 2001, p.162

⁴¹ Idem, *Ibidem*, p.27

⁴² Idem, *Ibidem*, p.161

uso, abandono e esvaziamento de áreas pela redução da função industrial, que tem vindo a acontecer nos últimos 20 anos.

Rogers considera que a habitação é um elemento importante na consolidação de áreas urbanas e que o envolvimento da habitação com o espaço colectivo deve estar presente nos novos projectos de intervenções urbanas, no sentido de humanizar a cidade. Para Rogers, a implantação de melhorias à cidade, no transporte público, na recuperação “[...] são as condições que contribuem para o desenvolvimento de uma cultura urbana pós-industrial socialmente responsável e ambientalmente consciente[...]”.⁴³

Segundo o autor, esta é a garantia de que a nossa sociedade sobreviverá, pelo atendimento às necessidades actuais sem o comprometimento das gerações futuras. Rogers salienta a premência de criação de locais de encontro formais e informais, no sentido de garantir convívio social.

*“Cultura é a alma da sociedade e a qualidade que luta contra a repressão. Ela diferencia as pessoas nestes tempos de globalização e mesmice[...]”.*⁴⁴

Richards Rogers nos seus escritos, referia que as “cidades compactas” oferecem uma melhor conjuntura na leitura da cidade, “[...]uma cidade densa e socialmente diversificada onde as actividades económicas e sociais se sobreponham e onde as comunicações sejam concentradas

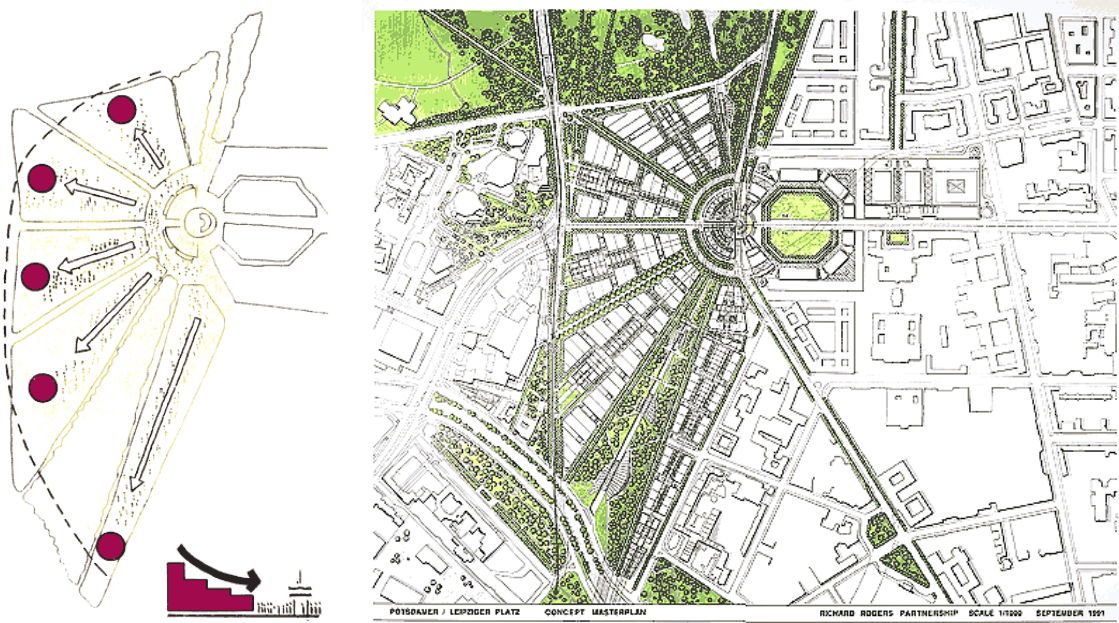


Figura 15 Diagrama, Richard Rogers

⁴³ Idem, *Ibidem*, p. 5

⁴⁴ Idem, *Ibidem*, p. 151

em torno das unidades vizinhas” ⁴⁵ . Esta definição que o autor tem de cidade rejeita o funcionalismo pragmático e a dependência do automóvel (sistema linear).

O sistema linear incide sobre a desagregação dos espaços por zonas (os bairros, os shopping, as áreas de lazer, as indústrias, entre outras), o que origina uma dependência automóvel desastrosa para a organização da cidade. Rogers defende um enredo que circunde toda a cidade de forma homogénea para suportar a viabilidade das suas estruturas, caso contrário o desrespeito e o abandono ditam as suas consequências, como já tem vindo a acontecer em muitas outras cidades e centros urbanos. Assim, levantam-se questões importantes inerentes à relação entre o cidadão, as políticas, os transportes, a geração de energia e a cultura, elementos que constroem cidades sustentáveis na qual a ecologia, a economia e a sociologia potenciam factores presentes no planeamento urbano.

Segundo Richard Rogers, a cidade sustentável tem várias facetas. É justa, bela, criativa pela visão aberta e exposta à experimentação. É ecológica, de leitura fácil, diversificada, compacta e policêntrica. Deve ela criar estrutura flexível para uma comunidade expressiva e forte, em ambiente saudável. A ecologia é um desafio ao crescimento que distingue com mérito a escala urbana. Assim, a cidade sustentável é sinónimo de qualidade e uma oportunidade de não colocar em risco futuras gerações

“O conceito de cidade sustentável reconhece que a cidade precisa atender aos nossos objetivos sociais, ambientais, políticos e culturais, bem como aos objetivos econômicos e físicos. É um organismo dinâmico tão complexo quanto à própria sociedade e suficientemente ágil para reagir rapidamente às suas mudanças” ⁴⁶

3.1.3 Jacinto Rodrigues “ que alternativas para a cidade do Porto (por um manifesto de um outro Porto 2000 e tal) ”⁴⁷

A cidade “arrastada para dar o lugar à locomotiva que veio trazer o símbolo do industrialismo até S. Bento” trouxe consigo o prestígio de uma nova classe dominante e conduzia consigo estilos de vida, hábitos e consumos, que prestigiaram cada vez mais a cidade. Estagnada mais tarde pelo poder autoritário vigente na década e o repressivo atraso social de desigualdades e revoltas. O 25 de Abril marca a revolução, a liberdade. Este processo traduziu em muitas das cidades portuguesas uma preocupação acrescida na conquista do direito da cidadania. “Os tentáculos urbanos” começaram a excluir os subúrbios e os mais desfavorecidos e a malha

⁴⁵ Idem, *Ibidem*, p. 33

⁴⁶ Idem, *Ibidem*, p. 167

⁴⁷ Jacinto Rodrigues in *Sociedade e território Desenvolvimento Ecologicamente Sustentável*, Porto, 2006, p. 129

urbana foi unificando o território, construindo uma potencialidade urbana desprovida da questão ecológica. A globalização surtia os efeitos de uma burguesia na conquista dos mercados internacionais.

Assim, Jacinto Rodrigues (1939) apela que meios e os formalismos em muito dificultavam a entrada no ensino da arquitectura da ecologia, o pensamento técnico e a alusão de uma “boa” arquitectura excluía por vezes a ecologia, considerando estes como matérias pobres, moldando a arquitectura à sofisticação impugnando a natureza⁴⁸.

Jacinto Rodrigues defende que a cidade como predomínio das políticas que atingem a conjuntura mundial, deverá contribuir para o não esgotamento do planeta em que a arquitectura deve ser uma resposta na visão política do modelo dessas mesmas políticas.

Cabe assim ao arquitecto apelar à consciencialização do desenvolvimento do território optando por medidas adequadas à geopolítica concentrando e difundindo aos demais variados aglomerados e modelar a civilização para que esta adopte hábitos ecológicos, diminuindo assim o desperdício dos recursos. Em suma, cabe ao arquitecto pensar num desenvolvimento territorial “ecologicamente sustentável, com vista à auto-gestão social, capaz de criar uma sociedade saudável”⁴⁹.

E é nesta medida que no seu “ manifesto de um outro Porto 2000 e tal” que o Porto consagra a oportunidade para a criação de mecanismos para instaurar os princípios geopolíticos. A capital europeia da Cultura, em 2001 impôs uma nova estratégia de desenvolvimento cultural, bem como na sua qualidade ambiental no qual o urbanismo se distinguiria.

“O urbanismo não tem de ser instrumento dócil do poder económico. As novas relações sociais e a tomada de consciência provocada pelas lutas urbanas, em torno dos espaços públicos e do ambiente, trazem uma nova dinâmica. Exigem um novo conceito de urbanização.

É que o urbanismo não é uma disciplina analítica. É um corpo transdisciplinar onde a morfologia territorial não é feita apenas de casas, pontes ou redes viárias. A morfologia urbana pode tornar-se “paisagem global” quando, para além da arquitectura e engenharia, surgem espaços públicos de socialização e sustentabilidade através da natureza tornada parte integrante do espaço construído”⁵⁰.

Para tal o Porto tem que assumir uma posição exemplar “Em vez de fachadas de betão é necessário o desenvolvimento ecologicamente sustentável” introduzir o espaço verde na malha urbana da cidade, ordenar o tráfego viário dando prioridade aos peões e aos transportes

⁴⁸ Diogo Vasconcelos e Jacinto Rodrigues, “A especificidade dos países do Sul”, Revista Angolana de Sociologia, 2011 (Fonte: <http://ras.revues.org/605> (consultado em abril 2014))

⁴⁹ Idem, *Ibidem*

⁵⁰ Jacinto Rodrigues in *Sociedade e território Desenvolvimento Ecologicamente Sustentável*, Porto, 2006, p.129

públicos e apostar nas energias renováveis. Estes dispositivos que o autor titula para a cidade seriam assim a melhor forma de tratar a cidade “doente”.

3.1.4 A cidade cultural

Falar de cultura na cidade é evidenciar claramente todo o ritmo que existe à volta da imagem da cidade. A cultura não se pode dominar pelas suas próprias regras, pois esta é o resultado do confronto com o espaço urbano, no qual é impossível descaracterizar o seu vínculo, neste caso, aos lugares da cidade, onde a sua essência persiste e dá continuidade. A sua relação com o espaço urbano de igual forma, confronta-o com a questão da temporalidade, assim como podemos considerar que a cidade é o resultado da “produção do espaço público” (tema a abordar mais em frente) dos demais períodos históricos pelos quais a cidade passa.

Desse mesmo modo se pode afirmar que a cidade é o resultado de todo um processo cultural, que a cidade é cultura, salientando as suas marcas históricas, pelos seus aspectos sociais e até mesmo políticos que resultaram na determinação da actualidade.

Considera-se que a actualidade urbana é fruto do envolvimento com as demais generalidades que esta assumiu e continuará a assumir. O sentido de incerteza que esta “transporta”, caracteriza o clima cultural contemporâneo, resultando na recusa de uma doutrina imposta pelo “movimento moderno” através de movimentos radicais e pensamentos onde as intenções partiam no sentido que é possível redimensionar o espaço público e dotá-lo de formas inovadoras⁵¹, ressaltando a cultura, a tradição e a “utopia”, os significados e os símbolos, abordando novas formas de viver a cidade, estimulando a construção do próprio espaço urbano.

A cultura tornou-se na cidade contemporânea exemplar, através deste envolvimento com a cidade. Os meios de comunicação são imprescindíveis para a afirmação e divulgação dos



Figura 17 Beco do Batmam, São Paulo, 2013



Figura 18 La boca, Buenos Aires, 2013

⁵¹ Nuno Portas in *Design Urbano Inclusivo - Uma experiência de projecto em Marvila, “Fragmentos e Nexos”*. Lisboa, 2004. p. 87

ambientes e mesmo para o aparecimento de grupos. A divulgação que esta atingiu afirma várias questões quer de carácter social, como o feminismo, o movimento gay/lésbico e outros, quer de carácter ambiental, com a implementação do conceito de ecologia, na defesa dos animais e na própria família tradicional confrontada agora com novos modos de vida, dando origem a múltiplas “culturas urbanas” que convivem na cidade. Esta interacção de grupos e culturas urbanas dependem muito da forma como cada um se apropria do espaço. Assim, a capacidade do indivíduo de se relacionar com a diferença, ou não, vive da medida como este interage com os espaços públicos.

“Agora, todo o indivíduo tem a noção de que pode ir a um espectáculo sem qualquer inibição, sem qualquer preconceito. Pode ir ver bailado, pode ir ver ópera, ou um espectáculo de rock, ou cinema [...] É precisamente com essa falta de preconceito que a cultura é para todos. Essa é uma coisa que também se está a desenvolver nas camadas mais jovens” ⁵²

Esta desconstracção entre a cultura e o indivíduo tem potenciado o alargamento de novas formas culturais, nomeadamente nos mais jovens urbanos, suplantando a abordagem a outros públicos, e novos relacionamentos.

Segundo a opinião de David Harvey, após a Segunda Guerra Mundial um dos maiores eventos da história fora a “destruição criativa do capitalismo”⁵³. A libertação das cidades da “ressaca” pelo qual o mundo teria passado, obrigou a um ressentimento por parte do capitalismo. Deixando para trás sistemas pragmáticos e autoritários, infundiam um espírito de revolta estimulando a cultura, certamente na tentativa de apagar o passado.

A criatividade e a oportunidade concedem uma nova abordagem ao capitalismo, não restringindo este ao trabalho exaustivo. A nova perspectiva garante o desfrute de uma cultura à qual o acesso não está restrito unicamente a particulares.

A aposta em políticas públicas evidenciavam claramente o favorecimento das actividades terciárias, da comunicação, do ócio e do turismo, resultando no progresso das estruturas da cidade, nomeadamente as culturas, protagonizando cada vez mais uma maior relevância no desempenho da urbe.

Diversificar. Esta é uma das grandes apostas do espaço urbano nas estratégias que passam pelo novo conceito urbano, no turismo e na difusão cultural, alimentando novos conceitos de lazer e uso do tempo livre, e da cultura como motivo de grandes intervenções urbanas, do comércio, da hotelaria e da própria gastronomia.

⁵² Carlos Fortuna e Augusto Silva in Projecto e circunstancia Culturas urbanas em Portugal. Porto, 2002, p.193

⁵³ “O Estado das Coisas” (Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.142/4274> (consultado em Maio de 2014))

A cidade (o contexto)

A relação entre a cidade e a cultura consolida-se no espaço e no proveito dos interesses públicos contemporâneos. A “nova cultura” é encarada como um novo desafio interactivo entre os meios sociais e a liberdade em que o turista como visitante deslombado, exibe um papel fundamental para o crescimento económico do sector turístico, mas também para o seu habitante, dada a perspectiva que a cidade oferece a este.



Figura 19 Performance do grupo La Fura dels Baus no âmbito da abertura de Guimarães Capital Europeia da Cultura, 2012

Caso de Estudo - a cidade Porto

4 Antecedentes históricos

Os principais marcos da história portuense surgem a partir do século XIX, data em que a indústria começou a representar um momento revolucionário no processo arquitectónico e social da cidade do Porto. Como já era frequente, em Portugal, comparativamente com cidades Europeias, as gerações vanguardistas tardam a chegar, mas a sua produção cultural já era bem presente na alma da cidade.

A “*Antiga, mui nobre, sempre leal, Invicta cidade*” a cidade progressista e liberal remete-nos sempre a um passado. A vida cultural do Porto implica reincidir abordar os modos como a burguesia triunfante do século XIX se mostrava como a classe emergente, as suas capacidades produziam o crescimento da cidade, desde o vestuário, à decoração, às formas de apresentação em público numa espécie de “mise-en scène”⁵⁴, aos novos valores e comportamentos, coloca assim muitas destas classes em situação historicamente novas. O investimento da cidade é fruto dos novos ricos e a arquitectura representa-se em parte pelo domínio destes.

O Porto assumia já nesta época uma dimensão internacional representativa com os países mais desenvolvidos. Aliás, os próprios modelos arquitectónicos desenvolvidos no Porto, são de grande influência do norte da Europa, atribuindo à cidade uma identidade urbana muito específica, que destaca o Porto em relação às cidades Portuguesas.

Primeiramente, no século XVII, o Iluminismo sugeria a procura do intelecto e da razão, determinante para o aparecimento da própria revolução industrial. Conferiu à sociedade a sua atenção em desenvolver conhecimento científico, que por sua vez, a aplicação técnica origina na industrialização, meados do século XVIII, o apogeu da revolução industrial, envolvendo, neste caso em particular em estudo, na arquitectura, com a construção de estruturas como Palacio de cristal do Porto, em 1861 de Thomas Dillen Jones.

A viragem estava mais do que no presente no espírito das pessoas e a arquitectura não poderia ficar de posição atrás. Perante os avanços técnicos e tecnológicos, passa-se a encarar a cidade no âmbito da sua expansão, abrindo muitas das barreiras que, até então, condicionavam a solução de problemas urbanos.

⁵⁴ Trata-se de expressão francesa, «*mise en scène*» e significa, no cinema, «directão artística; encenação» por extensão do seu sentido, «cena (“fingimento”, “simulação”)», dando como exemplo «fez uma m[ise en scène] muito convincente».



Figura 20 Palácio de Cristal do Porto de Thomas Dillen Jones.

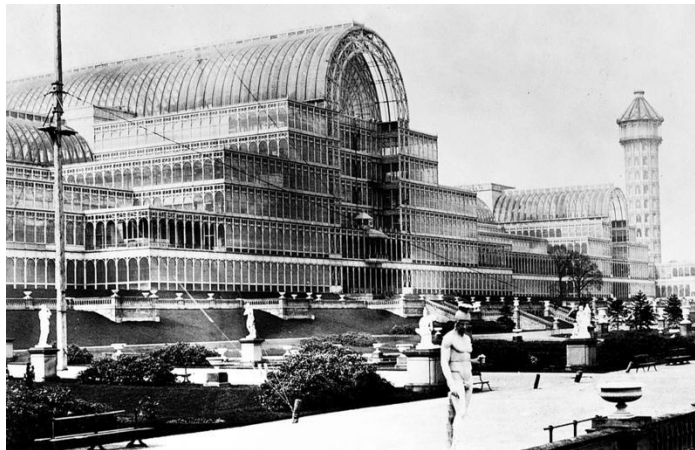


Figura 21 Palácio de Cristal de Londres Joseph Paxton

A força do trabalho torna-se a função primitiva da “máquina urbana” o espírito frenético da produção em massa da cidade, e o indivíduo apercebe-se que a produção e o crescimento derivam do seu esforço e da colectividade, hospedando aí frentes ideológicas, grupos e movimentos que contestavam à imagem da época, o exemplo do Ateneu Comercial do Porto.

O Porto abre-se a uma nova época de modernidade, tornando-se cada vez uma cidade de expansão europeia. Perpectuou-se a imagem nacional e internacional do Porto como uma cidade laboriosa e simples, mas próspera e desenvolvida. Era uma cidade verdadeiramente industrial, sendo muitas das vezes conhecida como a “Manchester Portuguesa”.⁵⁵

⁵⁵ Carlos Fortuna e Augusto Silva in *Projecto e circunstância Culturas urbanas em Portugal*. Porto, 2002, p.34

Justaposto a esta imagem deixada pela industrialização seguiu-se, quase imediatamente, um grande crescimento demográfico da cidade, o que provocara um aumento excessivo da população. Consequentemente, com o melhoramento dos transportes e das condições de mobilidade e o aumento da imigração para a cidade, o Porto assume-se como uma cidade activa, em constante transformação.

Engenhosamente, Portugal cairá nas circunstâncias políticas que se desenvolveram à época.

O Estado Novo em 1933 ditara o autoritarismo, conferindo a Portugal um isolamento do mundo exterior, um controle social bastante rígido, amortecendo as ideias progressistas, conduzindo a uma cultura submissa, medrosa, desencorajada, no qual a sanção da censura era o princípio deliberador. Com o regime predominando durante 41 anos, Portugal depara-se com um período de progressivo atraso social e tecnológico.

Tardou a Portugal assumir o espírito que se aproximava do século XXI. Instável, o país apresentava sinais de empobrecimento. A decadência cultural e tradicional da cidade estaria a gerar espírito de revolta em torno de seus habitantes, já indiferentes às consequências. Assumem então um ciclo revolucionário que representara uma nova etapa para Portugal. O 25 de Abril em 1974 concede a liberdade de expressão, com a queda do regime autoritário, passando mais tarde à implementação de um regime democrático, de poder político democrático.

Este espírito de liberdade, reflecte-se nas cidades em Portugal, e neste caso para a cidade do Porto, como cenários de entusiasmo, as praças, cafés e os vários recintos alcançaram a liberdade nunca antes atingida, agora, reflectindo-se nos movimentos sociais nos quais “participar” era palavra de ordem neste ressurgimento da cultura urbana.

Apesar desta reabertura ao mundo, a cidade do Porto, após o 25 de Abril, já não era a cidade vivida de outra data, apresenta-se atrasada em relação à competitividade europeia, e o seu percurso exigiria um longo processo de actualização da cidade. Os anos 80 e 90 foram preponderantes para a cidade retomar o seu percurso quanto à meta europeia. A gestão do país deparava-se com grupos culturais e animações que não deixavam calar os seus feitos, daí em diante o país e as cidades necessitavam de definir as suas estratégias a serem aplicadas na metrópole. Era urgente renovar toda a estrutura histórica e artística do Porto, onde a degradação e o desgaste marcavam a cidade pela falta de exercício e de planeamento das actividades. Assim, a partir dos anos 90, as determinações passam a ser outras, em aproximar o contexto da cidade desde as suas políticas, às suas dimensões sociais e culturais, de forma a corresponder às características que a actualidade assim exigira.

4.1 A produção do espaço urbano, uma viagem pelo tempo

O “universo iluminado” que muitos tinham idealizado à vista de outras cidades europeias, ainda “[...] contrasta com a ausência de iluminação pública nos arrabaldes rurais e com a presença das velas e dos candeeiros a petróleo nas casas mais pobres ou nos lugares mais afastados”⁵⁶. A cidade do Porto nos finais de oitocentos, ainda se encontrava longe de afirmar o universo burguês, como exemplo de uma “boa sociedade”. Um terço da população que teria abandonado o campo em busca do conforto e vida da cidade, viviam assim em condições de extrema miséria, abrindo a cidade a um grau de pobreza nunca antes visto.

Todavia, as novidades iam chegando à cidade do Porto, em 1909 começa a funcionar uns dos primeiros cinemas, o Metropolitano, “A carruagem tremelicava, como se avançasse sobre a linha, e pela janela viam-se correr as paisagens projectadas no ecrã, de viagens a Paris, Londres, Berlin, etc. O espectáculo era total: tocavam campainhas e apitos com ruídos de fundo iguais aos de um comboio autêntico”⁵⁷. A emoção que o século trazia prosperava magia e imagens em movimento, onde nenhuma arte antes teria atingido tal divulgação em massa.

As artes eram a nova forma que muitos teriam encontrado para adoptar a sua posição em sociedade. No Porto, os salões, teatros e cinemas eram portanto, a nova forma de entretenimento social, onde a novidade representava assim o alvoroço da agitação social. O Rivoli, o Teatro Sá da Bandeira, entre outros espaços de entretenimento, reanimavam os vários polos urbanos da cidade, obrigados a reforçar as suas manifestações artísticas de modo a atrair novos públicos. Não seria por menos, a cidade do Porto apresentava cada vez mais a sua potencialidade para mercados, mas carecia de informação da saúde, da educação e administração do seu território, de modo a alargar suas perspectivas à cidade.

Começava à época a surgir o plano de ordenação da cidade no qual o centro se estendia ao crescimento da zona da Boavista, diminuindo assim o tráfego no centro. Atempadamente, a cidade começa a especializar-se em grandes estruturas, desde os acessos e fluxos, na criação das vias rápidas e na conexão da cidade às suas adjacências numa necessária resposta à mobilidade. De dia, os bairros e residências despejam para o centro toda a actividade, à noite o cenário é oposto. Assumiu-se uma tendência para o esvaziamento dos lugares públicos.⁵⁸

A oferta cultural que a cidade vinha prometendo aos seus cidadãos, com o avançar do século, tornou-se um “ataque” aos olhos de outros, nomeadamente da capital, Lisboa. Com o rumo e

⁵⁶ Maria do Carmo Serén e Gaspar M. Martins APUD João Teixeira Lopes, *Cidade e a cultura, um estudo sobre práticas culturais da cidade do Porto* p. 173

⁵⁷ João Teixeira Lopes in *Cidade e a cultura, um estudo sobre práticas culturais da cidade do Porto*, p. 172

⁵⁸ O Plano Director da Cidade do Porto, 1962 de Robert Auzelle, também conhecido como Plano Auzelle

os preceitos que vinham sendo ditados, pelo que viria mais tarde a ser o Estado Novo, a cidade portuense começava a sofrer as penalizações impostas por um regime soberano e ditatorial.

Ainda dentro dos poucos anos da primeira república, a expansão escolar era preponderante para a cidade. Nascia aí a Universidade do Porto, em meados do ano 1911, mais tarde o Conservatório de Música em 1917 e o primeiro Cineclube Português em 1923. A questão da instrução era crucial para o país, os debates e as tertúlias, eram o alvoroço de académicos e intelectuais, começara um dos primeiros jornais e revistas de cariz académico, a Águia, fundada em 1911.

A discussão e a literatura emancipavam a abertura da população. Em 1928 Faculdade de Letras fundada a 1919 é encerrada, as atitudes e o medo que o estado promovia, mortificou desde então a tradição democrática e cívica do Porto, rodeada de suspeitas, denúncias e censuras. A esfera pública estava enfraquecida, a punição ou represália estava vigente em todo o ritmo alucinante que se prosperava na cidade que era agora incomunicável, fechada e sombria. A transgressão de regras representava a ofensa, e mais que nunca, o debate teria que tomar uma estratégia de sobrevivência, *“a partir daí o debate só podia limitar-se à intimidade ou adoptar modos de circulação tão disfarçados que escapavam à percepção da maioria”*⁵⁹

Neste seguimento, a actuação do Ateneu Comercial do Porto foi crucial para o avanço dos intelectuais da época. As manhãs literárias e os incentivos promoviam concertos e recitais de canto e, acima de tudo, os debates e conferências, onde passaram alguns dos vultos de maior prestígio da intelectualidade portuguesa, tais como Miguel Torga (1907-1995), Vitorino Magalhães (1918-2011), entre outros. Estes provocavam a mobilização das energias liberais da velha burguesia adormecida. Discretamente a cidade continuava a marcar a sua presença na vida cultural portuguesa mesmo longe do fulgor da capital. Muitos outros nomes surgiram posteriormente, como Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), Eugénio de Andrade (1923-2005), entre outros. Nos anos 60 fazia-se assim comprometer alguns dos mais importantes movimentos, nomeadamente na arquitectura, consolida-se com o prestígio da escola de Arquitectura do Porto, através de nomes como Fernando Távora (1923-2005) e Siza Vieira (1933) atribuindo uma nova imagem da arquitectura Portuguesa. Anunciava-se assim um novo ciclo, o espírito urbano que se propagava nas rádios e mais tarde na televisão, caracterizava o modo de vida urbano como uma posição conceptual de abordagem a uma vida diferenciada do trabalho árduo e exaustivo do campo.

A necessidade de internacionalizar Portugal, após este acontecimento, obriga à implementação das políticas nacionais no desenvolvimento regional e ambiental das cidades em Portugal, intimamente relacionadas com a adesão à União Europeia em 1986 e com o processo de integração que surgiu logo após a estruturação governativa do país. A proposta contemporânea

⁵⁹ João Teixeira Lopes in *Cidade e a cultura, um estudo sobre práticas culturais da cidade do Porto*, p. 177

em unir os países da Europa, formando a UE, que prestigia Portugal, concretiza-se na abertura do dialogo contemporâneo, levando à competitividade. Esta competitividade abriu assim portas ao mercado, ao fluxos migratórios, à troca de informação, no fundo o que se esperava da oportunidade desta relação com a abertura ao mundo, repercutindo-se no turismo que se vive em redor das grandes cidades. Mas este efeito, que se voltou em torno das grandes cidades, tem expressado reacções na população mundial e na sua distribuição urbana. No caso de estudo desta dissertação, o Grande Porto de 1860 até ao final do século, apresentava um aumento de 85% da sua população, todo o distrito do Porto (835.674 habitantes) passou a 1.287.282 habitantes, dos quais, 19% representa a população residente na cidade do Porto no ano 2011. Apesar do aumento distrital, a cidade tem apresentado fortes decréscimos na sua população residente. O Porto dos anos 60 apresentava um valor de 303.424 habitantes, quando nos últimos dados apresentados pelos censos afirmam 237.591 habitantes.⁶⁰

Perante estes dados demográficos, surgem novas questões intrínsecas à arquitectura contemporânea. Em primeiro lugar, a cidade passa a ser um dos problemas centrais da discussão, dado que a cidade é o espaço que melhor pronuncia as suas variantes culturais, sociais e antropológicas, nas quais a arquitectura dialoga. Segundo, a urgência de uma reflexão sobre a cidade prepondera o exercício dos sistemas políticos que visam atingir as metas da globalização cada dia mais forte e, por fim, do aumento dos fluxos migratórios e do surgimento de novas conturbações urbanas, onde esta posição no exercício da arquitectura tornou este um facto surpreendentemente inesperado. A arquitectura passa a ter um papel activo enquanto critério de análise e discussão sobre as grandes mudanças civilizacionais do mundo contemporâneo.

⁶⁰ Dados fornecidos com base nos censos da população da plataforma do PORDATA- Base de Dados Portugal Contemporâneo

5 Olhar sobre a cidade



Figura 22 Cidade do Porto

“Lisboa diverte-se, o Porto trabalha, Coimbra estuda, Braga reza”⁶¹

Este tipo de expressões mnemónicas preserva a identidade das cidades a partir da selecção de características marcantes ou de lugares em causa. Embora pareça uma simples forma de exprimir ou eternizar uma realidade, afirmam nessa medida, seus traços identitários a estes expressos, evidenciando representações, referências, orientações e valores atribuídos à circunstância, neste caso à cidade.

A cidade do Porto corresponde de múltiplas características das transparências que a imagem cidade reflecte. Através das suas estruturas, os seus “objectos” apoderam-se de imagens, traduzem modos de ver e estes são função tanto daquilo que é visto, como de quem vê, e é nesta dimensão de pluralidade da imagens que a cidade se assume de inesperada, o limite, as suas práticas, a sua cultura partilham deste contexto urbano, como palco para as suas representações onde se difunde a potencialidade do espírito da cidade.

Esta paisagem urbana é descrita através dos múltiplos elementos que constituem as qualidades intangíveis (por vezes imaginárias) do ambiente local, traduzem indirectamente o *genius locus*, as imagens dos lugares e as suas naturezas distintas, natureza que se refere à cultura, aos seus marcos históricos, que ao longo do tempo perpetuou a estrutura material e simbólica que retiramos da cidade. No fundo, a identidade passada é o plano simbólico em que as cidades se representam e são representadas, a partir do qual procuramos caracterizar a constituição identitária da urbe.

Se há uma imagem que facilmente retiramos da cidade do Porto, essa está directamente relacionada com o peso que a antiguidade e tradição assume enquanto identidades da cidade. A antiguidade, adquire um valor estratégico, um sentido em que, por um lado, oferece valor

⁶¹ Carlos Fortuna e Augusto Silva in *Projecto e circunstância Culturas urbanas em Portugal*. Porto, 2002, p.17

simbólico ao património da cidade e por outro alimenta o turismo, além da mobilização do passado, na promoção das memórias e tradições da cidade. Assim, tratando da arquitectura da cidade, Rossi refere-se ao “locus” como sendo o princípio característico dos actos urbanos; o “locus”, a arquitectura, as permanências e a história serviram para tentar esclarecer a complexidade dos actos urbanos. A memória colectiva torna-se própria do povo.

“[...]A cidade é a memória coletiva dos povos; e tal como a memória esta ligada a fatos e a lugares, a cidade é o “locus” da memória coletiva.”⁶²

Esta memória colectiva não se retrata apenas na adição de memórias por parte das suas estruturas, mas nela é incontornável a permanência do Rio Douro, a Torre dos Clérigos, e mesmo longe de vista a Casa da Música, o Parque da Cidade e até mesmo o Vinho do Porto. A sua complexidade urbana gerou um contexto favorável a “eternizar” o que hoje temos como atractivos, como valores e referências da cidade. Um edifício como a Casa da Música ou mesmo a Torre dos Clérigos é resultado da persistência imutável, que apesar dos diferentes contextos da sua construção, conferem uma identidade eterna na imagem da cidade, atribuindo sentido e forma a esta a esta experiência vivida das pessoas e aos lugares.

O Homem compreende que a sua posição é “curta” em relação à cidade, no qual a sua produção se reconhece preponderante para a continuação da existência desta imagem urbana, o que nos leva ao discurso incontornável de preservar a cidade, a “cidade sustentável” onde a legitimidade política/ideológica garante a sua persistência *“o que pode ser sustentado, pode ser argumentado”*.⁶³

É nesta ambição que a cidade percorre, em sustentar as suas infraestruturas, as suas paisagens, os espaços públicos, com o objectivo de alargar e aproximar a dimensão cultural expressa na sua complexidade. Não é só para dar prosseguimento à cidade, mas também ao seu habitante, no comércio, que coagem com a continuidade da sua estrutura, em interesses divergentes.

⁶² Aldo Rossi in *A arquitectura da cidade*. Lisboa, 2001, p. 192

⁶³ Pedro Brandão in *“A cidade, como tudo o que é sólido, está a derreter-se no ar? . Ensaio provisório, sobre Duração e Complexidade”*, Lisboa, 2009, p.190 (Fonte: <http://www.raco.cat/index.php/Waterfront/article/viewFile/218901/299221>)

Neste sentido, a cidade do Porto representa-se no desejo ao qual a cidade se tem vindo a propor, continuamente a partilhar as suas tradições e as suas culturas. Optimista quanto à capacidade de transformação, expectável ao inesperado e ao incerto.

A cidade assume-se incerta e, tal como em outras cidades, e nomeadamente a cidade do Porto o carácter tem-se envolvido cada vez mais nesse desafio. Do “virtual” das tecnologias, das aplicações interactivas, a cidade confronta-se com um lugar de aparências momentâneas (não querendo atribuir o título de “falsificação” da identidade) A interacção tecnológica tem em muito promovido o envolvimento da cidade nas dinâmicas ligadas aos lugares, à cultura e mesmo na internacionalização da cidade.

5.1 A cidade incerta

As cidades do nosso tempo são palco de constantes reinvenções, por vezes, reinvenções do próprio tempo em que nos encontramos. Esta posição coloca as nossas cidades à mercê do que entendemos dos seus espaços, das suas economias, a sua vida social e sobretudo a vida cultural, tornando-se numa oportunidade às cidades na abertura de um jogo de possibilidades, onde o cidadão desempenha o papel actor deste sistema. Ora, com tal abertura que cidades da actualidade oferecem, torna-se cada vez mais difícil antecipar os resultados do território que nela é compreendido “*fazer cidade*”. Do mesmo modo que esta se fecha na medida de avaliar, o seu futuro, determinará uma escala de perspectivas e possibilidades sobre o que esta pode vir a ser e, como podem estas ser, ou seja, “*saber ler*”.⁶⁴

Este modelo de cidade, expectante, tem sido um dos modelos que se tem desenvolvido em grande parte das cidades Europeias, e nomeadamente na cidade do Porto. Esse critério envolve a cidade num processo de criatividade, no que determinamos como as suas actividades e a sua produção do espaço urbano. Podemos, dessa forma constar que, face à reinterpretação das nossas cidades, o carácter da incerteza apresenta-se cada vez mais num desejo maior, em pensar a cidade e, por conseguinte, num projecto de políticas urbanas que as nossas cidades têm potenciado para a programação e estratégia do próprio território. A cultura não assume regras, esse espírito que se tem vivido dentro e fora da cidade, tem elevado a cidade a novos grupos e novas frentes de sociedade contemporânea, traduzindo na cidade, novos comportamentos e novos pretextos no envolvimento de culturas, a tradição e a “utopia”, os significados e os símbolos, a certeza e a incerteza.

⁶⁴ Paulo Seixas in *A Cultura em acção-Impactos sociais e território*. Porto, 2003,p. 112

Este sentido de incerteza perde pontos fundamentais na compreensão do seu papel na sociedade, pois a sua especulação não garante a segurança contínua das condições socio-económicas, mas por sua vez, potencia a interação de diferentes culturas na cidade e de grupos, critério que tem sido determinante hoje para o envolvimento das cidades na actualidade. A cidade reinventada ou a cidade programada vivem um pouco deste clima de incerteza ou de risco. O desafio que o desejo/obstáculo tem legitimado é a variedade do interesse local ou locais sob o qual se constrói o autêntico valor da vontade reflexa de [re-]construir ou de se [re-]adptar às pré existências ou mesmo afirmar-se identitário e autêntico no futuro.

Estes riscos preponderados à forma genérica da cidade, embora reflectam a ideia de instabilidade e incerteza, mostram que a cidade é uma porta aberta à polifonia de actividades e estilos que nela vão surgindo.

5.2 Políticas Urbanas

O espírito que se vive em torno do ressurgir da cultura urbana, sobretudo na regeneração física e económica da cidade do Porto nos últimos anos, tem resultado em políticas cada vez mais significativa no âmbito no plano estratégico na cidade.

Porém esse resultado, também precedido pelo contexto europeu, na sua forte influência à reestruturação das cidades europeias, vivida nos anos 70 perante a urgência de adaptar a cidade a uma nova realidade económica e às transformações sociais e culturais como um instrumento válido para impulsionar a actividade económica local e regional de forma a integrar o ambiente social.

Fazendo uma retrospectiva é-nos possível perceber que este tipo de políticas culturais foram sendo introduzidas ao longo do tempo até à actualidade. Nas décadas entre 1940 e 1960, as políticas culturais seguiam um conceito de cultura enquanto conjunto (teatro, musica, pintura e escultura), todavia eram compreendidas como domínios independentes não sendo consideradas actividades económicas. Este período que designa-se pela reconstrução da Europa após as grandes Guerra.

No início da década de 70 as cidades padeciam pela falta de entusiasmo, o que fez com que as políticas culturais tendessem a integrar-se conjuntamente com as políticas urbanas, respondendo às novas classes sociais desfavorecidas e operárias. Consequentemente, rompeu-se com as ideologias tradicionais, começando a surgir oportunidades de participação na vida pública para todos as classes sociais e etárias. Houve igualmente um sucessivo interesse pela promoção de espectáculos como festivais, exposições entre outras formas de animação

cultural. Estes estímulos de participação na vida pública e de aplicação de novas políticas culturais resultaram da resposta aos novos estilos de vida urbanos, da interação social igualitária e da reconstrução do sentimento de comunidade.

Em geral por toda a Europa, o aumento dos recursos destinados às políticas de criação e produção de cultura significou a própria qualificação da formação cultural. No entanto, a recessão industrial dos anos 80 obrigou os diferentes governos a reduzir as verbas disponíveis para a cultura, o que se reflectiu sobretudo nas políticas culturais e na vida social, na qual se englobavam o valor de igualdade, a participação pública e a regeneração económica e urbana. Assim, as políticas culturais do âmbito urbano consolidam-se não sob a forma de subsídios mas sim de investimentos, marcando o início do Período *City Marketing*⁶⁵

Neste sentido, muitas das cidades da Europa, em declínio industrial, têm vindo a desenvolver estratégias de revitalização da economia e do urbano, utilizando a cultura como meio de desenvolvimento da sua capacidade estratégica. Disto é o caso de Bilbao e de várias cidades britânicas como Manchester, Bristol e Liverpool. Mais recentemente em Portugal temos o exemplo do evento da capital europeia da Cultura - Porto 2001.

Todas as cidades, independentemente das suas diferenças e opções estratégicas, partilham entre si o facto de outrora terem sido cidades industriais, em que de alguma forma o declínio da actividade industrial lhes proporcionou cenários de altas taxas de desemprego e de dificuldades económicas e sociais. Neste sentido a exploração da cultura surge no âmbito do desenvolvimento e da competitividade, como elementos geradores de emprego, e da noção de concretização da sustentabilidade.

Fazendo-se representar cada vez mais na ideia de cidade criativa, a sociedade contemporânea rege-se por uma estratégia de introdução de indústria criativa bem como pela introdução de um elemento essencial no âmbito das propostas de desenvolvimento sustentável das cidades.

“[...] o sector da cultura e as industrias criativas culturais e criativas podem dar um contributo fundamental para responder a desafios importantes, como a luta contra o aquecimento global e a transição para uma economia verde, bem como para construir um novo modelo de desenvolvimento sustentável. A arte e a cultura têm uma capacidade única para criar «empregos verdes», sensibilizar, desafiar hábitos sociais e promover mudanças comportamentais nas nossas sociedades, incluindo a nossa actitude geral para com a natureza. Porem igualmente abrir novas vias para abordar a dimensão internacional destes problemas. Para responder a estes desafios, os vários níveis de governo têm de criar as condições

⁶⁵ As cidades estão prontas a ser exploradas. É neste sentido que City Marketing, assume uma perspectiva orientada para o habitante e também para quem a visita, segundo a linha de pensamento de Jacinto Rodrigues, com texto “que alternativas para a cidade do Porto (por um manifesto de um outro Porto 2000 e tal) ” o autor ilude a esta ideia City Marketing, ideia essa que pode ser explorada pelas nossas cidades.

adequadas ao desenvolvimento de estratégias de criatividade. Ao mesmo tempo, deverá continuar-se uma reflexão relativa à avaliação dos ambientes criativos, para complementar os indicadores mais tradicionais da inovação” ⁶⁶

5.3 A cidade criativa

A noção de cidade tem vindo a ser abundantemente difundida ao longo dos últimos anos. No caso da cidade do Porto, pode afirmar-se que esta tem assumido um papel persistente na actuação pública sobre os espaços urbanos e no desenvolvimento da competitividade de acordo com as áreas de actividade da indústria, do turismo, do ensino, das tecnologias, entre outros. A cidade do Porto tem presente nas suas políticas de concertação urbana a construção de uma imagem propícia à conquista de novos investidores, de profissionais e dá especial atenção aos meios de comunicação, que promovem a sua oferta. Esta ideia de competitividade, criatividade e de promoção do desenvolvimento e requalificação urbana tem vindo a reflectir-se num importante reconhecimento do peso das actividades culturais e criativas, promovendo a economia da cidade e o desenvolvimento territorial da mesma.

Nas novas abordagens das cidades criativas, neste caso concreto da cidade do Porto, a acção das práticas políticas desenvolvidas em torno do desenvolvimento do Porto, dando continuidade ao projecto Porto 2001 Capital Europeia da Cultura, tornou visível a grande estrutura da cidade e as suas políticas destacaram-se das mais variadas formas. Podem destacar-se pelo menos três grandes distintas vertentes na exploração da relação entre criatividade e promoção do desenvolvimento urbano:

- a necessidade de criatividade nos “instrumentos” para o desenvolvimento urbano, ou seja, o desenvolvimento de ferramentas e soluções criativas associadas aos novos contextos socioeconómicos e culturais;
- o foco das actividades/indústrias/sectores criativos, assimiladas com maior ou menor abrangência às actividades culturais, como base estrutural do desenvolvimento urbano, ou seja, as actividades “culturais e criativas” desempenham um papel fundamental nas economias actuais, o que faz delas uma aposta fulcral para o desenvolvimento urbano, sendo que estas se assumem como o novo motor económico numa sociedade que se centra no conhecimento, onde o valor simbólico é cada vez mais legitimado;

⁶⁶ Comissão Europeia, Livro Verde - Realizar o potencial das indústrias criativas, Bruxelas, (fonte:http://ec.europa.eu/culture/our-policy-development/doc2577_en.htm (consultado em Junho de 2014))

- a defesa da necessidade de atrair competências criativas, ou seja, os recursos humanos criativos e as actividades culturais têm-se desenvolvido com o objectivo de promover a competitividade regional e local através da criação de emprego, gerando valores económicos que incentivem a realização de espaços urbanos capazes de promover a participação das populações, bem como a integração de todos os grupos sociais, incentivando a preocupação e preservação do ambiente.

Desta forma, a actividade cultural actua sobre dois pontos fundamentais: primeiramente no património cultural material e imaterial de cada lugar e posteriormente na construção de equipamentos e na criação de eventos culturais, também estes associados ao lugar, salientando a regeneração urbana na medida em que os locais permitem (re-) construir ambientes e potenciar a qualidade urbana como um contributo atractivo e competitivo.

5.4 As Capitais Europeias da Cultura

As primeiras iniciativas da Capital Europeia da Cultura datam de finais de 1983 e foram promovidas por Melina Mercouri (1920-1994). Em Junho de 1985 foi oficialmente lançada a primeira iniciativa para o que hoje se vem a desenvolver nos Programas das Capitais Europeias da Cultura (CEC). O seu objectivo inicial era que através do diálogo entre diferentes culturas Europeias se procurasse elementos comuns e simultaneamente as diferenças e especificidades de cada uma delas, fundamentadas na cultura.

As Capitais Europeias da Culturas dos anos 90, o caso de cidades como Dublin (1991), Madrid (1992) ou Lisboa (1994) apostaram em programações anuais de carácter clássico, deixando pouco espaço para manifestações culturais alternativas. As suas manifestações revelaram-se com pouca dinâmica cultural e poucos recursos estruturais, talvez por serem as primeiras iniciativas.

Ao longo da década de noventa, o desenvolvimento da iniciativa ganhava novos contornos quando ao seu envolvimento programático. A visibilidade pública e o número de candidaturas aumentou consideravelmente. Neste sentido, as cidades designadas com este título ganharam um considerável reconhecimento, relançaram a economia local, aumentaram o volume dos seus fluxos turísticos, melhoraram a sua imagem, reforçaram a sua vida cultural e melhoraram as suas infraestruturas culturais.

A cidade (o contexto)

De qualquer forma, a expansão do enfoque das Capitais Europeias da Cultura, para além dos eventos puramente culturais, criou novas oportunidades para um vasto conjunto de atividades relacionadas com o domínio das indústrias criativas.

Devido ao progresso que a iniciativa teria vindo a apresentar, em 1999 os estados membros da União Europeia decidiram apoiar financeiramente o programa das Capitais Europeias da Cultura. Estes apoios seriam aplicados no desenvolvimento de projectos no âmbito da iniciativa.

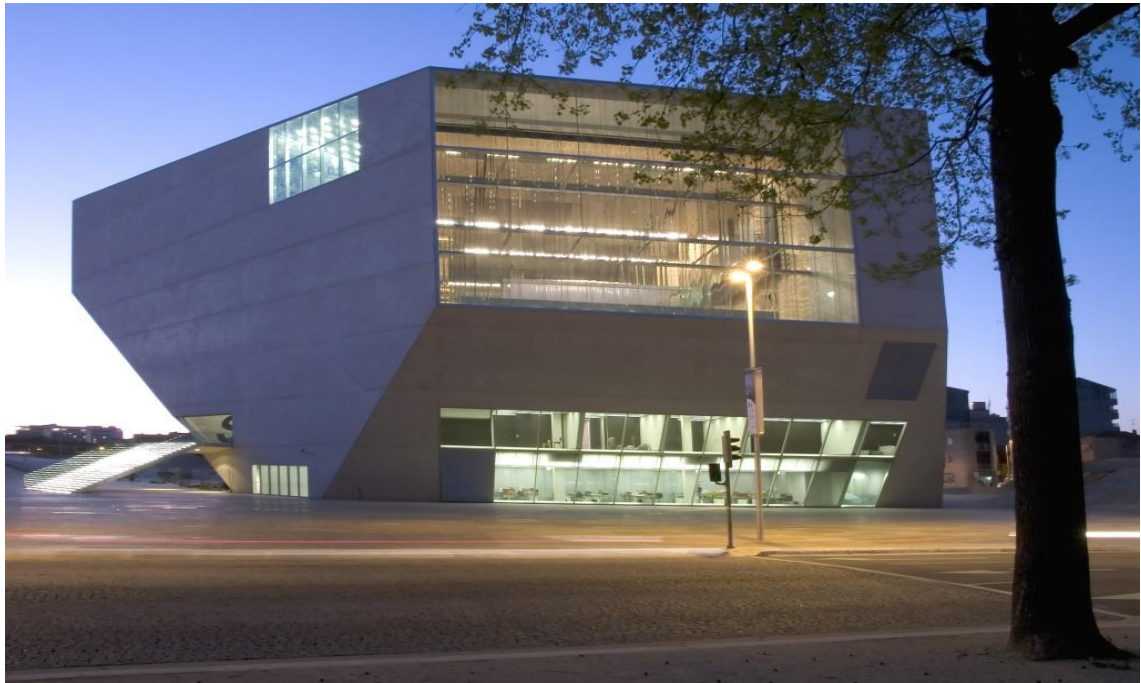


Figura 23 Casa da Música, Porto

6 Pressupostos de Projecto. A estratégia

A comunicação directa da cidade do Porto, determina a forte presença das culturas e tradições, contudo ela define-se como uma cidade expectante na medida em que a sua produção na actualidade caminha no progresso cada vez mais associado à criatividade, à cultura e consequentemente ao turismo. Dentro desta, amplia-se a expectativa que os seus lugares oferecem, numa busca a cada dia, da inovação e inevitavelmente da criatividade desta como forma regeneradora de seus valores.

O turismo tem-se apropriado da cidade pela facilidade que a mobilidade e acessibilidade que o Porto apresenta e na capacidade da oferta do campo cultural, desde os seus museus, da sua gastronomia e até mesmo pelo seu comércio tradicional. A cidade do Porto tem-se assumido na vida de bairro, pela sua história e arquitectura das lojas de antiguidades, mas também do interesse público com zonas de ócio e lazer. A sua abordagem quer política e cultural, é cada vez mais na procura de novos públicos, sobretudo, os jovens, dada a sua oferta no campo dos entretenimentos nocturnos como também na intervenção da Universidade do Porto que muito tem atraído pela sua oferta e oportunidade.

Enquanto estratégia no estudo em questão, os parâmetros vão de encontro ao que se tem vindo a desenvolver na cidade do Porto, apoiado no discurso e estratégia Porto Capital Europeia da Cultura em 2001. O objectivo desta primeira abordagem da cidade passaria por dar a continuidade de regeneração urbana, onde se procure incorporar o tecido económico, social e cultural através das mais diversas e participadas actividades e que dessas beneficiem os edifícios e espaços públicos, recuperação de património, arte pública, exposições, encontros, animação, edições, gastronomia e comércio. Assim que a proposta de intervenção em questão, intervenção no Silo-Auto, possa agilizar o desenvolvimento económico na cidade, atraindo capitais e investimentos, e que de igual forma reforce a imagem e o simbolismo da mesma. Onde na estrutura do silo-auto, fisicamente se potencie o desenvolvimento da infraestrutura quer para local como também, para preservar o legado cultural e histórico, fortalecendo não só as tradições e valores locais, como o espírito de comunidade local, num maior reconhecimento da cidade.

Procura-se assim entender as percepções dos vários actores perante a variedade de conceitos e de dimensões que a cidade virtual, a cidade ecológica, o envolvimento da cultura e a ideia de criatividade na aplicação à cidade. Estas percepções de cidade enriquecem o debate entre a cidade, as “políticas urbanas”, a “cidade criativa”, os espaços e as actividades, podendo e devendo ser usadas como base para o desenvolvimento de projecto.

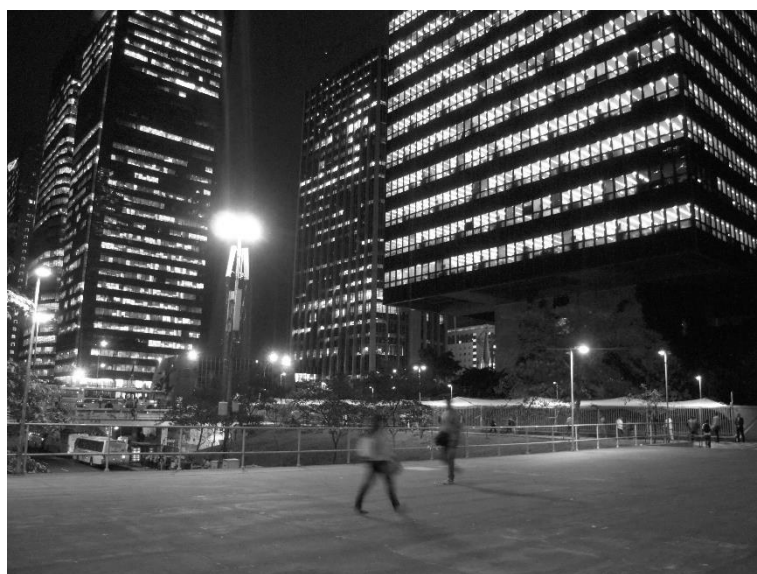


Figura 24 Rio de Janeiro, 2013

Capítulo 2 | O lugar (a experiência)

O lugar (a experiência)

1 Definir o “lugar”

O lugar é uma questão que ainda envolve as matérias das ciências humanas, a geografia, e em particular, a arquitectura quanto à sua concretização. O resultante de um processo de globalização, que se tem vindo a sentir hoje, sobretudo na forma acelerada com que se vive a contemporaneidade, tem assumido novas noções do que compreendemos como o lugar, sob novos contextos, sendo pertinente para este estudo compreender como a cidade da actualidade vive e se articula nestes mesmos espaços.

O lugar poder-se-á assumir como um “plano” que se desfaz e se dispersa mediante a mancha homogénea que a cidade assume, plano esse, que de alguma forma corresponde à linha de pensamento de Milton Santos (1926-2001) que afirma que existe uma dupla questão no debate sobre o lugar. O lugar visto “de fora” “ a partir de sua redefinição, resultado do acontecer histórico e o lugar visto de “dentro”⁶⁷, o que implica a necessidade de redefinir o seu sentido, e é nesta perspectiva que o lugar se assume como base na reprodução da actividade entre o **habitante**, a **identidade** e o **lugar**. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo.

Este plano local (do lugar) alimenta relações que os indivíduos e os habitantes mantêm com os espaços, como expressão do dia-a-dia, nos modos de uso do quotidiano, como um espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. É através do corpo, que os seus sentidos revelam a noção de lugar do espaço apropriável para a vida, segurança, estabilidade e a aproximação que temos com espaços físicos da cidade, o bairro, a praça, a rua, só aí se perdura a relação com o lugar.

Através do indivíduo que habita e se apropria do espaço agimos sob a existência do mundo concreto. Os modos como nos apropriamos do meio, a experiência, a sensação e a acção reflectem as maneiras como desejamos ou como nos identificamos com os espaços.

Por outro lado, o conjunto da cidade não é “lugar”, para tal, esta pronuncia-se parcialmente, através dos seus múltiplos espaços. O Homem habita dentro da cidade o seu quotidiano e o seu modo de vida onde se move, trabalha, passeia, comunica, isto é pelas formas através das quais o Homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso. No que se representa hoje aos lugares dentro da própria cidade com o seu revivalismo entre os lugares, ou seja, reivindicam entre si, na busca da prática em viver a cidade, feita dos seus momentos usuais,

⁶⁷ (Fonte: http://www.controversia.com.br/uploaded/pdf/12759_o-lugar-no-do-mundo.pdf (consultado em Maio de 2014))

O lugar (a experiência)

das suas tradições e, aparentemente sem sentido criam laços profundos de identidade, entre o habitante-habitante e entre o habitante-lugar.

Estes domínios criados entre os habitantes ligam a cada indivíduo a definir os seus domínios os seus lugares de lazer, de comunicação, onde estas intercessões espaciais são ordenadas segundo as propriedades de seu trajecto diário e dos seus gostos.



Figura 25 Bairro Alto, lisboa

2 Espírito do lugar

A experiência contemporânea assume uma perspectiva de longa data no que representa a construção e o envolvimento do público com a cidade. Esta perspectiva experimental permite hoje ao Homem comum constatar e reflectir sobre a cidade no seu largo processo de relações entre gerações e culturas, relações essas que alimentam o ritmo da cidade e as quais denominamos como os “lugares da cidade”.

A questão do lugar sempre apresentou um largo domínio de interpretações e subjectividades. Ambíguo este assunto, sempre envolveu arquitectos, sociólogos, geógrafos e historiadores em questões pertinentes sobre que dimensões determinariam o espaço e quais as exigências do lugar. Muitas das definições de lugar não traduzem a vivência do espaço, onde o lugar é definido como parte do espaço.

A interpretação arquitectónica do espaço apresenta-se primeiramente como uma reprodução bidimensional, cujo objectivo permitirá a organização em planta, sendo posteriormente reproduzida tridimensionalmente em corte e fachada. Este elemento não formula uma posição activa na composição desta interpretação, mas ajuda a formar e a compreender a experiência espacial apontada por Bruno Zeni⁶⁸ como o limite que nos leva a atingir a obra humana, própria da arquitectura, e o espaço no qual as suas fachadas exibem a forma. Aí claramente se determina o espaço, onde não é possível abstrair-se da qualidade de um objecto como uma coisa materialmente mutável.

“O espaço não é uma coisa” ⁶⁹. A ideia de espaço transparece como um factor determinante quando se fala da sua compreensão do lugar e do tempo⁷⁰. As cidades representam uma relação difusa do corpo entre o tempo e o espaço. Não seria possível reconhecer a sua história e as suas vivências se o homem não dominasse o lugar onde o cidadão vive os seus momentos e a sua “realidade relativa”, captada pelo olho humano⁷¹, da escala determinada pelas ruas, avenidas, pelos sistemas de transporte, entre outros. No confronto entre o espaço e um determinado local, reflete-se a interação das estruturas dos grupos sociais, costumes e tradições, a desfrutar do que realmente expressa a essência do lugar ou lugares, neste caso concreto, da cidade.

Esta relação do tempo permitiu ao Homem deter os seus momentos na construção dos seus lugares, fundamentando na história importantes avanços científicos, como a máquina a vapor,

⁶⁸Bruno Zeni in *Saber ver a arquitectura*. Lisboa, p.23

⁶⁹Josep Rykwert in *A Sedução do Lugar* (Fonte: <http://pt.scribd.com/doc/219832611/A-FL-A-Seducacao-Do-Lugar-Joseph-Rykwert> (consultado em maio de 2014)

⁷⁰ o tempo se refere é um tempo não referencial.

⁷¹ O tempo e espaço não são substâncias e nem seres absolutos, mas sim a coexistência e a sucessão de circunstâncias no qual Rossi descrevia como “realidades relativas”

transpondo o movimento moderno para a arquitectura. O desenvolvimento de novos suportes técnicos e estéticos conferiram uma maior liberdade à realidade espacial, onde a arquitectura compartilha de uma postura táctica ao comunicar e responder às vivências do lugar, atribuindo uma dimensão e ordenamento ao espaço físico da cidade (tratamento do espaço arquitectónico) na procura de uma relação da arquitectura com o lugar.

Segundo a definição⁷² (partindo da sua ideia expressa) de espaço, esta remete-nos para uma compreensão e para uma distância entre pontos. A sua área ou volume cria os seus próprios limites e quando comparado com o lugar, este é o espaço ocupado, habitado. Em ambas as definições na perspectiva do habitar, a presença do homem é incontornável na vivência do lugar, dos costumes e tradições, onde o “[...] *espaço ganha significado e valor em razão da simples presença do homem, seja para acomodá-lo fisicamente como seu lar, seja para servir como palco da suas actividades*”⁷³, actividades essas que se realizam em lugares pontuais criando dinâmicas sociais, motivações, reuniões e convívios nos espaços públicos ou mesmo preservar os espaços privados, sendo que os espaços privados desempenham parte da actividade do lugar.

Os lugares apelam a movimentos rápidos, com isto pretende referir-se que os lugares são o resultado de experiências naturais do indivíduo, nas quais os seus limites e qualidades são estabelecidos em diferentes escalas de relação com estes espaços. Tuan (1930) defendia assim que o lugar além de oferecer uma mescla de oportunidades é fruto das mais variadas dimensões determinadas pelas relações do homem e do espaço. O autor argumenta que o lugar é determinado sob a forma de múltiplas escalas, onde os lugares podem adoptar proporções diferenciadas quando falamos na sua definição. Um lugar pode estar desta forma inserido num lugar ainda maior, que por ventura pode estar encaixado num lugar ainda maior, à escala da cidade e dos seus múltiplos espaços definidos por diferentes lugares.

Assim, desta forma, o lugar com que reconhecemos assume-se, perante este, um certo sentido de presença e identidade acrescidas, pela compreensão que temos desse espaço, além de que nos é dado um sentido imprescindível de orientação, atribuindo desta forma ao lugar diferentes observações, onde cada indivíduo se identifica com determinações diferentes na conquista do lugar.

Qualquer tipo de acontecimento compreende a detenção de determinada localização, o que faz do lugar uma parte integrante da convivência humana. O lugar, mais que uma localização abstracta, é assim compreendido por Christian Norberg-Schulz (1926-2000) como um todo composto por coisas concretas, com substância natural, forma, textura e cor, que quando

⁷² Definição essa dicionária

⁷³ Luiz Augusto in *O conceito de lugar* (1) (fonte:<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225> (consultado em Maio de 2014))

unidas determinam o “*carácter ambiental*”, o “*carácter do meio envolvente*” que é a “*essência*” do Lugar⁷⁴.

O lugar pressupõe a afirmação de uma determinada atmosfera que abrange muito para além das suas relações espaciais, um fenómeno qualitativo que pesa na caracterização e interpretação da natureza concreta do lugar e na identidade própria dos seus objectos, fomentando o lugar com fenómenos concretos que condicionam o habitar e a identificação do Homem com determinado ambiente.

“ *“Genius Loci” ou espírito do lugar é um conceito romano, herdado da antiguidade clássica que corresponde ao que o lugar é ou que quer ser. Este conceito permite reconhecer a realidade concreta do mundo dos “objectos” reunidos num lugar que constitui a “genius”, a qual reúne e contribui para o entendimento da arquitectura. De acordo com as crenças romanas qualquer ser independente tem o seu “genius”, ou seja, o seu espírito guardião. Este espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanhando-os desde o seu nascimento até à sua morte, determinando o seu carácter ou essência.”*⁷⁵ Este carácter ou essência confere ao homem através da sua relação com o “meio” o sentido da própria identidade, onde pela visão de Norberg-Schulz o lugar é mais do que um simples espaço.

“*O homem habita quando consegue orientar-se ‘em’ e ‘identificar-se’ a si próprio com o meio envolvente ou, quando experimenta a envolvente como significativa*”⁷⁶. Demonstrando assim que habitar não requiere unicamente da casa, habitar é estar em proximidade ao lugar, no qual o homem sustenta o seu suporte existencial.

“*Nós temos usado a palavra ‘habitar’ para indicar a relação total homem-meio. [...] Quando o homem habita, ele está simultaneamente locado no espaço e exposto a um certo carácter ambiental. As duas funções psicológicas envolvidas, podem ser chamadas “orientação” e “identificação”. Para ganhar o suporte existencial o homem tem que ser capaz de orientar-se; ele tem que saber onde ele está. Mas também ele tem que identificar-se com o meio, isto é, ele tem que saber como ele está num certo lugar*” ⁷⁷. Desta forma, o autor reforça o suporte existencial, no qual as essências são fruto de dinâmicas sociais, da convivência de espaços e da construção daquilo que podemos denominar como lugar. Lugar esse, identitário das múltiplas relações que o homem se predispõe a contruir como seu habitat, no qual a sua relação é distinta quando falamos do lugar. Todavia, várias foram as compreensões retiradas acerca do lugar. Bachelar (1884-1962) definia a casa como um lugar referencial e preferencial. No domínio da casa o homem dá preferência a locais nos quais se sente mais confortável. Essa preferência por determinados lugares em detrimento de outros salientou valores negativos que Marc Augé(1935)

⁷⁴Norberg-Schulz apud, Amílcar Pires in *Carácter da arquitectura e do lugar*, ARTiTEXTOS, nº6, Julho de 2008, p.115

⁷⁵Idem, *Ibidem*, p.117

⁷⁶Norberg-Schulz apud, Amílcar Pires in Amílcar Pires in *A quinta do Recreio em Portugal- Vilegiatura, lugar e arquitectura*, Casal de Cambra, 2013, p. 197

⁷⁷Norberg-Schulz apud, Amílcar Pires in *Carácter da arquitectura e do lugar*, ARTiTEXTOS, nº6, Julho de 2008, p.116

descrevia como os “não-lugares”. Os não-lugares na perspectiva do autor são redesenhados como lugares sem evidências históricas ou identidades associadas a transformações que ocorreram na sociedade moderna. A adaptação de espaços hoje permitem um fácil e rápido acesso. Este caso concreto, os lugares da cidade, refere-se a construções ou obras fruto dos movimentos massivos que se fizeram testemunhar após a modernidade com o crescente fluxo gerado pela criação de auto estradas, centros comerciais, hipermercados entre outros. Estes domínios transformaram o consumo e a comunicação formatada pelos desejos obsoletos de uma sociedade.

A perda do verdadeiro sentido real das origens, o facilitismo e a modernidade descritas no tempo contemporâneo são motivações para Marc Auge compreender efeitos menos positivos aos lugares. O autor refere-se a lugares antropológicos que privilegiam a história e a identidade, nos quais o espaço e as suas vivências definem o lugar e reflectem a organização social, política e religiosa.

Os não-lugares, em parte devido à racionalidade implícita na organização e codificação do espaço através de imagens, comprometem a sua identidade retirando-lhe o espectáculo a eles associados, *“Mas, na medida em que o não-lugar é o negativo do lugar, torna-se de facto necessário admitir que o desenvolvimento dos espaços da circulação, da comunicação e do consumo é um traço empírico pertinente da nossa contemporaneidade, que esses espaços são menos simbólicos do que codificados, assegurando neles toda uma sinalética e todo um conjunto de mensagens específicas (através de ecrãs, de vozes sintéticas) a circulação dos transeuntes e dos passageiros.”*⁷⁸

Esta noção do cruzamento da cidade com os seus múltiplos espaços procura captar na cidade contemporânea, importantes formas de abordar as convivências de uma vida acompanhada pelo efeito da imagem compreendida, na construção de novos espaços e novas realidades, desta forma, onde os múltiplos sistemas da cidades se suportem com os campos relacionáveis dos lugares.

⁷⁸ Marc Augé in *Não-lugares : introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, 2006, p.115

2.1 O “espaço existencial”

O lugar, desenvolvido por Norberg-Schulz, no seu texto *“Intentions in Architecture”*,⁷⁹ parte de princípios e conceitos em estudos sobre valores significativos e simbólicos da percepção da teoria de Gestalt⁸⁰. Na sua linha de pensamento, Norberg-Schulz expõe o “*espaço existencial*” na ideia do espaço arquitectónico como resultado da concretização dos ambientes e imagens no qual o Homem e o Mundo ganham o sentido de estar. Dessa forma, o espaço arquitectónico interpretado é causa de direcções próprias elaboradas pela existência humana. Existência essa, onde ele desenvolve a temática do lugar, em dedução do espaço, nas *direcções* ou *caminhos* nas *áreas* ou *regiões*, correspondentes às noções dinâmicas de “*Proximidade, continuidade e encerramento*” da teoria de Gestalt.

*“As noções de proximidade, centralização e encerramento juntam-se até formarem um conceito existencial mais concreto, o conceito de lugar, e os lugares são elementos básicos do espaço existencial”*⁸¹

Assim, “cada lugar” é capaz de favorecer a orientação e a identificação do Homem no ambiente circundante e a sua aproximação a uma das questões preponderantes das relações aos lugares, o conceito de “Genius Loci”. Este depende da estrutura que se desenvolve em conjunto com o lugar como elemento vital para a existência da arquitectura, no qual o espaço existencial acresce na ideia de espaço como habitat, atribuindo novas extensões ao conceito de lugar.

O Homem, como principal agente, dá significado e ordem aos acontecimentos e acções com o mundo que o rodeia; o ambiente é na percepção do autor uma componente fundamental no papel das suas relações do Homem com o tempo, o tempo que neste sentido interfere, na percepção espacial. O caso de uma criança é diferente de um adulto, o seu carácter e consistência do espaço existencial é diferente, no qual o conceito de espaço é resultado adquirido das noções espaciais com o passar do tempo, que são diferenciadas nos seus interesses.

⁷⁹ Christian Norberg-Schulz in *Intenciones en arquitectura*. Barcelona, 1998

⁸⁰ Wertheimer apresentou os princípios de organização perceptual da escola de psicologia da Gestal num artigo publicado em 1923. Esses princípios seriam as regras fundamentais por meio das quais organizamos nosso universo perceptual. De acordo com a teoria da Gestalt, o cérebro é um sistema dinâmico em que todos os elementos ativos interagem em determinado momento, espontânea e inevitável, sempre que vemos ou ouvimos. A área visual do cérebro não responde separadamente aos elementos individuais do estímulo visual, conectando-os mediante algum processo mecânico de associação.

⁸¹ Christian Norberg-Schulz apud Amílcar Pires in *A quinta do Recreio em Portugal- Vilegiatura, lugar e arquitectura Casal de Cambra*, 2013, p. 97

2.2 “Genius Loci”

Em “*Genius Loci*”, Norberg-Schulz sublinha a importância da consideração do lugar para o entendimento e reformulação do fazer arquitectónico. Para o autor, a ideia de espaço existencial é a clara evidência da concretização da necessidade humana de dar sentido ao que lhe envolve. Apoiado na influência clara de Martin Heidegger (1889- 1976), explica o esforço do indivíduo para criar as suas bases, a sua morada, relacionando-os com o “genius loci”, voltando a referir a sua relação com o habitar, atribuindo no seu ponto de vista ao lugar um carácter distintivo ao espaço existencial, os significados e sensações que reúnem o “espírito” de cada lugar.

*“O Homem habita quando pode orientar-se a si mesmo, em identificar-se ele mesmo com o ambiente, ou quando vive essa envolvente como plena de sentido. Morada significa algo mais do que refúgio/esconderijo. Implica que os espaços onde a vida se desenvolve são lugares, no verdadeiro sentido da palavra. Um Lugar é um espaço com carácter distinto. Desde tempos antigos o Genius Loci, ou espírito do lugar, tem sido reconhecido como a realidade concreta que o homem tem que afrontar e com a qual se relaciona na sua vida diária. A arquitectura significa visualizar o Genius Loci e a tarefa do arquitecto é criar Lugares com sentido, com o que ajude o Homem a habitar.”*⁸²

Este carácter distintivo estabelecido ao lugar preserva em si a sua identidade, história e tradição, reconhecendo a cada lugar a sua natureza, o seu contexto e o seu espírito. Através do conhecimento aprofundado entre a implantação e o meio natural das inter-relações do edifício tipologias, formulando o valor e autenticidade e essa autenticidade inserida na sua composição, o passado encontra-se patente no dia-a-dia de cada cidade, de cada lugar, e “haverá que procurar-se o essencial desse passado que recordamos com saudade. Tal essência chama-se unidade, coesão, equilíbrio, integração.”⁸³ Este sentido de integração determinado por estas relações do passado com a **identidade** e a **história** e na relação do homem com as **tradições** confere o verdadeiro sentido da palavra “*genius Loci*”, o espírito do lugar.

⁸² Idem, *Ibidem*, p. 101

⁸³ Fernando Távora in *da organização do espaço*, Porto, 2006, p. 67

3 Identidade do lugar

A presença da cidade é descrita por muitos sociólogos como o resultado da interacção dos seus múltiplos espaços com o Homem (o habitante). Os lugares, que na visão deste resultam no todo que é a cidade, encerram a constante criação oferecida, criação essa que define os lugares na sua produção, pensamento e ferramentas necessárias para o desenvolvimento de uma cultura.

Antes da presença que se faz sentir no espaço público, os “Lugares-tipo” da cidade advertem-nos hoje para a produção desse mesmo espaço. Assim, podemos falar em: livrarias, onde o livro representa uma pequena unidade do saber, que permite a construção do pensamento através do encadeamento de ideias que fomentam e promovem as diferentes visões do mundo; Mercados como espaços promotores das relações interpessoais, onde são visíveis as vivências ancestrais relacionadas com a animação tradicional da actividade comercial; o Centro Cultural, que nos permeia reunindo aspectos relacionados com o urbano; a rádio como materialização da democracia, através da liberdade de expressão; as estações de caminho-de-ferro e os aeroportos com a sua dialéctica de lugar ou não-lugar, de chegada ou de partida; os jardins que propiciam momentos de reflexão, lazer e convívio; as paisagens nocturnas, o rio e a praça como espaços públicos na sua plenitude, lugar de celebração da vida em comunidade; o metro, o café, a árvore como símbolo do tempo, as esquinas e a marginal⁸⁴. Estes são importantes para a compreensão e definição do espaço público. A sua organização e a sua semelhança potencia uma região local, cultural e urbana dos demais espaços da cidade. Neste sentido, a reflexão retirada de determinados lugares é objectiva dos seus espaços e seus usos no qual a cidade sobrevive deste jogo de dinâmicas.

A cidade contemporânea e o seu efeito globalizante é fruto de um conjunto evolutivo resultante dos interesses do capitalismo, consequentes do encontro de experiências e relações entre os seus habitantes. O espaço resulta das vivências, da descoberta da cidade e da constante comunicação e troca de experiências que nos fazem reconhecer o espaço. Jaques-François Blondel (1705-1774) confere este fenómeno como o carácter.

O carácter de uma cidade depende da combinação entre a cultura dos seus habitantes, visto que sempre que a cidade interage com a presença do habitante, do transeunte que por ela passa, esta desperta sensações e emoções.⁸⁵

⁸⁴ Amílcar Pires in *A quinta do Recreio em Portugal- Vilegiatura, lugar e arquitectura*, Casal de Cambra, 2013 p.204

⁸⁵ Idem, *ibidem* p.205

As capacidades de uma determinada cidade estão permanentemente relacionadas com a identidade urbana que lhe é intrínseca. Essa identidade urbana resulta do diálogo constante entre os habitantes e os edifícios, entre as ruas e as praças.

O perfil de uma cidade é a sua identidade. Quando definimos a identidade urbana é comum relacioná-la com o património, acabando esta por ser o resultado da experiência, da vivência, da educação e da cultura presentes no espaço. Esta premissa define-se por um conjunto de problemáticas em relação ao lugar e à identidade, que surgem no âmbito da cidade contemporânea e do crescimento que se fez sentir nas grandes cidades, o qual muitas das vezes se traduziu na recusa e relutância da identidade urbana, obrigando à construção de novas centralidades e de novas zonas habitacionais, na busca de respostas capazes de promover a construção desmedida com base no lucro proporcionado pela expansão das cidades, ignorando determinados lugares.

A identidade urbana de uma cidade está patente no conjunto de formas que o espaço e os lugares definem como tipologia urbana. Desta pode retirar-se a dimensão histórica que promove a memória colectiva defensora da identidade, as chamadas cidades históricas. Outros modos são ainda compreendidos nesta identificação. *Genius Loci*, onde o contexto no qual desenvolve a cidade, no diálogo e na presença que o tempo produz um vínculo nas edificações definem o carácter da cidade.

A ideia de identidade é condicionada pelo prévio conhecimento cultural, artístico, entre outros, dos lugares. O descobrir da cidade está directamente relacionado com o envolvimento dos novos ambientes e com o confronto de diferentes expressões, nesse sentido de diferença que se relaciona com o indivíduo na descoberta da cidade e no auto-reconhecimento do lugar e do habitante, o sentido de domínio do espaço. Em oposição, a perda de identidade está relacionada, por um lado, com a fragilidade económica presente nos elementos identitários dependentes dessa capacidade. O exagero de identidade é caracterizado agora por uma grande preocupação com as zonas consideradas históricas que desertificadas ficam entregues ao turismo, que intencionalmente acaba por contribuir para a perda de identidade, visto que a exploração dos serviços e dos espaços históricos expulsam os habitantes. Esta fuga provoca a desertificação dos espaços e o esvaziamento de espaços urbanos desprovidos de identidade.

4 Carácter do lugar

O carácter é usualmente associado ao modo como o Homem reflecte a sua presença. Na arquitectura, este termo traduz a maneira como experienciamos o objecto, ou de forma mais clara, na maneira como particularizamos a sua essência ou a sua caracterização.

Ao longo da história foram longos os períodos nos quais o exercício da arquitectura se rege por cânones e directrizes. Estamos a falar do Renascimento, do Barroco, entre outros estilos e escolas que subsistiram até longa data. Nestes estilos a arquitectura era padronizada e o bom ou mau exercício da arquitectura dependia das suas demandas. Após a introdução do ritmo tecnológico, o século XX tem um papel crucial no pensamento artístico da época. A flexibilização de todo um processo arquitectónico permitia agora o domínio de novas composições, novas interpretações, não se deixando influenciar pelo passado, respondendo a novos contextos e a novas composições culturais, composições essas que traduziam novas expressões na cidade. Foram criadas novas tipologias de edifícios, quer pela sua composição, quer pela estrutura ou forma, demarcando novos objectos e novos usos.

Jaques-François Blondel (1705-1774), nos seus tratados dedicados à análise da obra de arte, usa o termo *carácter* de forma muito indefinida, dividido entre a “*qualidade da própria obra de arte*” e pela “*qualidade de expressão*” da mesma. As diferentes produções da arquitectura devem ser carregadas de objectivos a cumprir para a sua utilização, que de igual forma têm que assumir “*O tipo que o edifício quer ser*”. Assim, o autor define o “*carácter distintivo*” em mais do que uma disposição volumétrica ou como um conjunto de formas em harmonia e, procura a própria maneira de ser do edifício, onde o carácter expresso pelo exterior do edifício é reflexo do seu uso.

Blondel define carácter como o nível mais importante para a criação de “boa arquitectura”, ora pela sua expressão simbólica ou mesmo pela sua expressão utilitária, que marcou a prática profissional bem como o discurso arquitectónico de muitos dos seus percursores, como é o exemplo de Claude-Nicolas Ledoux (1736-1806) e de Étienne-Luis Boullée (1728-1799). Estes percursores desenvolveram a teoria de Blondel, defendendo que tudo o que decorre da produção arquitectónica tem que ter o seu próprio carácter, resultante da forma que será objectivamente indicativa da própria identidade da arquitectura criada. Assim contrariou-se a afirmação progressiva dos gostos individuais ou colectivos, que subsistem gradualmente nas normas que até ali eram inquestionáveis ou absolutas, e que no conjunto de novas necessidades institucionais ou sociais, obrigam à criação de novas soluções e de novos tipos arquitectónicos.

A expressão do carácter próprio de cada edifício, passa então a ser encarada como um problema das cidades que caminham para a contemporaneidade. Desta forma, a arquitectura teve que

fazer uma abordagem como um todo. *“O carácter não reside somente no exterior dos edifícios públicos e privados mas, em primeiro lugar, se se considerar o espaço definido pelo autor, também no seu interior”*.⁸⁶ No seu interior é revelada a lógica e a caracterização do sistema que define o programa. É desta forma que Bouleé se revela apologista de evitar a reprodução de forma consciente para atribuir o mesmo carácter a edifícios com o uso idêntico. Neste sentido, programas diferentes serão associados a caracteres diferentes: um templo expressa grandeza, um teatro delicadeza, um palácio magnificência; um palácio de justiça majestuosidade e um monumento funerário tristeza.⁸⁷ Desta forma Bouleé apresenta a sua visão poética sobre o carácter, posicionando a estética da percepção no julgamento identitário dos tipos de edifícios, tornando possível reconhecer a ligação objectiva entre os vários caracteres.

Na arquitectura sempre se admitiu que qualquer edifício tem origem numa composição com uma expressão de carácter que evidencia as suas qualidades expressivas, objectivas. Desta forma, a expressão de carácter relaciona-se com a identidade, na medida em que a palavra carácter expressa uma cultura, uma interpretação, um jogo de tempos que constrói a imagem dos lugares, a *“identificação”*⁸⁸ e a determinação que temos *“desde os tempos remotos tem-se reconhecido que diferentes lugares têm diferentes caracteres. Tal diferença de carácter é muitas vezes tão forte que é suficiente para determinar as propriedades básicas das imagens exteriores da maioria das pessoas presentes, fazendo-as sentir que experimentam e que pertencem ao mesmo lugar [...] o espaço existencial não pode ser compreendido somente por causa das necessidades do Homem, mas antes unicamente como resultado da sua interação e influência recíproca com um ambiente que o rodeia, que tem de compreender e aceitar”*⁸⁹

5 Lugares e não lugares. Diferentes perspectivas

A importância do lugar no âmbito das ciências sociais, nomeadamente a sociologia, a antropologia e a geografia, sempre mostram uma impressão contraditória no que determina as suas visões sobre os lugares, mais, com a instabilidade contemporânea, dividindo opiniões nesta abordagem do conceito (ou não) de lugar.

É clara a evidência que a sociedade é cada vez mais “transparente”, contudo, a cultura e os rituais tradicionais também se representam pelo mundo fechado, de géneros e origens, intocáveis no que determina os valores dos grupos sociais. Esse estabelecimento de relações

⁸⁶ Werner Szambien *apud* Amílcar Pires in *A quinta do Recreio em Portugal- Vilegiatura, lugar e arquitectura*, Casal de Cambra, p.206

⁸⁷ Idem, *Ibidem*, p.208

⁸⁸ Christian Norberg-Schulz *apud* Amílcar Pires in *A quinta do Recreio em Portugal- Vilegiatura, lugar e arquitectura* Casal de Cambra, 2013, p. 212

⁸⁹ Idem, *Ibidem*, p. 212

intocáveis e “genuínas” com o espaço são aspectos extremamente discutíveis, no que determina a ideia do lugar.

Diante seu esgotamento, a produção de lugares no mundo contemporâneo, assim como ele próprio, está em permanente transformação, o que torna as reflexões mais complexas. As mais variadas transformações espaciais contemporâneas, carecem do desafio, especialmente, de encontrarem novos sentidos e novas perspectivas para o lugar.

É precisamente através de uma reflexão acerca de algumas dessas questões que pretendemos contribuir com o avanço das discussões sobre o conceito. A ambiguidade vivida em torno do lugar não determina unicamente como as disciplinas têm convivido com esta ideia do lugar, mas parte do sentido trabalhado e estudado por estes, tem ressuscitado algumas abordagens na maneira como encaramos e assumimos os lugares, o reconhecer o sentido ou a essência dos lugares.

Este duelo de ideologias e ao mesmo tempo de contradições, do lugar e não lugar, tem reconhecido questões pertinentes aos contemporâneos na exigência de entender a que lugar realmente assistimos, onde a discussão acesa, em volto de ambas as ideologias formulam a “base” de reflexões das ciências sociais, dos comportamentos, nomeadamente os urbanos.

Reconhecida a importância da temática, a actualidade baseia-se cada vez mais na questão pertinente quanto ao sentido que atribuímos ao lugar, onde os diferentes espaços agem sob os estímulos com que nos conforta a realidade. Necessariamente, não é uma resposta que corresponde a determinar um lugar ou não, mas sim, em reconhecer valores mais ou menos positivos na abordagem que temos com lugares.

No fundo, esta visão completa a relação que o geógrafo Álvaro Domingues (1959) se compromete com os lugares, referindo-se ao lugar é feito por aquilo que é, e quando é presente a relação entre o indivíduo e o mundo das formas, “A paisagem vivida torna-se lugar”⁹⁰

“O conceito de 'Não-lugar' é 'plástica'. Deveria ser um conceito a destruir, porque divide os "lugares" entre os que são e os que não são. Ora, lugares mais do que pontos definidos por sistemas de coordenadas de latitude e longitude, são construções sociais: há lugares eternos, lugares comuns, lugares mágicos, lugares fora do lugar, etc.

Quando falamos em não-lugares era melhor pensarmos antes o que é que verdadeiramente nos incomoda, e se isso é uma qualidade dos lugares ou não? A questão é que não estou nada a ver o que há em comum entre um aeroporto, um centro comercial, um edifício arruinado ou uma

⁹⁰ Marta Traquino *In A construção do lugar pela Arte Contemporânea*, 2010, p.57 “ Na deslocação de carro por uma estrada, avistando uma paisagem com um monte descrevemo-la referindo que há “um” monte. Mas realizando uma caminhada, um percurso a pé pelo monte, e se o experienciarmos com o nosso corpo, o percebemos com os cinco sentidos, já descrevemos a paisagem falando “daquele” monte. Provavelmente com a expressão “é um lugar maravilhoso”, e não “é um espaço”. A paisagem vivida torna-se Lugar

estação de metro... São realidades que se podem inscrever em múltiplos imaginários sociais, vivências, experiências, etc. mais ou menos colectiva ou individuais. Multireferenciação, transculturalidade, instabilidade, etc., são qualidades das sociedades contemporâneas. Se a sociedade é tão diversa, como é que o não poderá ser também a forma como se apropria (física ou simbolicamente) dos lugares? desde o puro zapping ao casulo do meu quarto”⁹¹

A sua ideologia sobre os lugares não se estabelece de visão abstrata, como Marc Augé apresentará, de forma radical, a sua percepção do lugar, que estabelece uma relação de valor entre o ser e o meio que o envolve. Como tal, a sua visão dos lugares não se determina de “limites” rígidos, Domingos na sua perspectiva assenta o lugar como algo comum a qualquer indivíduo que habita e convive. Desse modo, o valor que temos desse lugar e a relação que temos com esse lugar é determinado pela expectativa que lhes atribuímos. Para este, não lugares não existem.

Diferente da visão de Álvaro Domingues, Augé descreve em seu livro, *Não lugares*⁹² como o oposto, dos lugares antropológicos. Lugares esses que correspondem a uma relação forte entre o espaço e o social, que caracteriza as sociedades e são portadoras de três dimensões, são identitários, históricos, e relacionáveis. Estes lugares acompanham a modernidade, mas com as recentes transformações da sociedade vão se perdendo, desaparecendo, e sendo substituídos por outros que Marc Augé chama de não-lugares, por locais que apresentam arquitectura, nos quais, o consumismo e o pragmatismo, difundiram valores aceites na contemporaneidade, e desvirtuam valores “genuínos”, como afectividade, memórias, vivência. Neste sentido, Augé considerara o não lugar como a má representação em que as sociedades se tornam. Esta visão remete-nos a perceber que os lugares só podem ser admitidos como tal, quando confrontados com outros lugares, que o deixam de ser, na certeza que passaram a ser não-lugares(“maús”), na sua perspectiva.

Retomando Álvaro Domingues, geógrafo, enfoca o lugar precisamente no contexto específico de intervenção quer do Homem, quer da natureza, onde a sua dialéctica espaço/lugar é analisada pelo prisma da experiência, onde o indivíduo e o espaço criam o sentido e condição de “paisagem”. Segundo Álvaro Domingues esta nova paisagem, passa a ser designada sobre uso do espaço, podendo-se assim falar em paisagens culturais.

Desse modo, temos certa dificuldade em enquadrarmos esta questão nos contornos da discussão lugar/não lugar, já que é indeterminada a sua relação com o indivíduo, no facto de que o lugar e a experiência quotidiana, não se assume da negação da cidade sobre os seus não lugares, mas na visão de Álvaro Domingues não existe lugares “*eternos, lugares comuns, lugares mágicos,*

⁹¹ Intervenção de Álvaro Domingues na Conferência Não-lugares da Cidade do Porto (Fonte: <http://naolugaresnoporto.blogspot.pt/2009/07/conferencia-nao-lugares-cpf.html>)

⁹² Marc Augé, *Não-lugares : introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, 2006

lugares fora do lugar”, mas sim lugares mais ou menos valorizados, que nos comprometem a um maior vínculo, ou não, com esses mesmos lugares.

Caso de Estudo

6 O lugar dos lugares

O fundamento histórico que a cidade preserva e guarda em si, mais que um contexto ou referência, é reconhecido pela atitude de legados culturais preexistentes que vão surgindo na sua continuidade. O modo como abordamos o espaço urbano, mais que uma apropriação do habitante, mais do que o seu espaço construído, faz-se na base do reconhecimento e entendimento que temos com lugares.⁹³

Essa posição anteriormente expressa, inicia esta ideia, o lugar dos lugares, no confronto com a cidade, onde o estatuto do Homem na qualidade de seu habitante, desempenha um papel representativo na proximidade com estes lugares. Hoje, com o grande desenvolvimento consequente da globalização, o modo como o espaço tem evidenciado, sob novas perspectivas de se pensar o espaço, acondicionam, ou pelo contrário estimulam a reprodução de espaços da cidade, ao longo do tempo, com valores específicos aos lugares, bem como na representação da sociedade.

Actualmente, as grandes transformações na produção dos lugares, poder-se-á dizer que se geram em função do desenvolvimento tecnológico, que incessantemente articula o sistema da cidade. Assim constatamos o acesso aos meios de transporte, o acesso à organização e produção do trabalho, o acesso à cultura, “porque o capital migra constantemente em função das suas necessidades de reprodução o que se traduz pela busca de novas vantagens locais”⁹⁴.

As novas tecnologias têm aberto novas possibilidades de organização e os meios de comunicação e a flexibilidade têm dado novos sentidos à escala dos lugares. Esta “imaterialidade” de produção do espaço, a cidade virtual, tem envolvido a cidade e os lugares numa reinterpretação do modelo tradicional de cidade, sobretudo no contexto/ideia de lugar.

E talvez tenha sido neste aspecto que o conceito clássico e a ideia de reunião de Martin Heidegger de lugar, fora mal interpretada pelo mundo moderno, “*o lugar dá acesso ao mundo*,

⁹³ Amílcar Pires in A quinta do Recreio em Portugal- Vilegiatura, lugar e arquitectura Casal de Cambra, p.85

⁹⁴ fonte: http://www.controversia.com.br/uploaded/pdf/12759_o-lugar-no-do-mundo.pdf , p. 28(consultado em Maio de 2014)

ordena-o”⁹⁵ Esta pertinente abertura do lugar para as redes e aos fluxos, articulam o espaço e a sociedade que se mobilize e faz presente a consistência do lugar, uma particularidade que o mundo contemporâneo começara a viver, a velocidade e o tempo. Por outro lado, a base pelo qual se estalecem esses elementos de crescimento dos lugares, representam a deterioração de outros. A problemática que caracteriza a apropriação do espaço centra-se nesta ideia, a afirmação que lugares conferem à cidade, a relação nomeadamente da arquitectura, do seu conjunto social e a potencialidade local, a capacidade de se estabelecer o programa.

Por questão própria deste caso concreto, a zona de Gonçalo Cristóvão estabelece-se na problemática herdada pelo movimento moderno, onde *“Na Arquitectura Moderna [...] a sensibilidade pelo Lugar é irreverente. Todo o objecto arquitectónico surge sobre uma indissociável autonomia. [...] As vanguardas enfatizam o progresso de isolamento dos elementos fora do seu contexto usual e inclusive um projecto, teoricamente organicista, de Le Corbusier, como a capela de Ronchamp (1950-1955), mantém uma relação genérica e não empírica com o contexto”*⁹⁶, o conceito de lugar esteve presente, no entanto, a prática da arquitectura desenvolvida, as estratégias adoptadas, e a presença do tempo, foram adquirindo novas dimensões, novos conteúdos e novas essências, em desprendimento das originalmente previstas.

O apoio e a expectativa da modernização dos anos 50, na cidade do Porto fora de algum modo impaciente quanto aos seus objectivos de internacionalização e crescimento da cidade.

A relação que Heidegger atribui entre o Homem e o Mundo, na reflexão do modo de habitar e tal como, habitar persiste através dos espaços em virtude do seu estar entre os objectos, fundamentado pela lógica do habitar de Norberg-Schulz no âmbito em que este desenvolve a arquitectura, o lugar só o é nomeado como tal, na razão do espaço concreto, concebe ao espaço intencional relação com o homem como sujeito, o *suporte existencial*.

Suporte esse, exposto ao sistema da cidade, de relações, fluxos, entre outros, dá sentido à relação do espaço que encerra o habitar na percepção como lugar, onde a *“[...] Arquitectura, surgirá da crítica à cidade contemporânea, e concentra-se na recuperação da praça e da rua e, mais recentemente, do “Genius Loci”, como noção que inclui uma referencia global à entidade do lugar a partir da Historia”*⁹⁷

⁹⁵Martin Heidegger apud Amílcar Pires in *A quinta do Recreio em Portugal- Vilegiatura, lugar e arquitectura* Casal de Cambra, p.82

⁹⁶ Maria Montaner apud, Amílcar Pires in *A quinta do Recreio em Portugal- Vilegiatura, lugar e arquitectura* , Casal de Cambra, p.80

⁹⁷ Amílcar Pires in *A quinta do Recreio em Portugal- Vilegiatura, lugar e arquitectura*, Casal de Cambra, p.83

7 O sentido “*Genius Loci*” aplicado ao lugar São Gonçalo Cristóvão

A ideia de lugar sustentada por Christian Norberg-Schulz como “espaço arquitectónico” define-se pela concretização do existencial, no qual o Homem reconhece a sua ligação a determinado território para aí construir o seu espaço vivencial, a essência do sítio. Esta apreensão do existencial não é um acontecimento espontâneo, surge da vivência, que a pouco e pouco conquista a presença do espaço escolhido, assim formando a ideia de “lugar”

Esta até poderá não passar de uma criação mental, mas reflecte, já, a existência e o carácter do Homem nas suas vontades e a sua interpretação do sítio. O lugar aqui como síntese não se limita unicamente pelo espaço arquitectónico, mas sim pelo suporte em que a zona se desenvolveu, incluindo o seu espaço público, as suas estruturas e os seus diferentes espaços, no caso em estudo o lugar de Gonçalo Cristóvão, no Porto.

O espaço público ganha aqui uma relevância para a estruturação das cidades, conferindo-lhes **identidade**. Entre as diferentes áreas da cidade do Porto, é evidente a estrutura edificada do espaço urbano (edifícios e infraestruturas), mas também a sua estrutura natural, no qual se considera que os espaços estão associados à estruturação ambiental que as cidade foram adquirindo. Com isto dizer que a Zona Ribeirinha do Porto, pela sua actividade, adquiriu determinado contexto com a cidade, totalmente diferenciado da Avenida dos Aliados, e esta situação acontece, porque no espaço também está indissociável do carácter público, de uso social, colectivo e multifuncionalidade, caracterizando-se fisicamente pela sua acessibilidade, que lhe confere muitas vezes um carácter de centralidade. Este conceito de identidade desempenha um importante papel atribuindo cidade, este “BI” que atribuímos aos lugares, confere uma legibilidade espacial que também Guy Debord exponha nos seus mapas inúteis ⁹⁸ no qual estes nos transportam pelos seus interesses, pelas suas actividades e pela sua identidade que nos conduz a desfrutar e usar estes espaços.

O lugar em questão é suporte de vida, marca temporalmente o local onde se insere pelo legado histórico deixado pelo período moderno e é determinante na estratégia da cidade dada a sua proximidade ao centro da cidade, à Avenida dos Aliados, ao eixo de Gonçalo Cristóvão onde convergem as principais zonas comerciais da cidade do Porto. É de salientar que a Rua de Santa Catarina e o Bolhão foram pensados para dar resposta à sua natureza comercial, para albergar a vivência e os interesses do centro da cidade, da vida cultural e da tradição transmitida de geração em geração.

⁹⁸ Página 28 deste estudo

7.1 O reconhecimento do lugar

O ponto de vista que a identidade do lugar impõe à relação pessoa-lugar como um processo dinâmico decorre deste ambiente físico e social, sujeito a constantes mudanças. Assim, o reconhecimento do lugar é uma acção diária de quem se coloca como ocupante do espaço construído ou um espaço natural onde o ponto de vista, a identificação que temos com os lugares é resultado de uma aproximação que temos com um conjunto de factores directamente ligados ao mundo físico que atraem o indivíduo.

Esse reconhecimento ou atracção ao lugar é partilhado como o resultado da interacção dos seus múltiplos espaços onde o Homem (o habitante) e a memória, a este associado para descrever os lugares, resultam no todo que é a cidade, criação, na sua produção, pensamento necessárias para o desenvolvimento de uma cultura, o lugar é descrito por sociólogos neste sentido, de pertença⁹⁹, no sentimento de que se tem investido parte de si para se tornar membro e, portanto, com o direito de pertencer, este sentido de pertencer não só estabelece a segurança emocional, para a autoexposição tanto do indivíduo como também da própria cidade que se define no seu território físico e/ou emocional de que faz parte e é nesse limite que se coloca a “intimidade” entre o Homem e a cidade, que determina o seu reconhecimento.



Figura 26 Perspectiva da rua sobre o Silo Auto

⁹⁹ Alfredo Mela in *Sociologia das cidades*, Lisboa, 1993, p.144

7.1.1 Área de intervenção

Com cerca de 17932,28 m² de superfície, a área de intervenção localiza-se na zona do silo Auto Porto, na área delimitada a nascente pela tangente da Rua Gonçalo Cristóvão e a poente pela Rua Guedes de Azevedo. A estas duas ruas convergem as principais vias comerciais do Porto: a rua de Santa Catarina, a Rua do Bolhão e a Rua Sá da Bandeira.

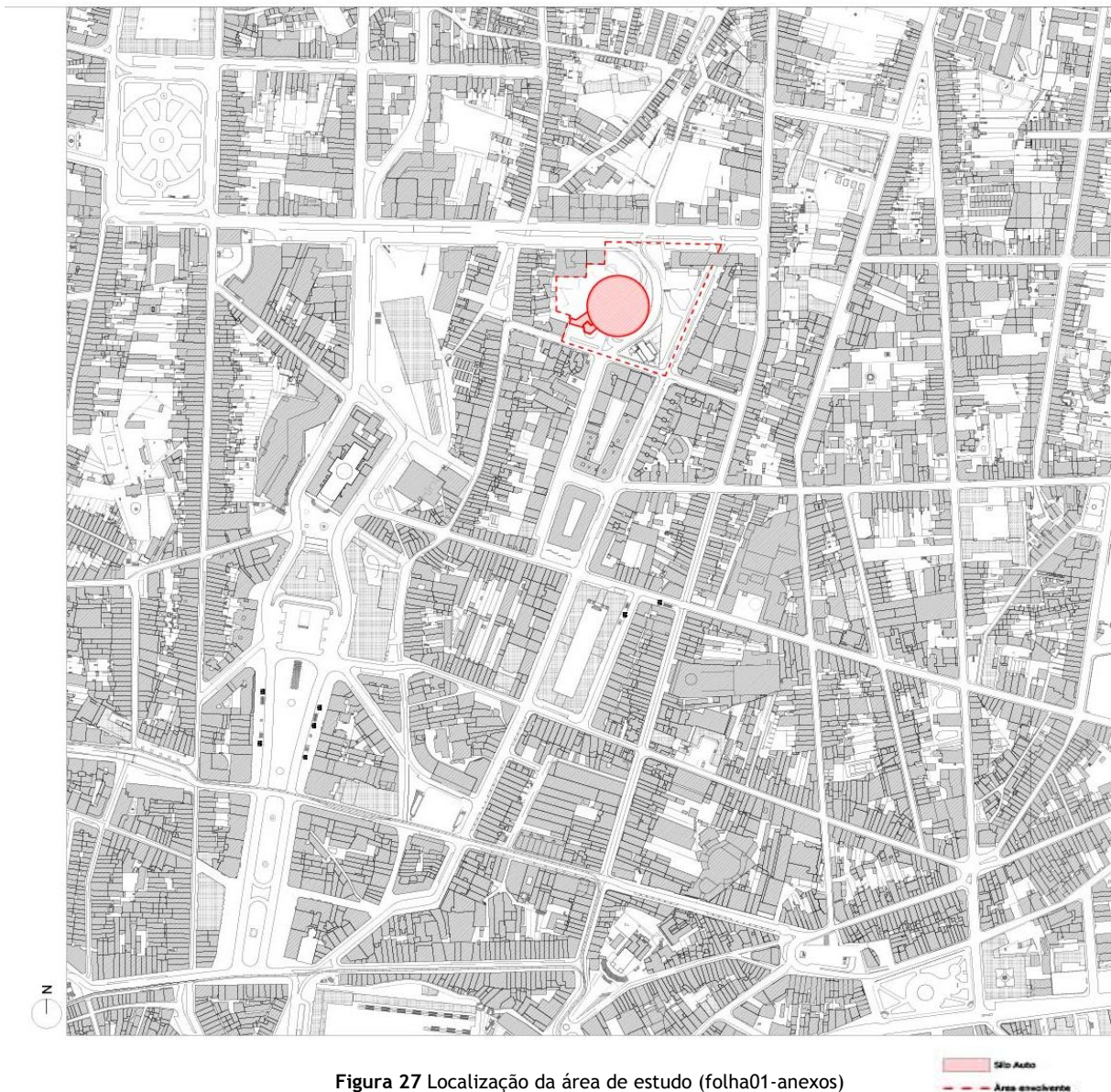


Figura 27 Localização da área de estudo (folha01-anexos)

O lugar (a experiência)



Figura 28 Vistas aéreas da área de estudo

A área verde existente não apresenta muitos elementos notáveis, cingindo-se apenas a satisfazer os requisitos de uma estrutura urbana.

Assim, foram considerados como elementos fundamentais para o desenvolvimento da proposta os pontos dominantes com vista apelativa sobre a paisagem envolvente da cidade. Destes pontos destacam-se a Torre dos Clérigos com a sua vista sobre a Avenida dos Aliados, entre outros que dominam o ambiente histórico.



Figura 29 Conjunto de imagens, Edificações da área de estudo.

A área adjacente ao silo auto, arquitectonicamente falando, protagoniza um ambiente singular que resulta de um conjunto de edifícios arquitectónicos que nos remetem efectivamente para o estilo moderno que a cidade do Porto desenvolveu nos anos 60, tais como:

- 1- Edifício do Hotel D. Henrique - projecto da autoria do atelier de José Carlos Loureiro, que data de 1965. Este edifício tem uma "base" de comércio e escritórios, sobre a qual se ergue uma torre correspondente a um hotel.
- 2- Edifício construído de raiz para a sede do Jornal de Notícias - projecto da autoria do arquitecto Márcio de Freitas (1926), que data de 1968. Edifício desenvolvido em torre.
- 3- Edifício que se desenvolve ao longo do lado Norte da rua Gonçalo Cristóvão - projecto da autoria do arquitecto Manuel Marques de Aguiar (1927). No rés-do-chão deste edifício desenvolvem-se escritórios e algum comércio, sob a qual se ergue uma torre de 16 pisos, construída num momento em que a torre começa a ser utilizada na cidade do Porto.
- 4- Edifício Ponte que remata o quarteirão da Rua Sá da Bandeira com a Rua Gonçalo Cristóvão - concurso público ganho pelos arquitectos Agostinho Ricca (1915-2010) e Benjamim do Carmo.

7.1.20 lugar de Encontro dos hábitos. A rua como ponto de partida

“As cidades são antes de tudo, o lugar de encontro das pessoas.”¹⁰⁰

Os lugares de encontro que mencionamos, como um ponto de partida, desenrolam-se no que determinamos, a relação que as actividades quotidianas promovem com a identidade comunitária. Uma vez que a rua se manifesta como o palco da concentração de acontecimentos, marcados de um contexto, de seus habitantes, a Rua descrita por Álvaro Domingues “*a rua da estrada*” demonstra a forma como este entende a urbanização “transgénica”¹⁰¹ na combinação de códigos, arquitecturas, funções, que se tem vindo a assumir desde concentrações políticas, celebrações, manifestações, troca de bens, realização de negócios, comércio e lazer, no palco dominado pela rua. Em sua perspectiva é na Rua que o cruzamento das demais actividades realizadas, tais como as rotineiras, como ir para o trabalho ou ir às compras, que se realizam por vontade própria e quando as condições externas são favoráveis, como dar um passeio,

¹⁰⁰ Richard Rogers in *Cidades para um Pequeno Planeta*, Barcelona 2001 P.126

¹⁰¹ Álvaro Domingues in *missão fotográfica, paisagem transgénica*, 2012 Guimarães p.205

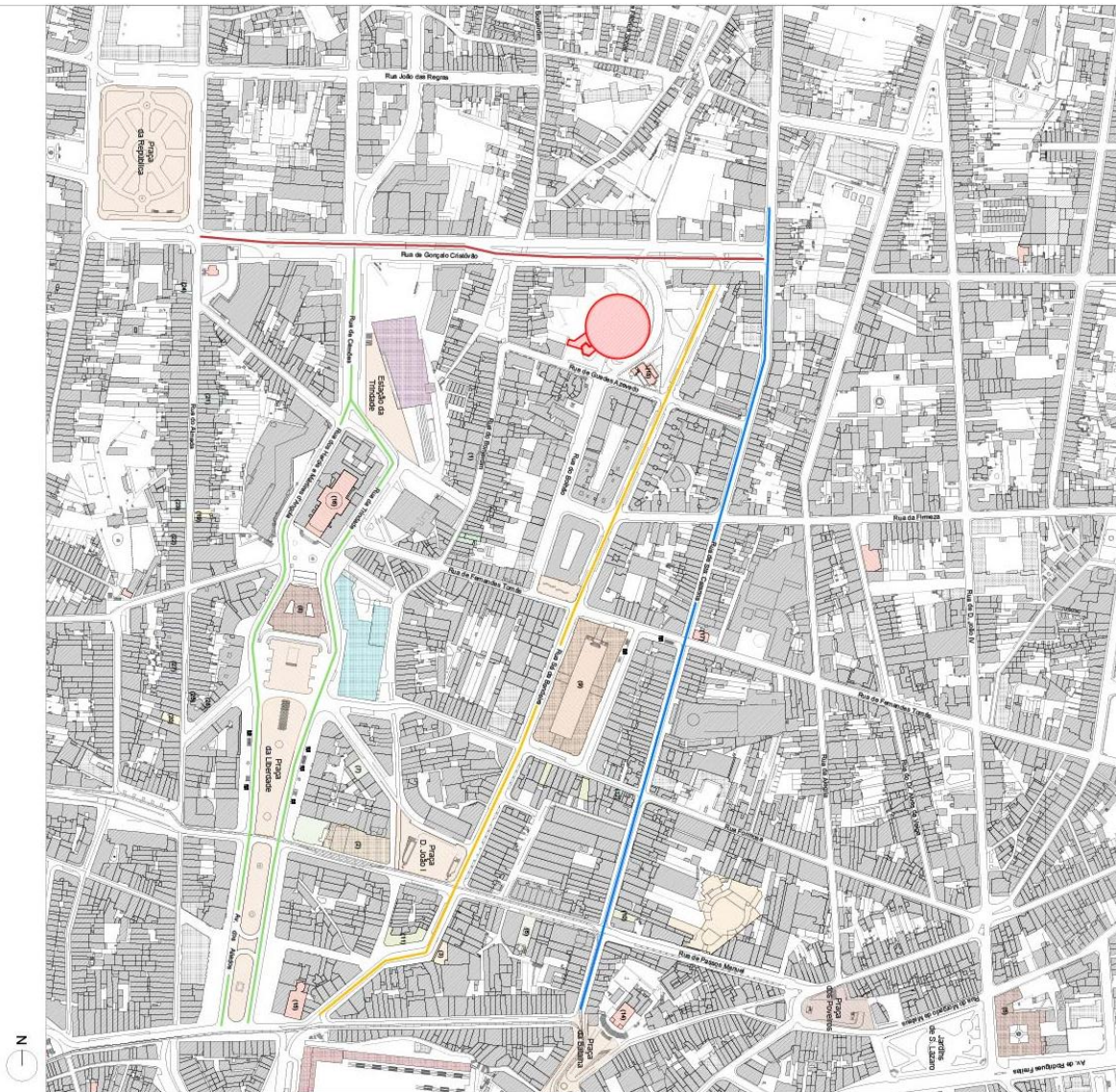


Figura 30 Serviços turísticos, culturais e comerciais no centro da cidade do Porto (folha 02-anexo)

apanhar sol. Por outro lado, a rua habitada traz uma noção de movimento, e consequentemente de segurança e bem-estar, o oposto de uma rua deserta, sem sinal de vida nem movimento, tornando-se insegura.

Enquanto espaço, a rua, tem o papel de atrair pessoas e movimento, criando assim espaços vivos e atractivos que favoreçam a permanência de lugares, onde a vida que nela se constrói é decorrente dos mais variados acontecimentos que entre os edifícios constroem as vivências.

Assim o importante importante não é o número de pessoas ou acontecimentos, mas o número de minutos passados no exterior. A qualidade de espaço público depende por exemplo, da existência de vistas relaxantes e sombras apetecíveis para momentos de descontração, de pavimentos apelativos de fácil e adequada acessibilidade, de boa iluminação e apropriado estado de limpeza, factores que convidam mais pessoas a viverem estes espaços, persistem na cidade ou caso contrário retraem o abandono. Estes devem ser pensados como um elemento

social interagir do espaço, apropriando a vivência, relações de familiaridade. Esses pequenos hábitos rotineiros e de lazer que são criados, como o café onde se encontra o amigo ao final da tarde, a mercearia onde fazem as compras ou a montra da loja que todos os dias a caminho de casa se costuma espreitar, são dinâmicas aleatórias que surgem na cidade naturalmente, atribuindo-lhe vitalidade. Este pequenos momentos que descrevem a rotina das pessoas na cidade e nos lugares descritos por esta, conferem o simbolismo e o significado depositado pelo carácter social, o chamado “Genius Loci” ou “espírito do lugar” no qual a vivência persiste entre a identidade da cidade. Neste contexto, a rua comporta-se como uma janela de observação para a compreensão da cultura urbana descrita por Richard Rogers, onde a “cultura é a alma da sociedade e a qualidade que luta contra a repressão”¹⁰². A rua é o primeiro contacto externo fora do ambiente familiar, apresentando-se como a primeira escola fora da escola familiar, onde a sua experiência proporciona obtenção de valores. Ao ser um lugar que é de todos, para todos, são espaços que reúnem diversas actividades e pessoas na cidade; é realizada nos espaços constituintes da rua, seja a “praça lotada, a rua animada, o mercado, o parque, o café, a calçada, todos representam espaços multifuncionais”¹⁰³.



Figura 31 Perfis da rua Gonçalo Cristóvão e da Rua Sá da Bandeira

8 Pressupostos de Projecto . A relação

A Rua é consolidada a seu tempo, a pouco e pouco. As construções da Rua Gonçalo Cristóvão, Rua Guedes Azevedo, Rua Sá da Bandeira e a Rua do Bolhão foram gradualmente partilhando da oportunidade de construir as suas próprias identidades e significados. Por questões

¹⁰² Richard Rogers in *Cidades para um Pequeno Planeta*, Barcelona, 2001, P.151

¹⁰³ Idem, *Ibidem*, P.16

estratégicas ou dos seus habitantes, característicos da vida bairrista, não conseguiram perpetuar por toda a mancha urbana a potencialidade e tradição de outros fragmentos da cidade, exemplo a Rua Santa Catarina.

O reconhecimento e valor e da intervenção em 2001, Porto Capital Europeia da Cultura, interveio e recuperou a cidade desde as áreas adjacentes da Avenida dos Aliados, no mercado do Bolhão até à Rua Santa Catarina o que consagrou o território na prática duma melhoria das estruturas da cidade e dos lugares de convívio no desenvolvimento da cultura e da vida popular requalificada com um novo pavimento, tornando-se parcialmente pedonal.

Porém nem toda a cidade passara pela mesma qualificação, o que comprometera alguns dos fragmentos da cidade, nomeadamente a área circunscrita pelo Silo Auto, no qual se desenvolve este estudo.

Assim, com esta intervenção, de alguma forma, o objectivo passará por contribuir numa continuidade do que fora desenvolvido à data, especificamente no local de intervenção determinante a resolver face às carências urbanas ainda existentes:

- Recuperar a relação com as principais vias comerciais do Porto (Rua Santa Catarina e o Mercado do Bolhão a Rua Sá da Bandeira);
- Estabelecer continuidade urbana na área em estudo,
- Potencializar o edificado existente valorizando a arquitectura e a história.

Dessa forma, tendo em atenção ao projecto ter-se-á como intenção criar um novo ponto estratégico para a vida urbana, pela localização e proximidade com as áreas adjacentes da cidade, onde o conjunto do espaço urbano do Silo-Auto após intervenção se pode destacar por esses mesmos princípios:

- reafirmar a sua presença na cidade e a sua relação com o território;
- contribuir para a regeneração e requalificação do contexto urbano da cidade;
- reforçar a ideia do lugar;

De igual forma, procura-se estabelecer na cidade a importância que o eixo da Rua Gonçalo Cristóvão, como sendo o local onde se encontram os principais eixos comerciais do centro da cidade, em destaque no do Silo Auto como um potencial e referência para cidade. Consequentemente, a relação deste fragmento com a cidade estabeleça numa maior permeabilidade e acessibilidade à integração de novas dinâmicas culturais.



Figura 32 Silo auto

Capítulo 3 | O edifício (o Corpo)

O edifício (o Corpo)

1 A arquitectura face à história

A arquitectura no papel que se coloca, naturalmente reconhece o contributo que a história premeia na sua concepção em projecto, nos seus espaços arquitectónicos. Através destes somos capazes, no papel de habitante, de fomentar a importância que a criação do Homem é pertinente no urbano, na representação de seu domínio sobre o espaço.

O século XX, a seu tempo, também deixou a sua história, o seu contributo. Os contemporâneos, mediante as marcas deixadas na cidade, reconhece-as e não lhe é indiferente, neste que fora um dos períodos mais importantes para o avanço das cidades. Independentemente de ideologias, o movimento moderno, tal como muitos outros movimentos, sustentaram em grande parte a sua realização no edifício e na estrutura urbana. De forma crítica, a relação entre épocas sempre se dominou de percepções no modo como a vida urbana decorre e, o movimento moderno também sofreu retaliações quanto à sua forma como fazer e como se pensava a produção arquitectónica da época. Dessa forma, há quem advirta que a fragilidade que a época apresentara, fora o seu principal declínio. A representação da vida na cidade fazia-se a cada dia mais amorfa, da casa ao trabalho, que a importância do espaço urbano por vezes era uma questão impertinente quanto às soluções arquitectónicas procuradas na época.

Independentemente da posição tomada pelo movimento à época (ou não), os meios urbanos tiveram de continuar a sua caminhada em busca de novos trajectos, dos quais muitos impuseram à cidade a nova articulação em que o mundo vive, centro/periferia, que de certa forma conduziu a esta visão ausente da cidade. Face a esta relação de abandono de estruturas da cidade, muitas das indústrias refugiaram-se nas periferias, enquanto o esqueleto permaneceu nas cidades, preservando nestas estruturas o vazio e a desvalorização. Dos pontos negativos que a cidade assumira, ao mesmo tempo surge a questão do significado desta ausência, no que determinara como uma “crise existencial”, refugiando valores imutáveis, que não podem ser esquecidos pela cidade. Surge agora, a busca pela qualificação e recuperação do património cultural, necessária até mesmo para conservar identidades deixadas de carácter nacional e ao mesmo tempo destacar a preservação das culturas e tradições dos locais.

Transformar a “questão simbólica” das estruturas da cidade, que estariam ultrapassadas e sem usos, criou um universo paralelo designadamente para o ritmo das sociedades que vêem como uma medida encorajadora das próprias políticas da cidade, ao mesmo tempo que se preservam também se desenvolvem. Esta abordagem não só trouxe o público novamente a viver o edifício, como trouxe com ela uma nova abordagem do que é a cidade da actualidade, numa relação consciente da importância de seus ciclos quer no presente, mas sobretudo no futuro que as cidades incessantemente procuram.

1.1 O encontro com o edifício

Como já fora dito, nos capítulos anteriores, a cidade que se gerou em torno desta modernização defronta-se na ameaça de perda de seus ciclos, não correspondida, muitas das formas às quais se propunha como cidade tiveram que ser repensadas de modo a dar lugar às necessidades da contemporaneidade. Desorganizada, era necessário pensar como os tecidos urbanos se passariam a desenvolver de forma a encaixar as mudanças futuras que o território exprimia. Começa assim a discussão em torno do que viria a ser a cidade, quer na actualidade, quer no seu passado. Resulta de uma busca impaciente em desenvolver o conteúdo que se encontra, de forma a responder às novas exigências e aos novos espaços, a novos meios de transporte, entre outros, nascendo assim um interesse maior no reconhecimento destes valores para o que chamamos de valor patrimonial urbano, que Françoise Choay (1925) acrescenta:

*“[...] opor as cidades do passado à cidade do presente não significa por isso querer conservar as primeiras. A história das doutrinas do urbanismo e das suas aplicações concretas não se confunde nunca com a invenção do património urbano histórico e da sua protecção. Contudo, as duas aventuras são solidárias. Quer o urbanismo se ocupe em destruir os conjuntos urbanos antigos, quer tente preservá-los, é ao tornar-se num obstáculo ao livre desenvolvimento de novas modalidades de organização do espaço urbano que as formações antigas adquiriram a sua identidade conceptual. A noção de património urbano histórico constitui-se na contracorrente do processo de urbanização dominante.”*¹⁰⁴

Como tal, o reconhecimento da preservação do tecidos urbano, passa a ser fundamental na gestão da cidade. O discurso da cidade antiga, tradicional, vive em conformidade com a cidade actual, sendo até reconhecida pela sua importância, quanto à sua relevância, quer para o valor patrimonial quer para a conservação. A opinião de Choay não apresenta objectividade quanto à noção do percurso da cidade, ele deixa esta como uma questão em aberto, onde o processo evolutivo das cidades delimitarão o seu rumo, assim o “obstáculo” está sujeito ao livre desenvolvimento, podendo este adquirir múltiplas identidades.

Este painel que o autor dispõe ao Homem como organismo vivo, agiliza a proposta da contemporaneidade em assumir, frente à decadência moderna, uma resposta da cidade face às suas necessidades. Obrigara as indústrias e as empresas a concentrar-se em determinados pontos estratégicos nas periferias da cidade, conduzindo assim o centro da cidade ao abandono de imóveis empresariais e edifícios industriais. Com a explosão demográfica e da evolução das infra-estruturas, surge o que se pode chamar de “facilitismo” quanto ao crescimento urbano

¹⁰⁴ Françoise Choay in *Alegoria do Património*, 2010, p. 193

não controlado, onde na linha de pensamento de Álvaro Domingues crescem inúmeros espaços urbanos “*caóticos, predatórios, sem qualidade, e completamente estranhos à forma e à escala as cidades canónicas[...]*”¹⁰⁵.

Álvaro Domingues, habituado a esta temática, descreve que a dispersão tem resultado no território com espaços desconectados e os vazios urbanos, mas de igual modo considera esse aspecto negativo para a morfologia urbana. Recorre do positivismo que esse aspecto acrescenta para a manutenção dos grandes centros urbanos e de seus centros históricos.

“[...] face ao “trauma” da perda da cidade canónica, se assiste a uma revalorização da cidade histórica (e também das marcas industriais dos séculos XVIII e XIX aí contidas), carreando investimentos e recursos para a qualificação do centro, e deixando à sua sorte a maioria do território que hoje constitui o urbano no seu conjunto.”¹⁰⁶

É nessa medida que as grandes estruturas e complexos que têm vindo a ser abandonados entre as cidades estão frequentemente relacionados com as problemáticas da cidade actual, contribuindo para a diminuição da qualidade do espaço urbano, como já Álvaro Domingues referia na visão de seus Lugares.

É necessária a recuperação e revalorização de instalações devolutas, sobretudo quando falamos em grandes cidades. Álvaro Domingues menciona como estratégia a acção que associações e organizações podem conferir a estes espaços. Estes devolutos podem desta forma assumir um marketing urbano potencial na estratégia da cidade, e revelam-se um instrumento fundamental para a requalificação urbana. Bons exemplos são as exposições internacionais, os Jogos Olímpicos e até mesmo Porto Capital Europeia da Cultura, como Jacinto Rodrigues referia como um momento a propor novas políticas, nomeadamente na construção do discurso da cidade ecológica.

Surge aqui um painel importante para a cidade. Por um lado, temos a questão do investimento e da interacção do espaço público e privado. Por outro, temos a oportunidade de ocupação de áreas localizadas dentro ou próximo do centro das cidades, onde são introduzidos novos equipamentos, como espaços culturais, de restauração, hotelaria, escritórios e até habitação, que possam sobreviver com uma nova identidade.

Neste sentido, a sua localização no centro da cidade, o reconhecimento do seu valor e com as políticas de protecção que as cidades têm adoptado, poder-se-á tirar proveito de muitas destas estruturas, para a construção de novas propostas para a cidade, conferindo uma certa linguagem de continuidade do seu valor histórico, social e de memória, valorizando os valores

¹⁰⁵ Álvaro Domingues in *Actas do Colóquio de Museologia Industrial, Reconversão e Musealização de Espaços Industriais*, Museu da Indústria, 2003, p.125

¹⁰⁶ Idem *Ibidem*, p.125

do passado e de igual forma enriquecendo o património. Este tem sido o papel que muitas das autarquias têm determinado, com a criação de políticas e instrumentos de gestão territorial, com incentivos fiscais que permitam difundir este tipo de projectos que promovam a vida da cidade. Esta ideia prepondera na lógica política com que Nuno Portas defende que a cidade deve ser vivida.

“Curiosamente, a política do desenvolvimento capitalista conseguiu juntar o útil ao agradável: a conservação para turista de algumas áreas monumentais ou mais típicas, lado a lado com o bota-abaixo da renovação cujo motivo principal era a valorização da renda fundiária. Ao propor o lema ‘conservar renovando’ ou ‘renovar conservando’ defendemos uma política de recuperação física e de reutilização social do parque de edifícios existente, que se opõe quer à ideia de que as áreas antigas são museus mortos, para turista passear e fotografar, quer à ideia de que são pasto para as maiores ganhuças sem qualquer proveito para a colectividade. As novas palavras de ordem são agora ‘recuperar’, ‘reabilitar’, ‘revitalizar’ as partes antigas ou existentes da cidade, sempre sujeitas a uma deterioração.”¹⁰⁷

2 Em busca da cidade criativa, diversidade, práticas e direcções

Um dos fenómenos mais assustadores em toda a comunidade mundial é a proporção que o consumismo pode atingir na sociedade, mas hoje, mais do que nunca, as redes de comunicação espelham nos indivíduos personalidades e estilos. É vasta esta discussão, hoje no discurso das cidades contemporâneas, cujo discurso se apresenta sempre inconstante, característico da cidade heterogénea, aberta a novos desafios.

Os cruzamentos culturais permitiram assim uma convergência com a entidade colectiva no aparecimento de novas mobilizações da sociedade, bem como a seu potencial criativo. Este é o paradigma que as nossas cidades oferecem na participação destes ambientes urbanos, conduzindo as próprias práticas dos mercados a estimularem a criatividade como forma distintiva, cuja representação no espaço público se difunde entre as mais variadas classes.

¹⁰⁷ Nuno Portas in *Conservar Renovando ou Recuperar Revitalizando*, Coimbra, 1983. p.10

A questão da diversidade desempenha um papel determinante no vocabulário da cidade. A criatividade, a sustentabilidade e a cidadania estabelecem entre si a pluralidade de acções que definem o espaço urbano, do qual o futuro é cada vez mais inconstante.

A ideia de cidade enquanto criativa é decorrente em muito da urbe quotidiana. É com particularidade que o cidadão desempenha um papel fundamental na promoção das acções urbanas. A concentração de recursos territoriais, nomeadamente arquitectura, os serviços, as grandes massas, os transportes e até mesmo os voos *lowcost*, “mergulharam” a cidade do Porto em turistas, estimulando as dinâmicas culturais, económicas e urbanas da cidade.

O espaço público é hoje idealizado e pensado de modo a favorecer as obstinações da sociedade, ou dito por outras palavras, o comércio define o espaço público e assimila-se hoje como o sistema assumido na imagem da inter-relação do público. A importância da comunicação revela nos públicos uma capacidade performativa, aliando-os a verdadeiros agentes sociais, padronizados de modo a favorecer as suas obstinações¹⁰⁸.

A criatividade hoje surge na lógica capitalista¹⁰⁹, uma dimensão potencial para o crescimento económico, social e territorial das cidades concedendo à ideia inclusa da “cidade criativa”. O sucesso que esta cidade contemporânea tem apresentado atrai, por sua vez, uma economia estável e uma cidade competitiva. Todavia essas práticas não se concentram unicamente na tradução económica. São representativas de novas formas de administração urbana, na recuperação de centros históricos e frentes ribeirinhas, em zonas antigas degradadas com uma forte identidade local, que estimularam práticas consonantes ao retorno e fixação da população.

Kevin Lynch (1918-1984), nas suas exposições, descrevia a cidade como potenciador de uma vida intensa desde que contenha a vitalidade; sensação; adequação; acesso e controlo e, para que tal aconteça, a viabilidade do desenho urbano é preponderante em todo o processo da construção da cidade moderna.

Esta evidência não se restringe unicamente ao espaço, mas sim à composição da cidade activa de suas práticas da cidadania, a festividade, os encontros, os fluxos, entre outras iniciativas que trazem à cidade o ritmo e história nos seus mais variados espaços, nos quais constroem a leitura na qual definimos a imagem da cidade.

Não é errado, quando falamos do Porto, ser-se apresentada como uma cidade cada vez mais jovem. A acção da Universidade do Porto, a oferta de entretenimento, os festivais, o comércio e o próprio clima nocturno, convergem cada vez mais em como atrair cada vez mais a camada jovem às cidades. A interacção e a facilidade deste público estar ligado entre múltiplas redes

¹⁰⁸ João Pissarra Esteves, *Ciências da Comunicação - Espaço Público e Democracia*, Lisboa 2003, p. 28

¹⁰⁹ Nuno Portas in *Conservar Renovando ou Recuperar Revitalizando*, Coimbra, 1983. p.10

sociais muito tem contribuído para esta proliferação cultural e consequentemente para a dinamização das áreas envolventes, trazendo assim maior vitalidade à cidade, mais pessoas, diferentes culturas e ideias.

As políticas adoptadas na cidade do Porto tem tido tem sido exemplar, a liderança da construção da criatividade e os eventos que organiza beneficia a comunidades urbana, atraindo confiança à fixação destes jovens.

Por essa iniciativa, o Porto hoje aloja eventos importantes para essa condução de massas, tal como o Nos Primavera Sound, Fantas Porto, os próprios festejos populares do São João hoje convidam os novos públicos a usufruir. A disposição que a juventude tem representado traduz-se na crescente visibilidade pública deste grupo.

“Cada vez a cultura é menos massificada. Ou seja, a cultura é mais diversificada. A tendência é...cada grupo de pessoas tem gostos muito específicos e, portanto, a tendência vai ser aumentar, diversificar a oferta”¹¹⁰

O movimento cultural conforma-se na acessibilidade à oferta, na qual seja possível de atingir o máximo de pessoas possível e não apenas nos meios de distribuição social, televisivo ou informativo. Tem que haver uma postura que desenvolva o cidadão nas dinâmicas do urbano, que obrigue o cidadão a percorrer distâncias para chegar a um objectivo. O espírito cultural promove hoje a interactividade que coloca de certa forma todos os intervenientes em acção no espaço e estamos a falar desde a sua estrutura até as suas práticas sociais. É através da cultura que o Homem é convidado participar, interagir e intervir com a cidade.

Não é de agora que o afastamento das pessoas de determinado lugar se deve ao abandono desses mesmos, e que a solução não passa unicamente por construir de raiz, estruturas que equipem a cidade e que difundam uma nova frente cultural ou que simplesmente rejeite uma cultura. Tem que constar no encontro com novas soluções com novas intervenções de menor investimento e maior reversibilidade, empenhando-se em agilizar com novos climas na cidade histórica com novas propostas e desafios conservando, adaptando ou renovando elementos urbanos incutindo tendência, ou mais numa questão ecológica, espelhando a preservação do conteúdo histórico, dando-lhes novas vidas. Isto permite salientar alguns dos processos que têm vindo a ser desenvolvidos nas cidades que têm revelado um grande sucesso na intervenção do espaço público tais como:

- adaptações a novos usos de instalações e espaços industriais;
- reinterpretações de velhas estruturas significativas, com novos elementos;
- intervenções de curta duração ou que permitam a reversibilidade;
- espaços escolhidos como reserva, conservando opções futuras em aberto.

¹¹⁰ Augusto Santos in *Projecto e Circunstância Culturas Urbanas Em Portugal*, Porto, p.194

Assim, a intervenção dependerá dos objectivos que se procura atingir, as suas potencialidades e condicionantes. Assim, o termo intervenção abrange um conjunto de procedimentos diversificados nomeadamente na técnica, materiais ou estratégias a utilizar, e que podem pôr em risco a integridade histórica, mas que por outro ponto de vista podem resultar numa ambiguidade e diversidade de soluções e respostas válidas a um só projecto.

Estas infra-estruturas potenciam possibilidades estratégicas no espírito criativo da paisagem e num espaço público muito mais flexível capaz de abarcar inúmeros e distintos usos do que um investimento em estruturas novas mais rígidas. As marcas deixadas pela instabilidade e a incerteza sobre a cidade pós-industrial, poderá ter como base novas identidades urbanas e estratégias, sem que isso implique o sacrifício de identidades herdadas por um período histórico, desafiando a cidade no reaproveitamento dos seus organismos e estruturas, na lógica da impulsão da criatividade e requalificação urbana que Álvaro Domingues aponta como uma adição ou renovação do elemento urbano como construção de uma nova política.

*“[...] a “requalificação urbana” serve hoje para denominar, sobretudo, políticas de intervenção na cidade (mais ou menos) histórica, onde se têm verificado processos de obsolescência funcional, degradação de edifícios, conjuntos edificados e espaços públicos, originando, frequentemente, o abandono ou a ocorrência de usos desqualificantes.”*¹¹¹



Figura 33 Parque Expo da cidade de Lisboa

Um exemplo deste tipo de intervenção em Portugal é a antiga zona industrial de Lisboa Oriental, reformada com base num plano urbanístico de requalificação no âmbito da Exposição

¹¹¹ Álvaro Domingues in *Actas do Colóquio de Museologia Industrial, Reversão e Musealização de Espaços Industriais*, Museu da Indústria, 2003, p.124

Mundial de 1998. A intervenção permitiu a absorção urbana e ambiental desta área e a sua integração no tecido urbano, formando um dos mais importantes polos culturais, comerciais e habitacionais de Lisboa.

3 O Edifício na cidade. Intervir na cidade criativa

O termo “Intervir” é introduzido na sociedade contemporânea como um comportamento que caracteriza o papel desta em sociedade. Actualmente, o que encontramos na cidade, os espaços públicos, os monumentos, as praças, entre outros elementos que resultam da intervenção urbana, remetem-nos diariamente para uma maior procura do comunitarismo, do convívio e sobretudo da expressão cultural que tão bem caracteriza a sociedade urbana.

Intervir nessa medida possibilita uma maior liberdade em desenvolver, sobretudo, numa maior proximidade na procura da cidade em que se vive. Limitando-nos ao interesse em questão, o edifício, além da sua impunidade enquanto estrutura da cidade, demonstra em primeiro a capacidade e procura do Homem de representar o seu universo, mais, quando se fala em intervir em estruturas consolidadas, esta abordagem encara um procedimento complexo nos diversos parâmetros, nomeadamente o tipo de função que o vai comprometer e nomeadamente a sua relação com o envolvente, dado que é deste que recebe a maior crítica.

O edifício usufrui deste carácter de liberdade que o Homem tem, mas também, do espaço público como estratégia de intervenção da cidade, o que obriga a uma maior responsabilidade, na medida em que se mexe com a essência histórica, correndo o risco de perda dos seus valores intrínsecos

Qualquer que seja o fim da intervenção, o edifício inevitavelmente passa por um processo de modificação e transformação. Sendo neste caso a intervenção num edifício de carácter urbano, a sua acção no espaço urbano terá que de igual forma aglutinar os seus habitantes nesse processo de transformação. Para que tal aconteça, tem que haver uma total abertura com as mais variadas áreas disciplinares e compreender que condições pode este atingir ou não nas suas intervenções, de modo a salvaguardar a autenticidade das preexistências. A intervenção deverá, por isso, basear-se não só no respeito pelo edifício, pelos seus espaços envolventes, pela materialidade, independentemente do seu valor patrimonial e da sua excepcionalidade artística ou significado histórico.

O projecto de reconversão pode surgir tanto da necessidade de preservar um edifício pelo seu valor cultural, como também na oportunidade de preencher uma lacuna nas necessidades locais. O aproveitamento que as estruturas existentes oferecem poderá desta forma assumir-se como um valor positivo, neste processo que as cidades procuram, a criatividade. Por vezes, esta procura pela criatividade é susceptível pelo desenvolvimento da proposta, da introdução de um programa, e esse até pode não abordar a procura criativa, mas abordar novas formas de construir e readaptar a novos compromissos com os espaços da cidade, assumindo um compromisso criativo, tendo em conta a reintrodução de estruturas perdidas no tempo. Para que essas estruturas subsistam no tempo estas terão de sofrer transformações que lhes permitam adaptarem-se a novas funções. Essas transformações terão de resultar de uma análise dos elementos existentes e da objectividade das novas perspectivas que o edifício oferecerá ao espaço público, da vitalidade da cidade e da relação entre visitante ou habitante ao interagir com o edifício e com a proposta.

O exemplo de Portugal é marcado sobretudo pelo abandono de estruturas fabris, estruturas que foram readaptadas a novos espaços para exposições e museus, o que demonstra um grande interesse da cidade na procura de novos espaços. Espaços esses que são aproveitados para os mais variados acontecimentos e que do mesmo modo salvaguardam a história e a identidade dos locais, bem como presente. Dessa forma, além de atribuir um uso praticável a espaços industriais desactivados, ao mesmo tempo eternizam o que fora a cultura de determinado local.

Várias são as estruturas que se converteram na lógica de um espaço museológico, como por exemplo o grande edifício da Alfândega do Porto, reconvertido no Museu de Transportes e Comunicações, com um projecto, da autoria do arquitecto Eduardo Souto Moura (1952). Outros exemplos de referência: a Gare D'Orsay em Paris foi uma das primeiras intervenções deste género a acontecer em edifícios com esta magnitude, transformada pelos arquitectos Renaud Bardon (1942-2011), Pierre Colboc (1940) e Jean-Paul Philippon (1945), em 1986, num museu dedicado às artes plásticas. Este tipo de intervenções, depois de décadas de grandes confrontos, começam a ganhar relevância, sobretudo no modo como passou a viver a cidade, numa proposta massificada que novas áreas urbanas se revelaram no interesse dos turistas.

Por outro lado, a crescente apropriação destas estruturas para a criação de espaços culturais tem vindo a desgastar-se quanto à sua oferta, tornando-se cada vez mais difícil trazer algo novo para estes espaços, sobretudo a museologia, que neste caso, se ergue de grande parte destas infraestruturas, pelo facto de que grande parte destas estruturas são receita de obras públicas, e para tal têm que assumir grande maioria das vezes esses efeitos, caso contrário estariam ao abandono e esquecidos no tempo.

Porém, a contemporaneidade pode ter uma acção e um estímulo muito mais presente na vida destas estruturas, construindo assim um envolvimento muito mais próximo do que podemos falar do espaço público, dos públicos com as estruturas, promovendo novos contextos e novos

O edifício (o Corpo)

estímulos na interação com o conhecimento e com a cultura. É deste modo que Nuno Porta busca analisar a relação de reciprocidade entre as estruturas que caracterizam a cidade e o Homem como uma questão dinâmica, que não passa unicamente da solução como incorporamos as preexistências na leitura do tecido urbano, mas também como as novas propostas que se degeneram na dinâmica de seus territórios potencializam as regiões, o edifício na revitalização das estruturas sociais.

A seu tempo, os investidores estão a perceber novas formas de chegar a outros públicos e a chamar novos, e o exemplo disso o edifício AXA no Porto onde a nova tendência no mercado privado, das indústrias criativas e dos jovens, se tem mostrado aberta a novas tendências.



Figura 34 Antiga estação ferroviária de Orsay, Paris

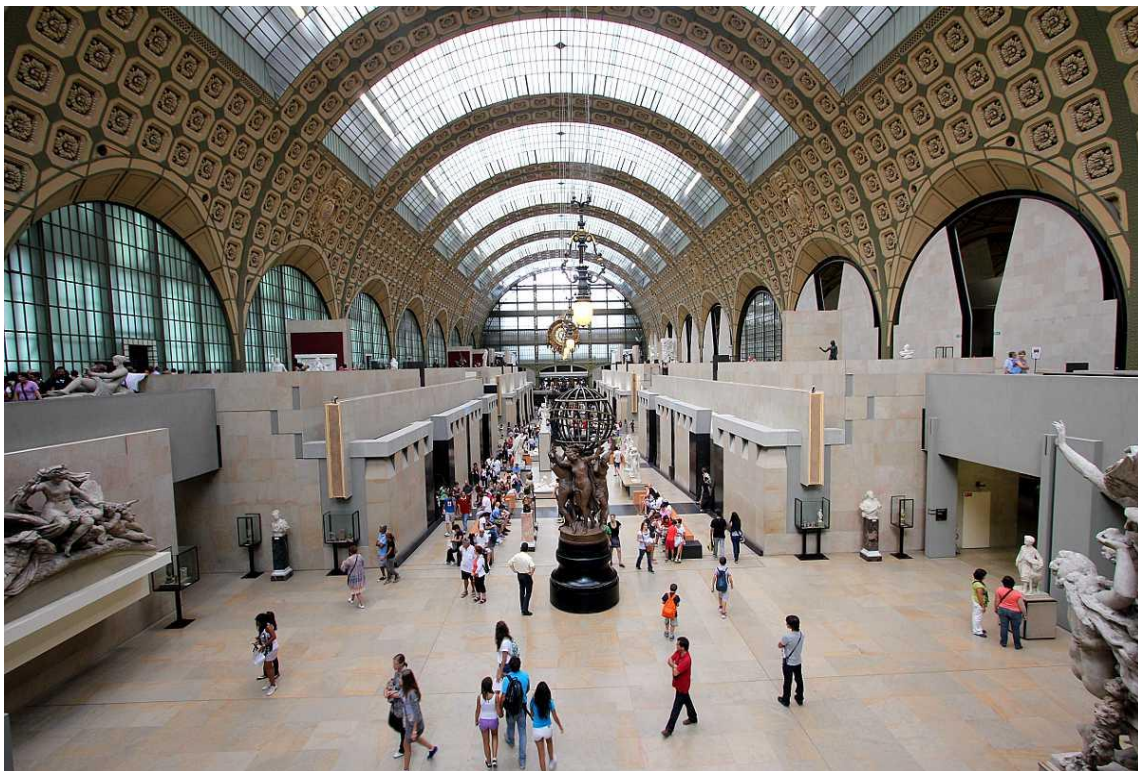


Figura 35 Museu de Orsay

4 Silo Auto Porto



Figura 36 Silo Auto perspectiva da praça



Figura 37 Fachada do Silo auto

Programa inicial - Silo auto e estádio de Hóquei

Programa actual -Silo auto parcialmente desativado

Data da construção-1964 sendo construído apenas 3pisos, retomado em meados 1974 para a sua conclusão

Autor do projecto - Alberto José Pessoa (1919-1985) e João Abel Bessa

Cliente - Câmara Municipal do Porto

4.1 Descrição

O edifício Silo Auto teve a sua origem do Plano Director Municipal (PDM) da cidade do Porto de 1962, mais conhecido como Plano Auzelle da autoria do engenheiro Frances Robert Auzelle (1913-1983). Mais do que pensar e resolver as problemáticas que o crescimento da cidade estaria a sentir no confronto com a introdução de novos meios de comunicação. O plano procurava preparar a cidade para o competitivo mercado de trabalho investindo no melhoramento de estruturas viárias e redes de transportes, potenciando parte do crescimento urbano da cidade do Porto.

A introdução das auto-estradas ligando à capital, as pontes que passaram a ligar a cidade do Porto nomeadamente a da Arrábida e Freixo, ocupavam agora a cidade de carros. Preocupados

com a cidade que ainda não estaria, em muitos dos seus espaços, preparados para receber este meio de transporte, o plano prevê a construção do silo-auto, o primeiro da cidade de modo a albergar e a retirar a imagem do carro da cidade.

Agora, chegar à cidade é muito mais fácil. A aposta da competitividade do mercado de trabalho não dispensa este meio e mais do que nunca o transporte assumira um dos principais meios de comunicação. Dessa forma os arquitectos Alberto José Pessoa (1919-1985) e João Abel Bessa, a convite, integram o projecto de modernização de estruturas da cidade, então com a proposta da construção do que veio a ser hoje o Silo Auto Porto, um edifício imponente, quando se fala das marcas deixadas pelo modernismo português na cidade do Porto.

Concebido de forma a albergar o maior número de automóveis, rendeu-se na idealização de um emblemático edifício circular que abria uma perspectiva no mínimo diferente ao que estavam habituados à época. Surge assim uma proposta, arrojada à época, do confronto da cidade com a sua nova forma extremamente tecnicista.

Idealizado para receber ao longo de 9 Pisos, 840 carros, a sua forma foi concebida para o maior aproveitamento possível do seu espaço, bem como a possibilidade de receber usos alternados ao longo do tempo. Uma construção que demonstra tanto no seu programa como sistema, uma determinada audácia dos arquitectos na relação com a sua envolvente. O conceito do edifício, é baseado na ideia de “Canivete Suiço” remetendo para a ideia de Le Corbusier e do modernismo. Compreende-se como peças que se encaixam, funcionando como uma coluna que consegue distribuir de forma igual nos vários planos. O seu topo foi pensado para suportar um estádio de hóquei com restaurante panorâmico.



Figura 38 Canivete suíço

Embora pensado em 1964, a obra tardou a ficar concluída. A falta de verbas suspendeu durante longos anos a obra que funcionaria apenas com três pisos, tendo sido retomada anos mais tarde, em meados de 1974 novamente pela Câmara Municipal para a conclusão do edifício. No entanto a ideia inicial já não foi respeitada, pois o estádio de hóquei e o restaurante panorâmico adaptaram-se ao Bingo do Porto e, mais tarde, a uma Danceteria que não tardou a fechar. Parcialmente abandonado e sem vida, de quem o visita ainda, ainda há quem recorde os tempos em que no silo auto se tinha que esperar para conseguir estacionamento. Agora está praticamente esquecido, por trás das suas fachadas.

Este edifício foi concebido para abastecer os principais mercados da cidade do Porto, nomeadamente toda a Avenida dos Aliados, a perpendicular com o mercado do Bolhão, a Rua Santa Catarina e a Avenida Gonçalo Cristóvão, sendo estes ainda os principais anfitriões que

trazem muitas das pessoas à cidade, nomeadamente para o comércio. “*O que poderá ter conduzido a que este tenha ficado esquecido e em desuso?*” A resposta é muito simples, o declínio das actividades na baixa, a construção sobretudo com o Porto 2001, de uma boa rede de estacionamento subterrâneos aliados ao programa do metro da cidade do Porto (*Park & Ride*)¹¹², retirou a necessidade do Silo Auto. Mais agravado à com a crescente oferta dos centros comerciais, como o exemplo do Shopping Via Catarina e o Granplaza vieram subtrair a presença deste.

Álvaro Domingues, em parceria com os arquitectos Cristina Guedes (1964) e Francisco Vieira de Campos (1962), associados no escritório *Menos é Mais*, descreviam o Silo Auto como “um paradigma de uma grande radicalidade por protagonistas da cultura erudita, onde a população comum sempre teve uma relação de amor/ódio pelo que vê como um “mono” implantado no meio da cidade”.¹¹³



Figura 39 Abordagem arquitectos Cristina Guedes, Francisco Vieira e o geógrafo Álvaro Domingues para o Silo Auto



Figura 40 O “mono”

¹¹² (fonte: http://www.metrodoporto.pt/Pagegen.aspx?WMCM_Paginald=25455 (consultado em 8 de Agosto)

¹¹³ Entrevista a Álvaro Domingues, Cristina Gredes e Francisco Vieira de Campos para o expresso edição do dia 28 de Dezembro de 2013.

O edifício (o Corpo)



Figura 41 Levantamento dos parques de estacionamento na área circunscrita pelo Silo Auto (Folha 3 do anexo)

O edifício (o Corpo)

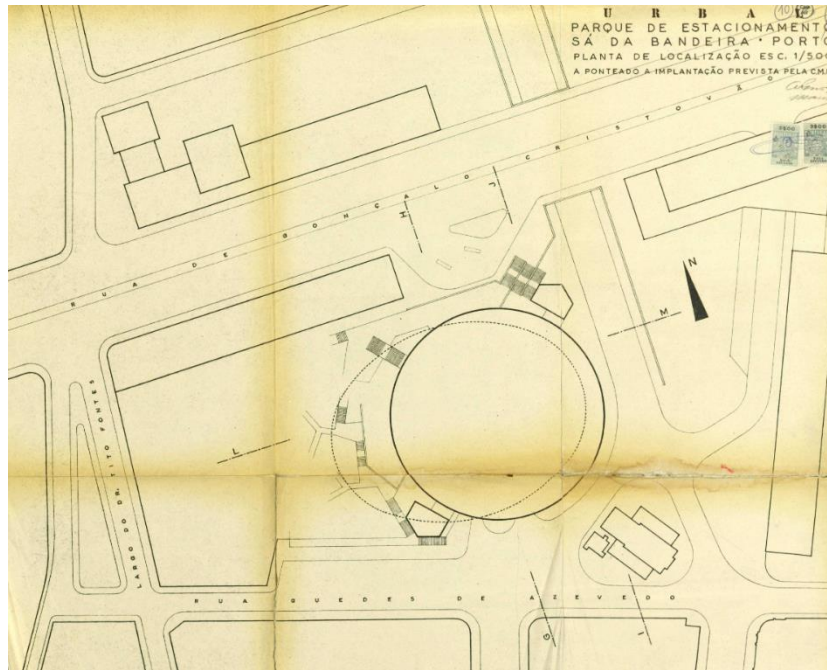


Figura 42 Planta de Implantação do Projecto original

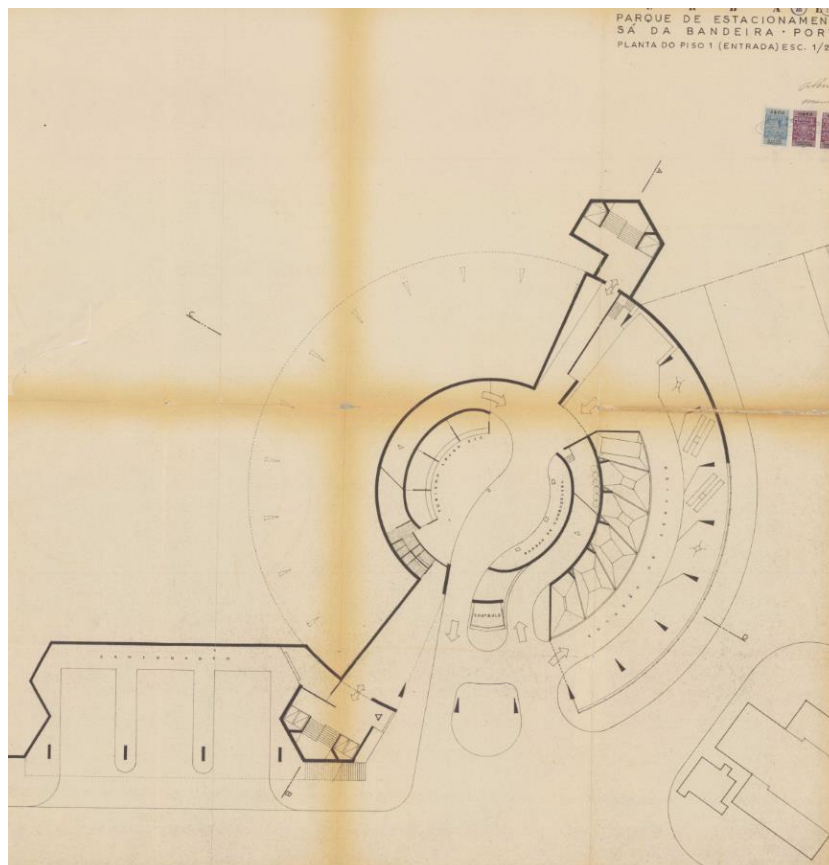


Figura 43 Planta do rés-do-chão do projecto inicial

O edifício (o Corpo)

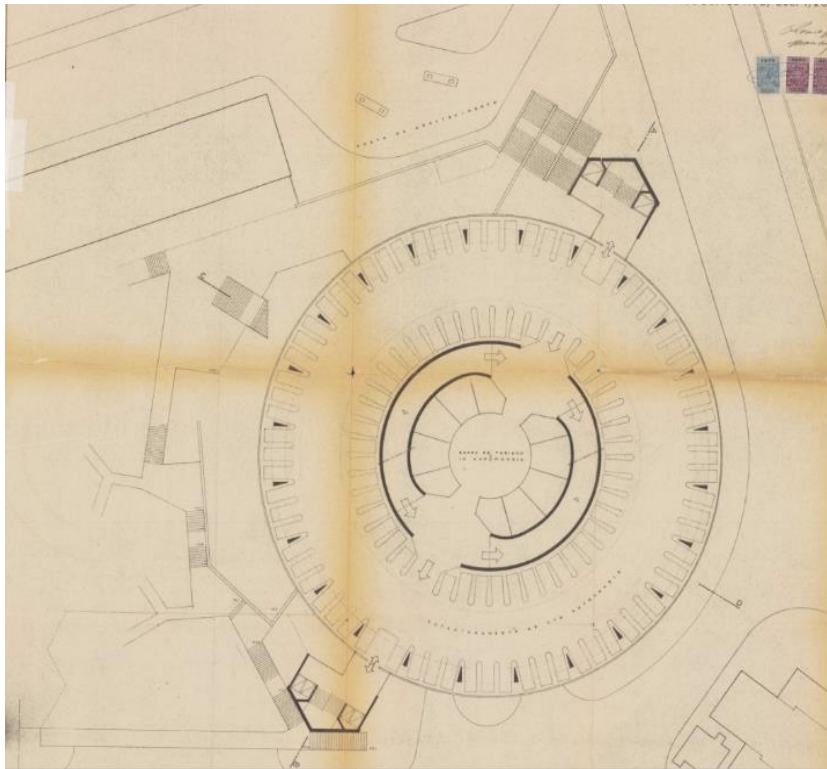


Figura 44 Planta tipo dos pisos 2,3,4,5,6 e 7 do projecto inicial

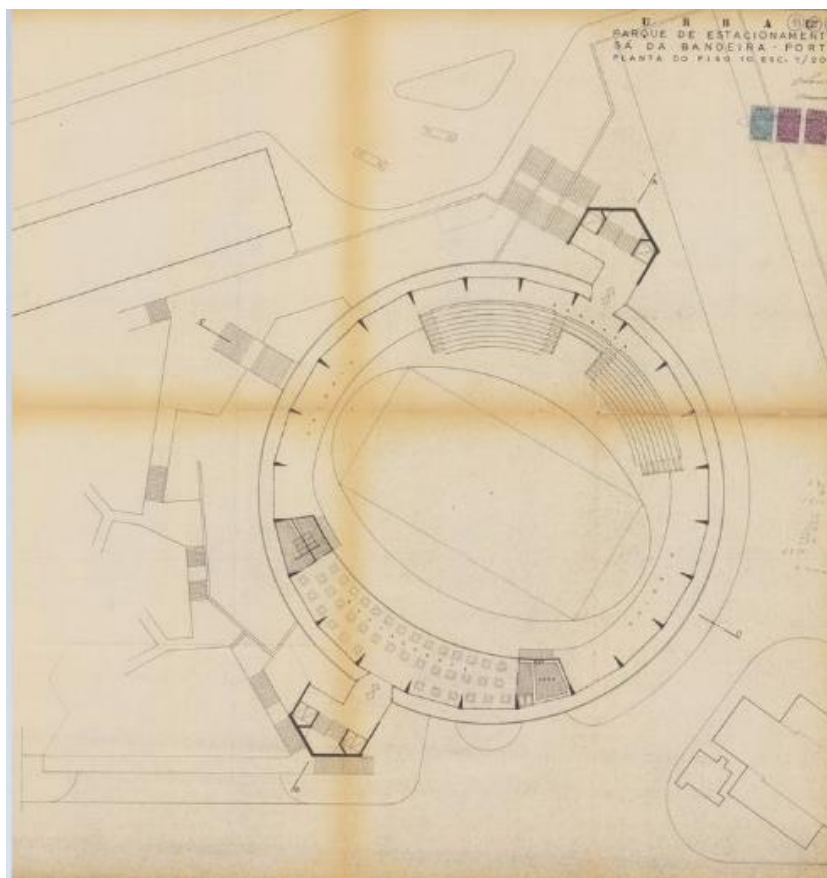


Figura 45 Planta do Piso 8, estádio de Hóquei proposta inicial

O edifício (o Corpo)

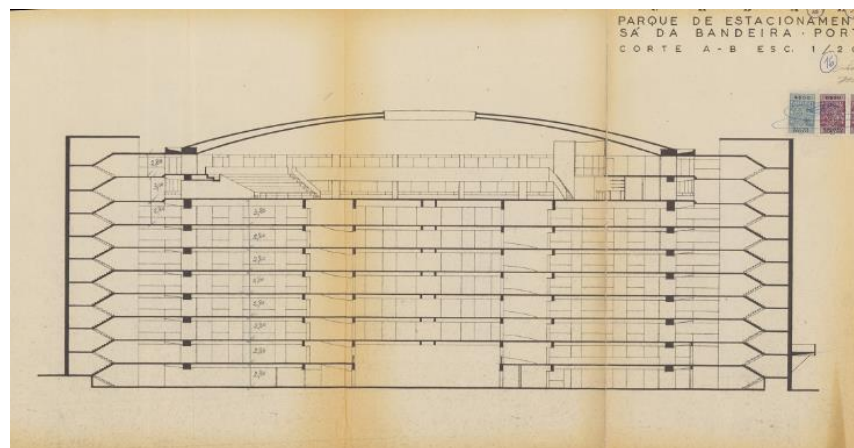


Figura 46 Corte 1 do projecto inicial

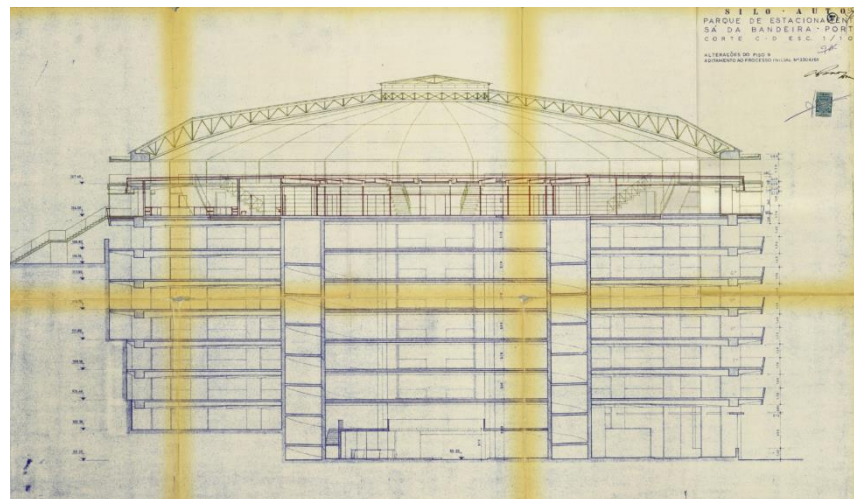


Figura 47 Corte 2 do Projecto inicial

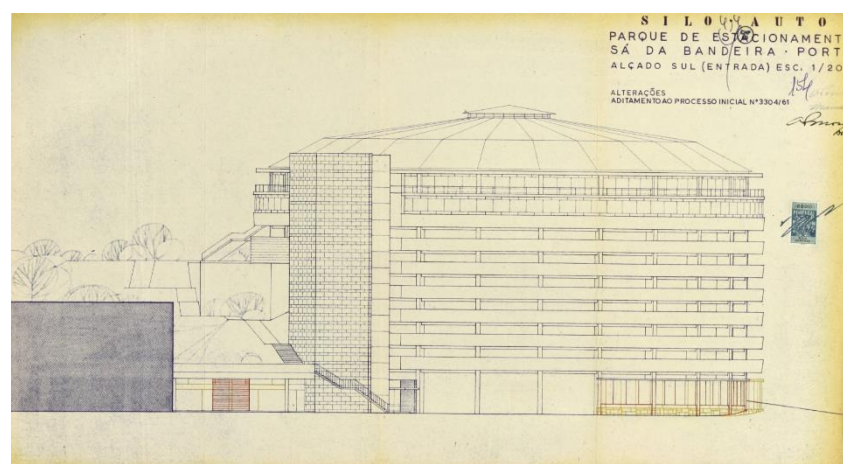


Figura 48 Alcado sul do projecto inicial

5 Pressupostos de Projecto

A intervenção no Silo Auto deve partir de uma compreensão mais alargada do território onde este se insere. Atendendo aos pressupostos desenvolvidos nos capítulos anteriores a sua abordagem deverá fomentar o envolvimento do edifício com a cidade.

O silo auto apresenta várias características interessantes que o tornam único e identitário. Exemplo puro da arquitectura moderna, este edifício com a sua fachada austera de betão movimentada a rua com os seus anéis que parecem infinitos.

O edifício apresenta uma escala de resposta urbana e é uma construção que até à data se apresenta como funcionalmente bem conseguida na resolução do programa em questão - estacionamento. As circunstâncias e o tempo foi marcado por estratégias urbanísticas que desvalorizaram a área do silo, levando a que este fosse perdendo a sua importância, as suas expectativas e o seu rumo para o futuro. Assim, este estudo desenvolve-se com o intuito de procurar novas expectativas e novas abordagens, nesta luta de identidades com que a cidade se depara.

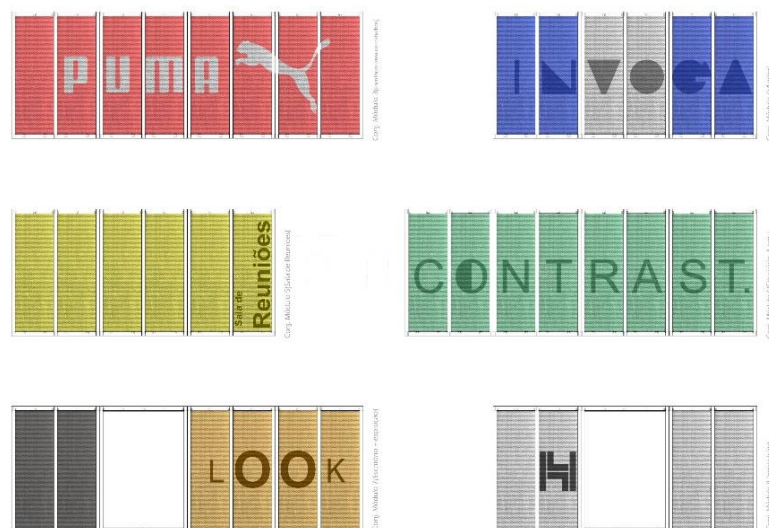


Figura 49 Proposta final para os módulos

Capítulo 4 | A Proposta

A proposta

1 Memória descritiva e Justificativa

Com origem no Plano estratégico de 1962 e inserindo-se no movimento moderno, o Silo Auto da cidade do Porto foi um dos primeiros edifícios de silo auto da cidade. Este conserva em si um espaço único, que todavia em consequência do incumprimento do seu programa ou talvez por não ter sido integrado nos planos estratégicos da cidade nos anos precedentes foi esquecido. É ainda de salientar o facto de ainda hoje o edifício revelar insucesso do seu programa actual. Este facto é sustentado pela verificação de um parcial desuso dos 840 lugares de estacionamento disponíveis no silo. Perante esta situação, a Câmara Municipal do Porto tenta desfazer-se deste edifício permitindo a algum investidor privado dar novos usos e novas perspectivas a este edifício que tanta potencialidade tem por explorar.

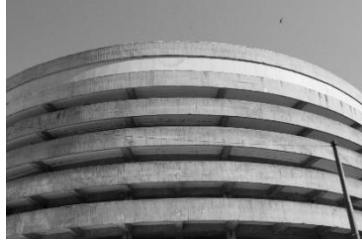
Com base no estudo efectuado previamente e tendo em conta o conhecimento adquirido ao longo deste estudo percebemos que mais que uma proposta de intervenção para o edifício esta é uma intervenção para a cidade. É neste sentido, que surge a proposta de um projecto de arquitectura para a criação de um silo empresarial, ou seja propõe-se que o silo auto seja adaptado para uma incubadora de empresas.

Entende-se com a análise da ideia da criação de incubadoras empresariais que esta proposta será uma opção viável na introdução de um novo programa no edifício do silo auto. Com a criação do silo empresarial solucionar-se-á o problema do abandono e conceber-se-á uma integração urbanística entre o lugar e o edifício.

A proposta consiste na adaptação da estrutura do silo auto a um sistema modular de carácter flexível, capaz de responder às necessidades requeridas para a concretização de um silo empresarial. Como o silo ainda não apresentava condições físicas para a inclusão deste novo programa tão específico houve necessidade de lhe aplicar algumas alterações em 2 fases distintas. Primeiramente criaram-se condições que permitissem que os espaços fossem correctamente utilizados bem como para receber o posterior desenvolvimento do programa previsto. Numa segunda fase na aplicação do módulo ao espaço que o silo auto se desenvolve.

1.1 Ideia e conceito

O silo auto apresenta características estruturais que particularizam, limitam e potenciam o desenvolvimento da ideia projectual.



1. Forma circular do edifício



2. Altura entre pisos do edifício
2.90m



3. as vigas estruturais dominam o espaço



4. O centro do edifício fecha-se entre si



5. Vista Sobre a cidade



6. O pormenor

Figura 50 Conjunto de imagens do Silo Auto

A intervenção que propomos tem em conta a estrutura pré-existente, o que não inviabiliza possíveis modificações do edifício. Depois de definir os parâmetros é necessário alcançar um conceito que estabeleça uma ponte coerente para incorporação de estruturas dentro do edifício pré-existente de forma a resolver o programa.

O volume e a forma do silo auto remete-nos para uma estrutura que parece estar em constante mutação. É neste contexto que se propõem sistemas modulares capazes de servir diferentes propósitos. Estes sistemas são de fácil montagem e de fácil transporte. Assim sendo pode afirmar-se que facilmente se poderá modificar o ambiente do edifício, apenas modificando a disposição dos sistemas modulares.

Ao organizar-se em torno das suas rampas, o silo auto transporta-nos para uma imagem de uma espiral. A espiral por sua vez remete-nos para algo que funciona através da evolução e do movimento ascendente e construtivo. Pode estabelecer-se uma analogia entre este pensamento e o desenvolvimento das empresas, com os seus caminhos tortuosos para atingir um fim, o sucesso. A integração de sistemas modulares multifacetados na estrutura vertical do silo auto por sua vez remete-nos para o incerto e para o inesperado.

O conceito base da intervenção é a incubadora de empresa ou apenas incubadora. A incubadora consiste num projeto, gerido por uma entidade, que consiste em juntar num único edifício jovens empresas. Essa entidade fomenta o desenvolvimento de microempresas e ainda lhes assegura a assessoria empresarial nas mais variadas áreas como por exemplo na área contabilística, financeira, jurídica, etc. Além disso a administração do espaço ainda se responsabiliza pelo pagamento das despesas da incubadora como custos de recepção, custos de luz, internet, água, entre outras.

As incubadoras de empresas dedicam-se à iniciativa empresarial, mais adequadas para jovens empresas. Uma vez que estas ainda se encontram num processo evolutivo, torna-se vantajoso que estas se instalem em espaços de rendas baixas, como é o caso das incubadoras de empresas. Aí as jovens empresas não só beneficiam dos espaços como também desfrutam do espírito de partilha, de solidariedade, de entreajuda e de troca de ideias capazes de potenciar um conjunto de oportunidades de negócio, de colaboração e promoção ao dispor dos empreendedores.

Sob esta perspectiva do conceito utilizado as rampas funcionariam como elemento conector entre os diferentes pisos do edifício e entre as categorias que o programa particulariza. As empresas organizam-se por ordem crescente ao longo dos pisos. As empresas mais jovens ficariam nos pisos inferiores e as empresas mais consolidadas ficariam nos pisos superiores. É desta mesma forma que organização do edifício corresponde ao plano e às fases do processo de incubação: pré-incubação/incubação /internacionalização. Esta organização das empresas no edifício é justificada pela ascensão resultante do desenvolvimento das empresas ao longo da espiral que o edifício simboliza. Quando uma empresa atinge o topo da espiral é porque ela está pronta para se emancipar da incubação¹¹⁴.

¹¹⁴ O tempo que uma empresa passa no programa de incubação pode variar bastante dependendo do método e da estratégia adoptada pelas empresas. Considera-se que uma empresa se encontra no processo de maturação desde o momento da sua admissão na incubadora até que se verifique a solidez do seu processo de incubação. Este processo demora em média três anos.

A proposta

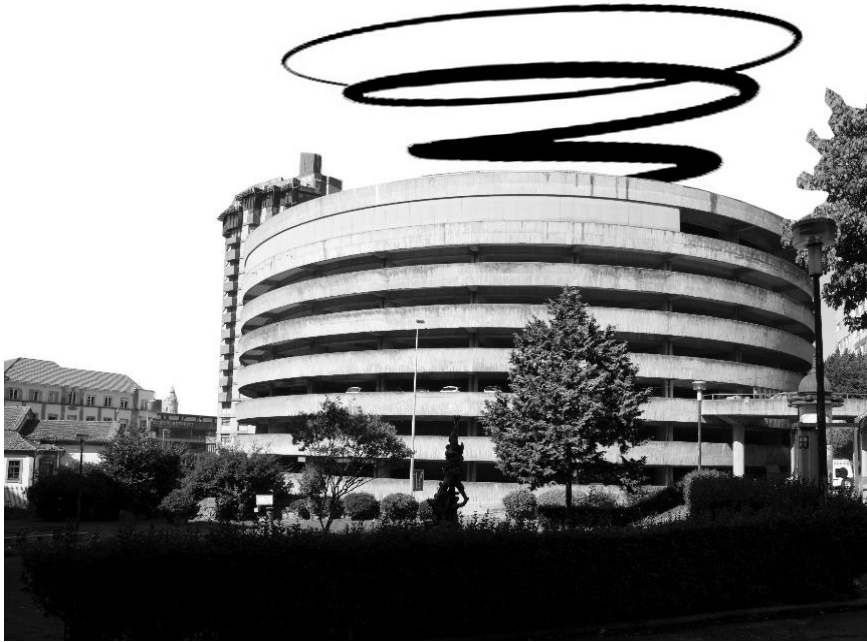


Figura 51 Conceito/ideia para projecto

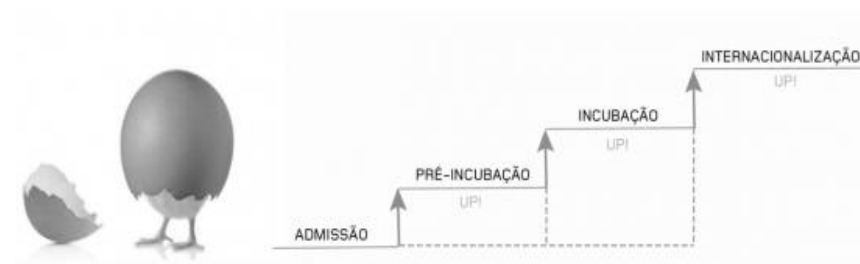


Figura 52 Processo de incubação

Conteúdo programático e conceito

A intervenção procura em primeiro lugar dar uma nova vida à área circunscrita para o projecto, concebendo um programa capaz de fazer parte da expansão cultural da cidade do Porto. Sendo que a área envolvente ao silo apresenta um bom estado de conservação das suas edificações, a proposta de intervenção focar-se-á sobretudo no silo auto.

A intervenção no silo auto surge com um programa sucinto de espaços que permitem o desenvolvimento e a promoção de jovens empresas.

Visto que o edifício apresenta grandes áreas achou-se pertinente a criação de open spaces ao longo dos 8 pisos e que aí se distribuíssem as incubadoras. No entanto, foram igualmente criados

espaços fixos onde se inseririam todo o tipo de equipamentos e requisitos essenciais para o funcionamento da incubadora.

O acesso ao edifício realiza-se pelo piso do rés-do-chão no lado sul do edifício e a norte no piso 4. Estes dois acessos públicos permitem uma rápida acessibilidade dos utilizadores ao edifício. Os acessos internos verticais realizam-se por duas escadas, pelas rampas existentes e por dois elevadores com capacidade para oito pessoas cada. As novas caixas de escadas foram pensadas de forma a terem um acesso fácil à rua de modo a que estas possam ter segurança contra incêndios.

O conteúdo programático para o silo auto será composto por:

Zonas comuns e acessos;

Zonas de serviço (arumos; restaurante; bar; administração...);

Zonas de eventos (3 salas de multifuncionais);

Open spaces com uma capacidade para aproximadamente 60 unidades modulares.

O rés-do-chão e o 1º piso dedicar-se-ão à promoção e à divulgação do projecto empresarial proposto. O segundo e o terceiro piso destinar-se-ão à promoção do empreendedorismo local e das indústrias criativas e culturais e ao processo inicial. No quarto e quinto piso serão dispostos apoios logísticos e administrativos do sistema empresarial. O sexto, sétimo e oitavo piso albergarão empresas consolidadas e maduras.

Sistema modular

Para a concretização da proposta desenvolveu-se um sistema modular, em que a partir de um módulo mínimo prefabricado em madeira se gera múltiplas configurações espaciais.

O sistema modular e respectivamente o módulo mínimo são constituídos por componentes que lhes permitem ser versáteis ao ponto de se adaptarem às várias necessidades. Assim, e respondendo ao desenvolvimento da proposta, os sistemas modulares podem funcionar como escritórios, salas de reunião, cafetarias, pontos de exposição, entre outros.

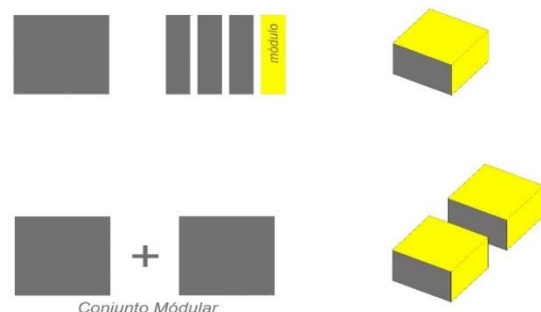


Figura 53 O sistema

A proposta

O módulo é um elemento pré-fabricado em madeira, de fácil montagem. Uma solução rápida e ao mesmo tempo económica definida pelas características morfológicas do todo, ou seja da combinação de vários módulos que juntos formam uma célula ou um conjunto modular.

A peça consiste num volume de dimensões 2,04x4,25m por 2.95m de altura, que garantem que o módulo possa receber peças de mobiliário de escritório ou equipamentos de empresas.

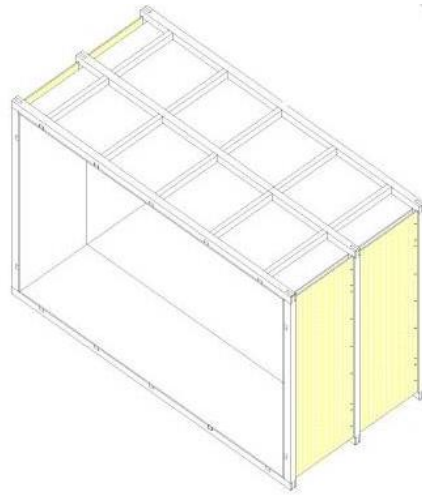


Figura 53 O módulo

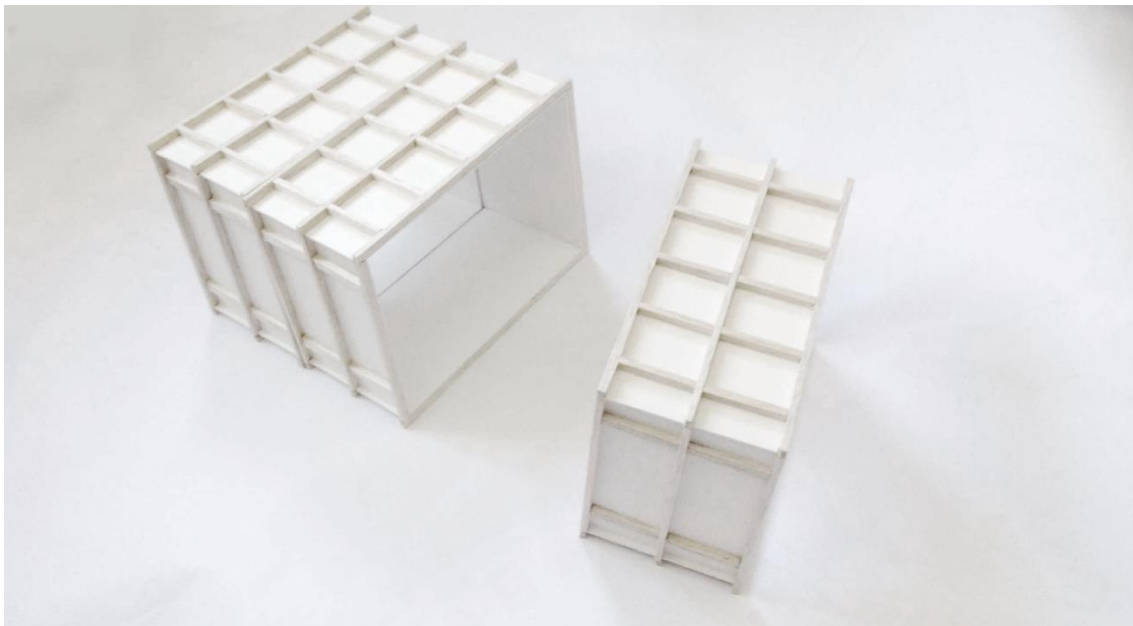


Figura 54 Maquete do Módulo

Com base no programa proposto definiram-se algumas tipologias modulares a partir do qual se pode criar uma infinidade de combinações que facilmente se poderão adaptar de forma a responder as várias exigências. Por exemplo, cada tipologia consegue criar num só volume escritórios, salas de reuniões, área de exposição, entre outros. A tipologia no fundo acabará por ser criada de forma a que esta se ajuste ao tamanho e à possibilidade de investimento que o empreendedor e a sua empresa têm.

A proposta

Dada a grande flexibilidade na organização dos conjuntos modulares a seguir apresentam-se algumas das soluções possíveis, que se julgaram oportunas tendo em conta a função a que estas se podem destinar.

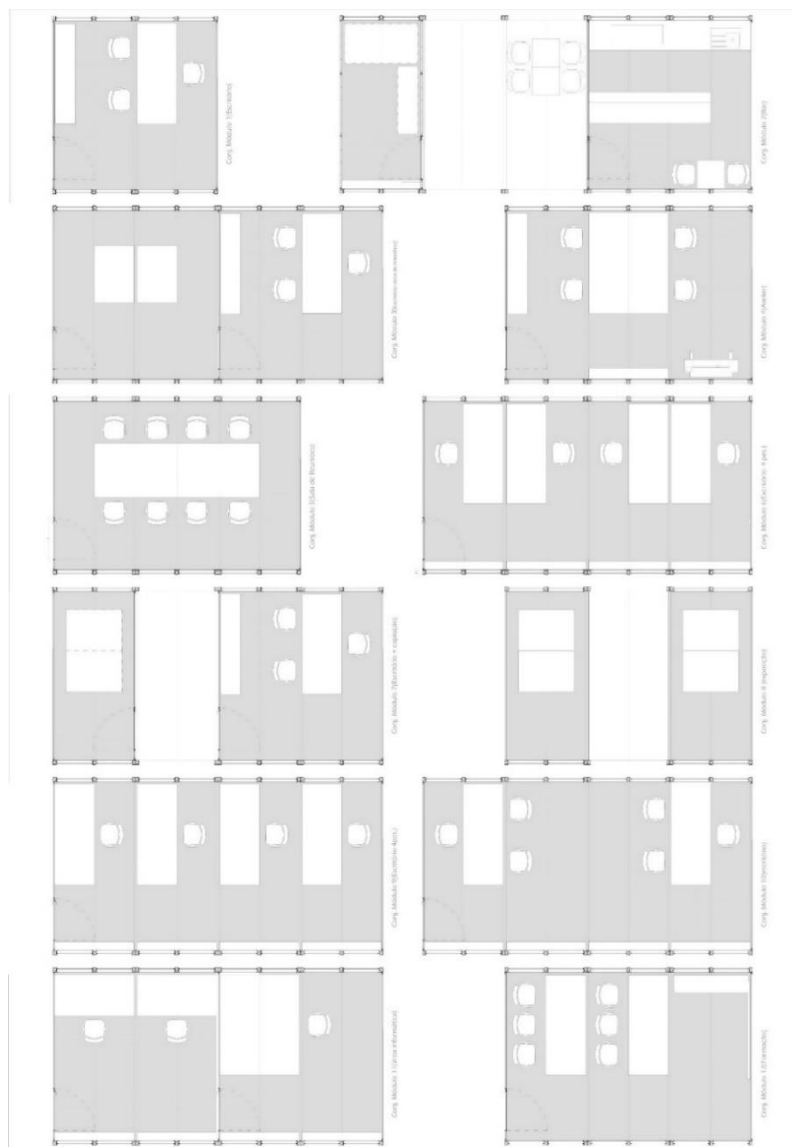


Figura 55 Soluções e possíveis organizações (folha 30- anexo)

Estrutura dos sistemas modulares

Cada módulo mínimo tem uma estrutura própria que garante a sua estabilidade, todavia quando os módulos se conectam entre si o conjunto das suas estruturas garantem uma maior consistência dos módulos.

A proposta

Os módulos unem-se entre si através de ligações aparafusadas e reforçadas com juntas metálicas (pormenor construtivo 5 do anexo). Estas asseguram o funcionamento e a estabilidade do conjunto de vários módulos e ainda permitem a aplicação de diversos acabamentos nos diferentes módulos (pormenor 3 do anexo).

A estrutura de madeira do módulo constitui o assentamento deste sobre o pavimento do edifício e ainda sustém o pavimento em contraplacado revestido com polipropileno do próprio módulo.

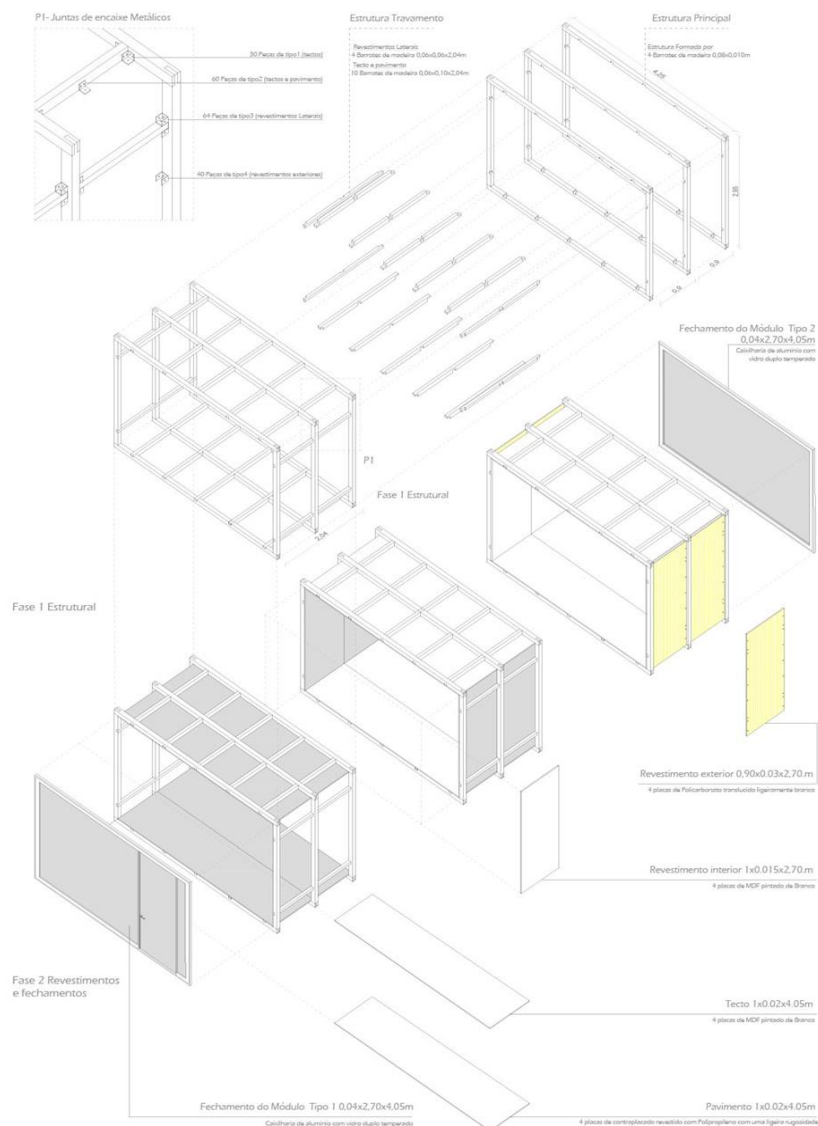


Figura 56 Construção do sistema modelar(folha 25-anexos)

Materiais, revestimentos e acabamentos

A madeira é utilizada em peças que unidas constroem toda a forma do módulo e ao mesmo tempo este material cria a estrutura que confere solidez e estabilidade ao módulo.

É de salientar a singularidade da madeira, um material natural que quando sujeito a determinadas técnicas de produção e tratamento, permitem manipular e explorar a sua forma e os diversos acabamentos da sua superfície. Neste sentido, na construção da estrutura do módulo torna-se necessária a aplicação de diferentes tipos de madeiras.



Figura 57 Madeira de Pinho, estrutura principal do módulo



Figura 58 MDF no qual será aplicado o acabamento em tinta para conferir-lhe o aspecto final idêntico ao gesso cartonado



Figura 59 Placas de contraplacado revestido com polipropileno o que já lhe confere um acabamento final e resistente à humidade

A imagem final das superfícies exteriores dos módulos resulta da aplicação de painéis semi-translúcidos em policarbonato. O aspecto exterior dos módulos poderá ser trabalhada e personalizada segundo a estratégia de marketing da empresa. Poderá ser aplicado ainda o logotipo sobre os painéis translúcidos.



Figura 60 Acabamento em Policarbonato

A proposta

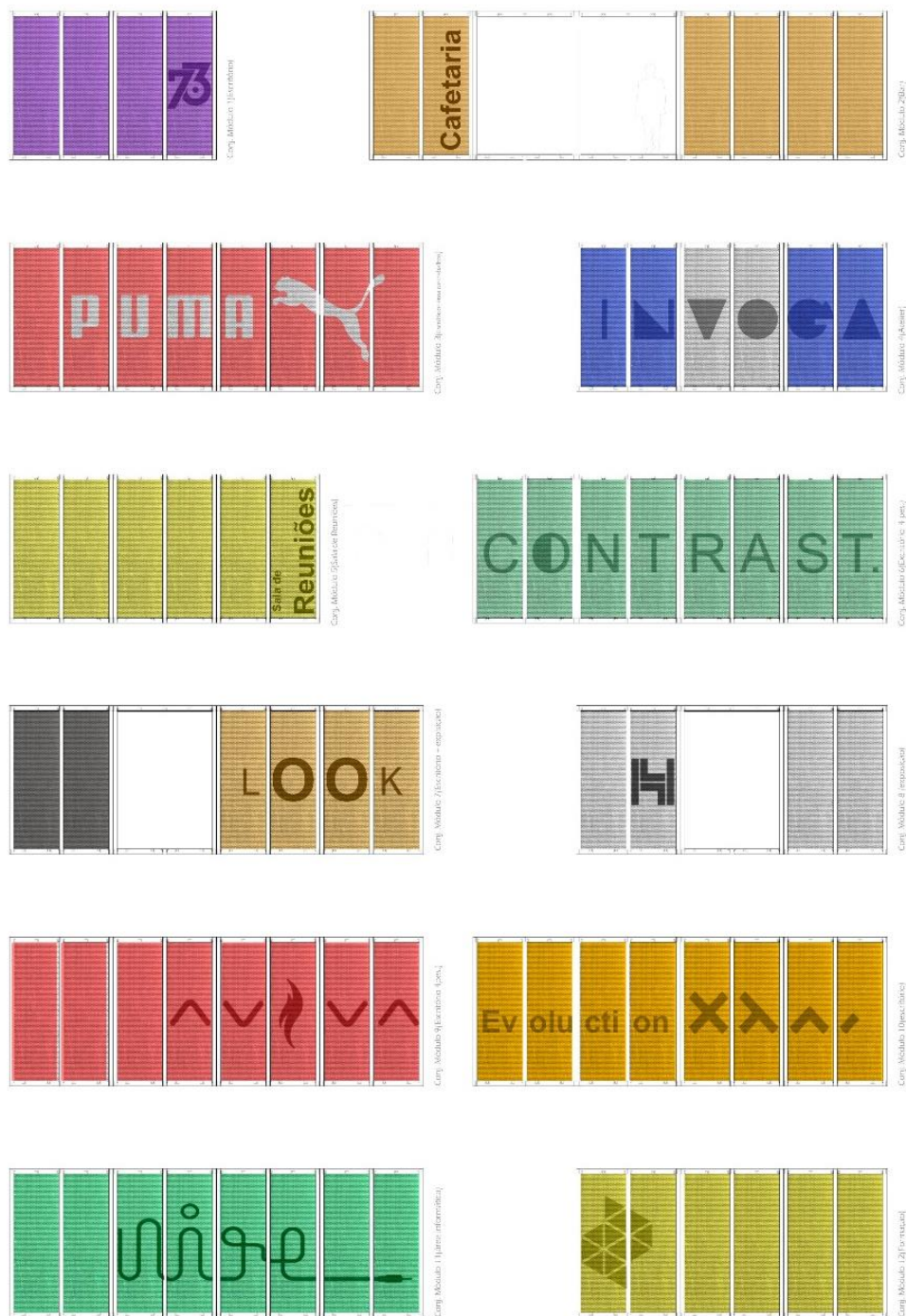


Figura 61 Proposta final para os modulos(folha31-anexos)

Bibliografia

Livros:

ALVES Fernando, 2003. *Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

AUGÉ, Marc, 2005. *Não-lugares introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: editora 90º

BENEVOLO, Leonardo, 1977. *Historia de la Arquitectura Moderna*. Barcelona: Gustavo Gili.

BIERMANN, Veronica, KLEIN, Barbara et. al., 2003. *Teoria da arquitectura do renascimento ao nossos dias*. Köln: Taschen

BRANDÃO, Pedro, HUGON, Hugo, et. al. 1995. *Livro Branco da Arquitectura e do Ambiente Urbano em Portugal*. Associação dos Arquitectos Portugueses. Litografia Tejo

BRANDÃO, Pedro, 2001. *O sentido da cidade-Ensaio sobre o mito da IMAGEM como ARQUITECTURA*. Lisboa: Livros Horizonte

BRANDÃO, Pedro; REMESAR, Antoni, 2004. *“desin Urbano inclusivo- Uma experiencia de projecto em Marvila” fragmentos e nexos*. Lisboa: Centro português de design

BRANDÃO, Pedro, 2006. *A cidade entre desenhos. Profissões, ética e interdisciplinaridade*. Lisboa: Livros Horizonte

CASTELLS, Manuel, 2000. *A questão Urbana*. São Paulo: edições Paz e Terra

CASTELLS, Manuel. *Problemas de investigação em sociologia Urbana*, Lisboa: Editorial: Presença

CHOAY, Françoise, 2010. *Alegoria do património*. Coimbra: edições 70

DEBORD, Guy, 1994. *Ceuvres Cinématographiques completes 1952-1978*. Paris: Éditions Gallimard

Dicionário Houaiss da língua Portuguesa, Tomo I A-Cza, Lisboa, , instituto António Houaiss de lexicografia Portugal 2003

Dicionário Houaiss da língua Portuguesa, Tomo II D-MER, Lisboa, , instituto António Houaiss de lexicografia Portugal 2003

Dicionário Houaiss da língua Portuguesa, Tomo III Mer-Zzz, Lisboa, , instituto António Houaiss de lexicografia Portugal 2003

Dicionário da língua portuguesa contemporânea, academia das ciências de lisboa G-Z, Lisboa: edições Verbo

DOMINGUES, Álvaro; SILVA, Isabel, et.al. 2003. *A Cultura em acção, Impactos sociais no território*. Porto: Edições Afrontamento

DOMINGUES, Álvaro; SEMEDO, Alice et. al 2003. *Actas do Colóquio de Museologia Industrial, Reconversão e Musealização de Espaços Industriais*. Associação para o Museu da ciência e Indústria

DOMINGUES, Álvaro, 2009. *A Rua da Estrada*. Porto: Dafne Editora

DOMINGUES, Álvaro, 2012. *Missão fotográfica, paisagem transgénica*, Guimarães

DOMINGUES, Álvaro; Silva, Olívia, 2013. *Topografias a norte*. Porto: scopio editorial line

EDWARDS, Brian, 2005. *O guia básico para a sustentabilidade*. Barcelona: Gustavo Gili

ESTEVES, João Pissarra, 2003. *Ciências da Comunicação - Espaço Público e Democracia*. Lisboa: Edições Colibri

Fernandes, José Manuel, 1993. *Arquitectura Portuguesa, Temas actuais*. Lisboa: Cotavia

FERREIRA, Vitor, 1975. *Movimentos sociais urbanos e intervenção política*. Porto: Edições Afrontamento

FORTUNA, Carlos; SANTOS, Augusto, 2002. *Projecto e Circunstância Culturas Urbanas Em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento

JORGE Gorjão, 2007. *Lugares em teoria*. Casal de Cambra: caleidoscópio

LEFEBVRE, Henri, 1970. *Revolution urbaine*. Paris: Gallimard

LYNCH, Kevin, 1981. *A boa forma da cidade*, Lisboa : edições 70

LYNCH, Kevin, 1960. *A imagem da cidade*. Lisboa: edições 70

LOPES, João Teixeira, 2000. *A Cidade e a Cultura. Um estudo sobre as práticas culturais urbanas*. Porto: Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto

- MELO, Alfredo, 1999. *A sociologia das cidades*. Lisboa: Editorial Afrontamento
- MUMFORD, Lewis, 1989. *The City in history: its origins, its transformations, and its prospects*. London: Penguin Books
- NORBERG-SCHULZ, Chistian, 1998. *Intenciones em arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili,
- PIRES, Amílcar, 2013. *A Quinta de Recreio em Portugal- Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*. Casal de Cambra: caleidoscópio
- PORTAS, Nuno, 1983. *Conservar Renovando ou Recuperar Revitalizando*. Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro
- PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João, 2003. *Políticas urbanas - tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- PORTAS, Nuno, 2011. *A cidade como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte
- RODRIGUES, Jacinto, 2006. *Sociedade e território Desenvolvimento Ecologicamente Sustentável*. Porto: Profedições
- ROGERS, Richard, 2001. *Cidades para um pequeno planeta*. Barcelona: Gustavo Gili
- ROSENAU, Helen, 1998. *A Cidade ideal evolução arquetónica na Europa*, Lisboa, Editorial Presença
- ROSSI, Aldo, 2001. *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Edições Cosmos
- SILVA, Augusto, LUVUMBA, Felícia, et.al. 2000. *Públicos para a Cultura, na Cidade do Porto*. Porto: Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto
- SASSEN, Saskia (2001) *Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University
- SANTIAGO, Miguel, 2013. *Pensamento X, Cidade|Arquitectura|Pedagogia*. Covilhã: Universidade da Beira Interior
- TÁVORA, Fernando, 2006. *Da organização do espaço*. Porto: FAUP publicações
- TRAQUINO, Marta, 2010 *A construção do lugar pela Arte Contemporânea*, Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus
- VIRILIO, Paul ,2000. *A Velocidade da Libertação*. Lisboa: Relógios d'Água
- Zevi, Bruno, 1977. *Saber ver a arquitectura*. Lisboa: Editora Arcádia

Dissertações:

Menezes, Manuel, 2008. In *Velocidade, Acidente e Memória*, Viseu, Universidade Católica Portuguesa. Disponível em <http://z3950.crb.ucp.pt/Biblioteca/GestaoDesenv/GD15_16/gestaodesenvolvimento15_16_69.pdf> [consultado em Abril de 2014]

Ana Luisa Brandão in *PENSAR A CIDADE, no TEMPO da Incerteza. Sobre modelos e paradigmas da cidade contemporânea*, Lisboa, 2009, Dissertação de mestrado em Arquitectura . Universidade técnica de Lisboa (UTL).

Celina Batista in *A cidade como sistema. O papel do Arquitecto*, Covilhã, 2011, Dissertação de mestrado em Arquitectura. Universidade da Beira Interior (UBI)

Carina Costa in *APOLOGIA DO LUGAR um corpo no vazio [urbano]*, Covilhã, 2009, Dissertação de mestrado em Arquitectura. Universidade da Beira Interior (UBI)

Mário Rodrigues in *Cidade. tipo logias, cultura, virtual. Metamorfoses do espaço urbano contemporâneo*. Covilhã, 2009, Dissertação de mestrado em Arquitectura. Universidade da Beira Interior (UBI)

Artigos e revistas:

A base económica do Porto e o emprego. Disponível em http://www.cm-porto.pt/users/0/56/ABaseEconmicoPortoeoEmprego_b4d6c4051396fe075aa063a27bc0b605.pdf [consultado em Maio de 2014]

CARLOS, Ana, 2007. O lugar no/do mundo. São Paulo. Disponível em <http://www.controversia.com.br/uploaded/pdf/12759_o-lugar-no-do-mundo.pdf> [consultado em Maio de 2014]

Pires, Amílcar Gil, “caracter da arquitectura e do lugar” in ARTiTEXTOS, nº6, Julho de 2008, p.108 a 120

Pedro Brandão in “A cidade, como tudo o que é sólido, está a derreter-se no ar? . Ensaio provisório, sobre Duração e Complexidade”, Lisboa, 2009, disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Waterfront/article/view/218901/299221>> [consultado em junho de 2014]

Os "Discursos (Re)visitados", sessão dedicada a Bernardo Secchi, (Fonte: <http://tv.up.pt/videos/HE9yeqL0> (consultado em Abril de 2014))

Fontes da internet:

Exemplo de incubadora da Universidade do Porto. Disponível em: <http://uptec.up.pt/corporate/incubacao/servicos-gerais> [consultado em Agosto de 2014]

Inova Portugal. Disponível em: <http://www.inovaportugal.com/portfolio/incubacao-empresarial-em-portugal/> [consultado em Agosto de 2014]

Intervenção de Álvaro Domingues na conferência *os não-lugares da Cidade do Porto*. Disponível em: http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/04/os-planos-para-o-portodos-almadas-aos_7351.html [consultado em Maio de 2014]

Ted Ideas worth spreading, conferência "Can a city be too technological?" de Saskia Sassen, Fevereiro de 2013. Disponível em <http://blog.ted.com/2013/02/26/can-a-city-be-too-technological-saskia-sassen-at-ted2013/> [consultado em Abril de 2014]

Creative Eupope. Disponível em : http://ec.europa.eu/culture/our-policy-development/doc2577_en.htm [consultado em julho de 2014]

Estudo urbanístico da Avenida dos Aliados. Disponível em: <http://www.portovivo.sru.pt/pdfs/estudo.pdf> [consultado em Junho de 2014]

Ciber cidades: Um novo espaço Público?. Disponível em: <http://cibermundos.net/cibercultura/cibercidades-um-novo-espaco-publico/> [consultado em Junho de 2014]

Diogo Vasconcelos e Jacinto Rodrigues, A especificidade dos países do Sul, Revista Angolana de Sociologia, nº8 | 201. Disponível em: <http://ras.revues.org/605> [consultado em Abril de 2014]

O colosso de betão da Baixa já nem para estacionamento serve. Disponível em: <http://www.publico.pt/local-porto/jornal/o-colosso-de-betao-da-baixa-ja-nem-para-estacionamento-serve-23878962> [consultado em Agosto de 2014]

O conceito de lugar. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225> [consultado em Abril de 2014]

Formato do concurso *Unexpected City*. Disponível em: http://hypcup2014.uedm.agazine.net/Eg_index.php?author=3 [consultado em Março de 2014]

Impactos das Capitais Europeias da Cultura, disponível em:

<http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=14&ved=0CGsQFjAN&url=http%3A%2F%2Fwww.gepac.gov.pt%2Fgepac-dsepac%2Festudos-e-estatisticas%2Festudos%2F05-impactos-economicos-e-sociais-da-guimaraes-2012-capital-europeia-da-cultura--relatorio-executivo-universidade-do-minho-2013-pdf.aspx&ei=vRkkVM_INe3W7QbczYDQDA&usg=AFQjCNGN_V99p7dWjpMmhmDlnA9wf0UuYQ&bv=bv.76247554,d.ZGU>[consultado em setembro de 2014]

Anexos

Folha 01- planta de localização
Folha 02- planta cultura
Folha 03- planta de levantamento dos estacionamentos
Folha 04- planta de implantação
Folha 05- planta do rés-do-chão (1.200)
Folha 06- planta do piso 1 (1.200)
Folha 07- planta do piso 2 (1.200)
Folha 08- planta do piso 3 (1.200)
Folha 09- planta do piso 4 (1.200)
Folha 10- planta do piso 5 (1.200)
Folha 11- planta do piso 6 (1.200)
Folha 12- planta do piso 7 (1.200)
Folha 13- planta do piso 8 (1.200)
Folha 14-corte AA' (1.200)
Folha 15- corte BB' (1.200)
Folha 17- corte construtivo 1 (1.50)
Folha 18- corte construtivo 2 (1.50)
Folha 19- secção rés-do-chão (1.50)
Folha 20- secção piso 3 (1.50)
Folha 21- secção piso 5 (1.50)
Folha 22- secção piso 7 (1.50)
Folha 23- corte construtivo 3 da secção (1.50)
Folha 24- pormenores construtivos (1.20)
Folha 25- isometria etapas de construção
Folha 26- módulo- plantas (1.20)
Folha 27- módulo- vistas (1.20)
Folha 28- módulo- cortes (1.20)
Folha 29-pormenores construtivos (1.5)
Folha 30- tipologias
Folha 31- tipologias vistas